



Revista Cristã

Última Chamada

Edição Especial nº 07

A Segunda Vinda de Cristo:

Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilado por
César Francisco Raymundo

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilado por César Francisco Raymundo

- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial Nº 07

Edição, Capa e Editoração Eletrônica
César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

Periódico *Revista Cristã Última Chamada*, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail:

ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,

1ª edição, Outubro de 2011.

2ª edição, Dezembro de 2014.

Índice

Apresentação.....	6
Introdução.....	7
• O Significado de Palavras e Termos Usados Nesta Obra.....	8
• A Teoria do Duplo Cumprimento.....	9
• A Ortodoxia Cristã Exige o Preterismo.....	11
Capítulo 1 – O Anticristo, o Homem da Iniquidade e a Besta.....	13
• Quem é o Anticristo?.....	13
• O Homem do Pecado.....	14
• Quem é “Aquele” que Detém o Homem do Pecado?.....	17
• A Besta.....	17
• A Marca da Besta.....	20
Capítulo 2 – O Livro do Apocalipse.....	23
• O Código do Apocalipse: Introdução.....	23
• Apocalipse: Chaves Para Interpretação.....	32
• A Natureza do Apocalipse: Apocalíptica?.....	34
• Um Breve Sumário do Apocalipse.....	36
Capítulo 3 – O Arrebatamento da Igreja.....	40
• A Origem do Ensino de um Arrebatamento Pré-Tribulacional.....	40
• O Arrebatamento.....	42
• O Arrebatamento II.....	43
• Arrebatamento e Ressurreição.....	47
• Um Será Levado.....	49
Capítulo 4 – O Fim do Mundo e o Significado do “Dia do Senhor” e “Últimos Dias”.....	53
• Sincronizando “o Dia do Senhor”.....	53
• O Dia do Senhor.....	58
• Os Últimos Dias.....	61
• Os Últimos Dias II.....	67
• Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão?.....	68
Capítulo 5 – O que é o Dispensacionalismo?.....	71

• Dispensacionalismo: Esse meu desconhecido!.....	71
• Você Poderia ser um Dispensacionalista se... ..	76
Capítulo 6 – O Significado de “Não Passará esta Geração”.....	77
• Esta Geração ou Esta Raça?.....	77
• A Última Geração.....	82
Capítulo 7 – A Grande Tribulação.....	90
• A Grande Tribulação: Local ou Global?.....	90
• Quando vai Começar a Grande Tribulação?.....	92
• Ainda Esperando por uma Tribulação de Sete Anos.....	93
Capítulo 8 – A Segunda Vinda de Cristo.....	96
• Os Apóstolos Esperavam a Volta de Cristo na Época Deles?.....	96
• O Sermão Profético.....	97
• Predições de Cristo I e II.....	100
• Predições de Cristo II.....	104
• Como Jesus Veio nas Nuvens em 66-70 d.C.?.....	122
• Mateus 24.30 "...e então todas as tribos da terra se lamentarão...".....	126
• A Parousia na Epistola a Tito.....	127
• A Parousia na Epistola aos Filipenses.....	127
• Versículos que Usam o Grupo de Palavra Engus.....	129
• Versículos que Usam o Grupo de Palavra Mello.....	130
• Versículos que Usam o Grupo de Palavra Taxos.....	131
• Sobre a Iminência do Retorno de Cristo.....	133
• O Pós-Milenismo Elimina a Vigilância?	136
Capítulo 9 – O Reino de Cristo já Começou!.....	139
• Pós-Milenismo: Um Resumo.....	139
• Lucas 18.8 e o Pós-Milenismo.....	145
• Mateus 7.13-14 e o Pós-Milenismo.....	147
• O Pós-Milenismo versus 2ª Timóteo 3.1-4, 13.....	149
• O Reino de Cristo não é Deste Mundo?.....	150
• O Reino de Cristo.....	152
• É Possível ser Pós-Milenista após Duas Grandes Guerras Mundiais?.....	154
• A Conspiração da Semente de Mostarda.....	156
• O Futuro Glorioso da Igreja.....	159
Conclusão.....	168
Índice para Pesquisa no Site.....	172

Apresentação

Este livro é o resultado de uma compilação de vários autores de renome no assunto escatologia. Reuni aqui as mais diversas e importantes questões a respeito da Segunda Vinda de Cristo. Vinda essa que tem sido tratada por muitos como uma mera ficção científica digna de filmes de hollywood. Com muita dedicação compilei vários artigos sobre cada assunto. Por exemplo, o leitor encontrará cinco artigos sobre o tema arrebatamento no capítulo 3. Isto não significa que são cinco artigos divergentes, mas são artigos que se complementam entre si. Assim, o leitor, terá maior proveito e um aprendizado mais consistente a respeito de tão importante assunto, como é a escatologia bíblica.

Portanto, o tempo presente exige que tenhamos elucidadas todas as questões em torno da Segunda Vinda de Cristo. É hora de não mais perdermos tempo com especulações, ficções e fantasias. Não compre pacotes fechados! Ouse questionar. Deus lhe deu esse direito. Termino esta apresentação aconselhando o leitor que tenha a seguinte postura com relação a todos os artigos escritos aqui: *“Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim”*. (Atos 17.11 - o grifo é meu)

Boa leitura!

Introdução

Se, o leitor, fizer uma rápida pesquisa no site de busca Google sobre os assuntos fim do mundo, volta de Cristo, escatologia e milênio, irá encontrar uma verdadeira parafernália teológica, ficção, fantasia e sensacionalismo em torno desses assuntos. Infelizmente, às pessoas abandonaram às Escrituras como base para o assunto Escatologia e a substituíram pelas últimas notícias dos jornais. Sim, muitas pessoas, senão à maioria, não estão mais usando somente a Bíblia como regra de fé para saber sobre os assuntos escatológicos.

A grande maioria das igrejas ensinam o Dispensacionalismo que é uma doutrina escatológica que afirma que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação sob o governo mundial do Anticristo, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra. Essa doutrina foi desenvolvida no século XIX pelo ministro anglicano John Nelson Darby e sua interpretação sobre os eventos descritos no livro de Apocalipse de João na Bíblia Sagrada.

E para por mais lenha na fogueira foi lançada a Série de livros Left Behind (Deixados Para Trás) de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins. Essa é uma obra ficcional que narra os últimos dias na Terra após o arrebatamento da igreja, conforme doutrina desenvolvida no século XIX pelo já citado ministro anglicano John Nelson Darby (Dispensacionalismo). A Série se tornou um grande sucesso de vendas e transformou-se em três filmes e é também alvo de pesadas críticas, tanto da parte de cristãos quanto de céticos.

O fato é que o Dispensacionalismo é uma doutrina recente com quase dois séculos de existência. Esse ensino foi ignorado durante os primeiros dezoito séculos da igreja cristã. Não é porque uma doutrina é recente que seja falsa, mas o Dispensacionalismo deixa muito a desejar e ultrapassa o que está escrito na Bíblia. O Dispensacionalismo é o causador de uma verdadeira confusão teológica, pois muitos autores dispensacionalistas listam até 22 eventos separados sobre a vinda de Cristo e utilizam quadros complicados para explicarem sua doutrina. Ensinam sobre "sete dispensações, oito pactos, duas segundas vindas, três ou quatro ressurreições, e pelo menos quatro julgamentos. É difícil conceber isto como sendo o ensino da Bíblia, que foi escrita numa linguagem simples para pessoas simples; sim, para crianças.

Agora, nos dirigiremos à refrescante, não complicada e clara Palavra de Deus, para obter luz nestes assuntos".¹

O Significado de Palavras e Termos Usados Nesta Obra²

Para que o leitor possa ter maior proveito e não tropeçar em alguns termos e palavras desconhecidas, coloquei abaixo o significado de cada termo usado nesta obra.

Amilenismo - O amilenismo, ou amilenianismo, na escatologia cristã, crê que o milênio de Apocalipse 20 deve ser interpretado simbolicamente. Ao contrário do que a palavra deixa a entender, sendo ausência de milênio, o amilenismo crê num milênio, porém não da forma literal como os pré-tribulacionistas ou os pós-tribulacionistas. O amilenismo clássico crê num milênio que iniciou-se com a primeira Vinda de Cristo, representando o período do Evangelho, que segue entre a Ressurreição de Cristo e a Segunda Vinda de Cristo. Entende, assim, a primeira ressurreição de modo espiritual: se a segunda morte é a separação de Deus no lago de fogo, a primeira ressurreição é a união com Cristo até a ressurreição dos justos, para o juízo final. Logo, espiritualmente, os mortos em Cristo já estariam participando do milênio no Paraíso, encontrado no Terceiro Céu, onde Deus habita. Durante esse período, Satanás estaria preso de modo não total, ficando inerte, mas teria seu poder limitado com a morte e ressurreição de Cristo, de modo que não pode impedir o crescimento do Evangelho.

De modo geral, o Milênio, na visão amilenista, seria o período da Dispensação da Graça, onde os justos falecidos habitariam com Deus e Satanás teria seu poder limitado, culminando com a Volta de Cristo e com o Juízo Final e único, iniciando a Eternidade.

Dispensacionalismo - O dispensacionalismo é uma doutrina escatológica que afirma que a segunda vinda de Jesus Cristo será um acontecimento no mundo físico, envolvendo o arrebatamento e um período de sete anos de tribulação, após o qual ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do reino de Deus na Terra.

Escatologia - A Escatologia é uma parte da teologia que trata dos últimos eventos da história do mundo e do destino final do ser humano, comumente chamado fim do mundo.

Pré-milenismo - Pré-milenismo, ou Pré-milenarismo, é a crença segundo a qual o que está descrito na Bíblia a respeito do milênio e de acontecimentos futuros são fatos históricos e proféticos, especialmente o livro de Apocalipse. Tornou-se a base da teologia dispensacionalista.

Pós-milenismo - O pós-milenismo é a escola escatológica que defende que Cristo virá pela segunda vez, ao término do Milênio. Muitos pós-milenistas crêem que a era Milenar iniciou-se quando Cristo foi assunto ao céu, e outros crêem que ela surgirá quando o Evangelho houver sido pregado em toda terra, promovendo uma Era Áurea de Justiça e Paz para a humanidade.

O pós-milenismo espera que a grande maioria da população mundial se converterá à Cristo antes de Seu retorno glorioso. Compete à igreja cristã divulgar Seus ensinamentos, discipulando as nações, ensinando seus povos a aplicar os princípios do Reino de Deus em cada área da vida humana.

O pós-milenismo defende uma interpretação preterista das profecias apocalípticas, e crê que o sermão profético de Jesus, narrado em Mateus 24, cumpriu-se ainda naquela geração, com a queda de Jerusalém pelas mãos dos romanos.

Preterismo - O preterismo é a metodologia mais popular para o exame do Apocalipse entre os eruditos críticos. Essa escola é também conhecida como a contemporânea-histórica. Essa escola inclui exegetas tão brilhantes quanto Beckwith, Swete, Ramsay, Simcox, Moses Stuart, e F. F. Bruce.

Esses escritores entendem que as profecias do livro do Apocalipse cumpriram-se na destruição de Jerusalém (em 70).

A força do Preterismo é que se baseia em considerável montante de verdade. O livro de Apocalipse de João deve ter feito sentido para os seus primeiros leitores, seus contemporâneos: Que pastor escreveria uma carta para o seu rebanho que não tivesse imediato significado para essas ovelhas?

Porém, há outras correntes de interpretação das profecias, dentre elas o Historicismo e o Futurismo.

A Teoria do Duplo Cumprimento³

Escrito Por César Francisco Raymundo

Se a Bíblia é tão simples para pessoas simples, porque então há tantos teólogos e pastores que crêem no dispensacionalismo? Primeiro, é preciso entender que as pessoas abraçam apressadamente uma determinada doutrina e

na grande maioria das vezes não fazem uma análise minuciosa. E também é pelo fato da Bíblia ser muito simples, é que os homens costumam complicá-la.

O fato é que os dispensacionalistas sabem o real significado das profecias bíblicas, mas eles acrescentam a Teoria do Duplo Cumprimento. O que vem a ser essa teoria? A Teoria do Duplo Cumprimento ensina que muitas profecias podem ter duplo cumprimento semelhantemente as profecias do Antigo Testamento que apontavam para Cristo. Um exemplo disso é o Salmo 41.9 que diz: *“Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”*. Esse fato ocorreu na vida do rei Davi, ele foi traído pelo seu amigo íntimo, seu próprio conselheiro, de nome Aitofel. Isto pode ser uma pré-figuração da traição de Judas no Antigo Testamento (2º Samuel 15.12.31).

Embora foi um fato ocorrido na vida de Davi, posteriormente, os apóstolos aplicaram o Salmo 41.9 a traição de Judas. Assim podemos dizer que uma profecia só tem “duplo cumprimento” quando às Escrituras mesmo corroboram para esse fato. Quando os apóstolos citam alguns Salmos, sabemos que eles se referiam primeiramente aos ouvintes originais, mas o próprio Espírito Santo o “jogou” para o futuro cumprimento.

Os dispensacionalistas fazem o mesmo com algumas profecias sobre escatologia. Veja o exemplo da Grande Tribulação descrita por Jesus: *“...porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais”*. (Mateus 24.21)

Muitos pastores dispensacionalistas concordam que esse versículo fala somente sobre a destruição de Jerusalém que ocorreu no 70 d.C. Só que eles aplicam aqui o duplo cumprimento afirmando que ainda haverá outra Grande Tribulação em escala mundial sobre o governo do Anticristo. E alguns ainda têm a cara de pau de afirmar que já houve outras tribulações no mundo piores do que a que houve em Jerusalém conforme profetizado por Jesus.

O problema é que Jesus fechou a questão e foi claro ao dizer: *“...porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais”*. Como pode ter havido outras tribulações piores do que a que houve em Jerusalém no 70 d.C.? Como poderá haver outra se Jesus disse que nunca mais haverá? Você crê em uma teoria que os teólogos enfiam dentro da Bíblia ou crê nas simples palavras de Cristo?

Veja o que o teólogo Joy Rogers nos diz sobre a Teoria do Duplo Cumprimento:

“É óbvio que a maioria das profecias de Daniel já foram cumpridas. A maioria dos futuristas e historicistas prontamente admitem isso, mas não fazem as aplicações históricas a todos os reinos e governantes da história antiga como eu fiz. Em vez disso, o que eles fazem é tomar as passagens mais obscuras e

aplicá-las a eventos na Idade Média ou do futuro. Isso é algumas vezes chamado de: “A Teoria do Duplo Cumprimento”.

Será que profecias podem operar em diferentes níveis? Uma profecia pode falar num nível sobre coisas que estavam por acontecer no tempo de vida do profeta, mas em outro nível nos falar hoje sobre coisas que ainda não de acontecer? Existe tal coisa como um “duplo cumprimento” para as profecias em Daniel, Mateus 24 e Apocalipse?

Devemos crer que todos os detalhes de Daniel, do sermão no Monte das Oliveiras e de Apocalipse ocorrem duas vezes? Dois rolos com seis selos? Duas bestas? Dois grupos de 144.000? Dois Armagedons? Dois Milênios? Poderíamos continuar citando mais e mais.

Se você adota uma visão de duplo cumprimento, você está fazendo isso sobre a base de influência teológica, e não mediante métodos sadios de interpretação”.⁴

Outro motivo pelo qual as profecias sobre Jesus tinham duplo cumprimento era o fato de que o Velho Testamento era à sombra das coisas que haveriam de vir (Colossenses 2.16,17), a realidade hoje é Cristo. O Senhor Jesus Cristo é a luz, o Verbo, a Palavra, Ele é o cumprimento final de tudo e Ele é suficiente para explicar a si mesmo. Se Jesus não for suficiente para explicar a si mesmo, e se as profecias continuam obscuras com duplo cumprimento como no Antigo Testamento, quem poderá então ter a interpretação correta da escatologia? Os dispensacionalistas? Temos que ser dependentes de teólogos especialistas para termos a real interpretação dos fatos em torno da segunda vinda de Cristo?

A Ortodoxia Cristã Exige o Preterismo⁵

Escrito por Felipe Sabino de Araújo Neto

O termo “preterismo” é baseado no latim *preter*, que significa “passado”. Preterismo refere-se ao entendimento de que certas passagens escatológicas já foram cumpridas. Muitos cristãos são avessos ao preterismo, como se esse fosse um desafio à ortodoxia cristã. Contudo, precisamente o oposto é verdadeiro: o próprio fato de sermos cristãos nos torna preteristas.

Todos os cristãos, necessariamente, são preteristas de certa forma. O que é o Cristianismo senão a proclamação de que as profecias do Antigo Testamento sobre o Messias que haveria de vir foram cumpridas em Cristo? De fato, historicamente falando, são os judeus ortodoxos que rejeitam o nosso preterismo, posto que nos acusam de engano ao aplicar as profecias messiânicas do Antigo Testamento a eventos passados. É esse “antipreterismo”

deles que os impede de serem cristãos. Infelizmente, muitos cristãos seguem o futurismo cego dos judeus, embora aplicado sobre outras passagens.

Os cristãos que dizem que certas passagens escatológicas “não podem” ter sido cumpridas, sem demonstrar isso exegeticamente, estão na mesma posição dos judeus ortodoxos que dizem que o Salmo 22 ainda haverá de se cumprir no futuro, quando o verdadeiro Messias chegar.

Com que autoridade alguém pode dizer que os salmos e outras porções do AT podem e de fato já foram cumpridas, mas que o Apocalipse e outras profecias “escatológicas” precisam esperar um cumprimento futuro? Se aceitamos que algumas passagens já foram cumpridas (e de fato foram!), por que espernear tanto diante da apresentação convincente de que outras também o foram? Para manter a “tradição”? Na réplica, exigimos que a prova seja exegética, considerando-se o contexto das passagens e o ensino da Escritura em geral! Não basta simplesmente dizer que o mundo está cada vez pior, que o mal está crescendo a cada dia, etc. Não queremos exegese de manchetes de jornais, mas da infalível Palavra de Deus.

Assim, longe de ser uma ameaça à ortodoxia cristã, o preterismo está totalmente de acordo com as Escrituras.

BIBLIOGRAFIA

1. O Erro Pré-Milenista ou O Rapto e a Revelação. Autor: Rev. D. H. Kuiper
Site: www.monergismo.com
2. Site: www.pt.wikipedia.org
3. A Teoria do Duplo Cumprimento. Autor: César Francisco Raymundo.
Site: www.revistacrista.org
4. Teoria do “Duplo Cumprimento” da Profecia. Autor: Jay Rogers. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Fonte: In the Days of these Kings...
Site: www.monergismo.com
5. Artigo: A Ortodoxia Cristã Exige o Preterismo. Autor: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 1 -

O Anticristo, o Homem da Iniquidade e a Besta

Segundo alguns, o Anticristo, o Homem da iniquidade e a Besta trata-se do mesmo personagem que aparecerá no fim dos tempos. Neste capítulo iremos esclarecer sobre algumas distorções que têm sido feitas a respeito desse personagem.

Quem é o Anticristo?¹

Escrito por D. Allan

Guerras e rumores de guerras! Conflitos entre nações no Oriente Médio. Ataques terroristas em Israel. As manchetes do dia sugerem, para muitas pessoas, que estejamos na contagem regressiva aos eventos finais do plano de Deus para este mundo. Qualquer dia, pensam alguns, deve aparecer o terrível Anticristo.

Segundo a bem divulgada doutrina de premilenarismo, o Anticristo reunirá as forças do mal para enfrentar o exército de Cristo numa batalha decisiva. Há diversos aspectos dessa doutrina que contradizem os ensinamentos bíblicos, mas neste artigo vamos considerar um ponto só: o Anticristo.

A palavra "anticristo" é bíblica, mas a doutrina citada acima não é. Ao invés de inventar e espalhar teorias humanas sobre o Anticristo, devemos nos contentar com a palavra de Deus. Vamos ler agora todas as passagens bíblicas que usam a palavra "anticristo":

“Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora” (1 João 2:18).

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho” (1 João 2:22).

“Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não

procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo” (1 João 4:2-3).

“Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo” (2 João 7).

Nestes trechos - os únicos na Bíblia que usam a palavra "anticristo" - podemos observar alguns fatos importantes:

- A Bíblia não fala de uma só pessoa conhecida como o Anticristo, mas de muitos anticristos.
- A última hora, no contexto dos anticristos, não se refere ao fim do mundo, porque João disse que a última hora já havia chegado no primeiro século.
- Estes textos não falam de um Anticristo futuro, mas de muitos que já saíram do meio dos cristãos do primeiro século.
- Um anticristo é uma pessoa que nega Cristo, ou que nega que este veio na carne.

O perigo das doutrinas humanas sobre o Anticristo é que desviam a atenção dos fiéis das verdadeiras ameaças em forma de tentações e doutrinas contra Cristo, porque as pessoas examinam os jornais procurando sinais da vinda de uma figura terrível. Ao invés de esperar a vinda de um grande inimigo de algum outro país, devemos nos defender contra os inimigos de Cristo que já estão no mundo desde a época da Bíblia.

O Homem do Pecado²

Escrito por David S. Clark

Quem é ou o que é o homem do pecado, a que se faz referência em 2Ts. 2:3?

1. Em Daniel 11:21-45, temos a descrição de um rei chamado “um homem vil”, que havia de profanar o santuário e faria cessar o contínuo sacrifício, e levantaria a abominação da desolação. Este rei vil seria muito poderoso, faria guerra e venceria e mostraria seu despeito e ódio peculiares para com a Terra Santa e o Santo Concerto.

O personagem que se adapta a esta descrição é Antíoco Epifanes, o monstro da dinastia Selêucida da Síria, que reinou de 175-164 a.C.

Que esta identificação é correta se pode ver nas alusões históricas de todo o capítulo 11. O rei do norte e o rei do sul são as figuras da cena. Isto se refere à Síria e ao Egito. A terra de Israel se achava entre os dois, às vezes dominada pelos Ptolomeus, outras vezes pelos Selêucidas, e afinal completamente assolada por Antíoco. A referência à abominação que faz desolação é, portanto, historicamente aplicada a Antíoco Epifanes.

2. Mas em Daniel 9:26-27, a referência é a uma “abominação” ligada com a retirada do “Messias” e com “o Príncipe que virá” e “destruirá a cidade e o santuário”. Isto se adapta a um evento histórico diferente.

Em Mateus 24:15, Cristo aplica esta profecia aos tempos da destruição de Jerusalém: *“Quando, pois, virdes que a abominação da desolação de que falou o profeta Daniel está no lugar santo”*. O lugar santo era um apartamento no templo, e estas palavras de Cristo não somente pareciam ligar esta abominação com o cerco de Jerusalém, mas colocar o causador dela entre os que fariam o cerco. Esta “abominação” é evidentemente Tito à frente dos exércitos romanos. E isto se torna evidente diante da passagem paralela em Lucas 21:20: *“Porém, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que já é chegada a sua assolação”*. Lucas explica Mateus, e não há dúvida alguma quanto à referência histórica em relação à “abominação”.

É óbvio que Daniel se refere, em um lugar a Antíoco, e, em outro, ao poder romano.

3. Em 2Ts. 2:1-12, temos a referência de Paulo ao Homem do Pecado. São vários os fatos mencionados: o Homem do Pecado, a Apostasia, aquele que o detém, o Dia do Senhor e Sua Vinda.

“O Homem do Pecado” – que é ele? Assim como Cristo se referiu a ele como estando num lugar santo, assim também diz Paulo: *“Assim ele se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus”*. Isto considera o templo como ainda de pé e, portanto, como anterior à sua queda. Tanto Cristo como Paulo ligam o Homem do Pecado com o templo em Jerusalém e o localizam, portanto, perto do tempo da queda de Jerusalém.

A melhor opinião o identifica com o Imperador Romano ou a linha de imperadores daquele tempo, e a descrição se apropria ao caso. Calígula, com sua paixão pela deificação; Nero, o perseguidor; Vespasiano, operador de Milagres; Tito, invadindo o Santo dos Santos com suas pretensões teocráticas e insígnia idolátrica; e toda aquela série de monstros perseguidores se adapta ao esboço como Paulo o traçou aos tessalonicenses. Os outros fatos da passagem completam o quadro. “A Apostasia” era a apostasia judaica. Os judeus tinham rejeitado o Messias prometido, crucificaram o Senhor da Glória e perseguiram até a morte os seus seguidores. Esta interpretação é confirmada por Paulo na

primeira epístola, cap. 2:15, 16, onde ele descreve o tratamento que os judeus deram a Cristo, aos cristãos e ao cristianismo e termina dizendo que *“a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim”*.

“Um que agora resiste até que do meio seja tirado”, era evidentemente alguma coisa que existia quando Paulo escreveu. Estava, então, impedindo a completa manifestação do Homem do Pecado; mas quando removido, toda a malignidade daquele poder do mal desceria sobre a cabeça da igreja nascente. Como isto corresponde também ao Estado Judaico, ele havia logo de ser removido. A princípio, o Cristianismo era confundido com o Judaísmo e assim tolerado pelo Poder Romano, mas quando Jerusalém caiu e o Cristianismo se tornou conhecido como uma nova religião, a peçonha do Homem do Pecado caiu sobre a Igreja Cristã.

“O dia de Cristo” ou do Senhor, “o esplendor de sua vinda”, havia de destruir o Homem do Pecado. Observe-se que Paulo não diz que todos estes acontecimentos seriam imediatamente consecutivos, nem que o Homem do Pecado estará reinando e dominando, ao tempo da vinda de Cristo, mas somente que ele, com todos os outros perversos perseguidores, receberão seu castigo às mãos de Cristo na sua vinda. Houve, entretanto, um “Dia do Senhor” que fez desaparecer da terra aquele ímpio perseguidor.

4. O testemunho de João.

João, que viveu no tempo do Homem do Pecado e sentiu alguns de seus amargos ataques, menciona o anticristo quatro vezes em suas epístolas.

1 João 2:18 *“E como já ouvistes que vem o anticristo, também já agora muitos se têm feito anticristos.”*

1 João 2:22: *“Esse é o anticristo, que nega o Pai e o Filho.”*

1 João 4:3: *“E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; e tal é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e já agora está no mundo.”*

2 João 1:7: *“Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este é o enganador e o anticristo.”*

Quem é “Aquele” que Detém o Homem do Pecado?³

Escrito Por César Francisco Raymundo

“E, AGORA, SABEIS o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que SEJA AFASTADO AQUELE QUE AGORA O DETÉM” (2ª Tessalonicenses 2.6, 7 – o grifo é meu).

Preste muita atenção nas palavras grifadas. É muito interessante, que os cristãos de hoje, fiquem discutindo a respeito da identidade de quem é “**AQUELE**” que detém o anticristo. Uns dizem que é o Espírito Santo, outros dizem que é a igreja e ainda outros dizem que é Deus quem detém o aparecimento do anticristo. O fato é, que enquanto os cristãos se debatem tanto em tentar decifrar a identidade de quem detém o anticristo, os Tessalonicenses a quem Paulo dirigiu a carta, sabiam muito bem sobre o assunto. Tanto é verdade que Paulo diz: “E, AGORA, SABEIS o que o detém...”.

E mais interessante ainda é o fato de que a palavra “**AGORA**” aparece duas vezes, indicando assim que o homem do pecado estava muito vivo naquela época mesmo. Enquanto jogarmos essas profecias para um cumprimento num futuro distante dois mil anos depois, nunca conseguiremos entender o que os apóstolos ensinaram. É por isto, que o assunto escatologia se torna tão difícil e complexo. Existem outras passagens nos evangelhos e nas cartas apostólicas que claramente indicam que às profecias sobre o fim eram para aquela época mesmo, no primeiro século. Mas, repito, enquanto alguns Hoje continuarem a jogar essas profecias para um futuro distante, nunca conseguirão entender o assunto escatologia. E pior, em outras passagens, com raras exceções, os cristãos da época de Jesus e dos apóstolos entenderam muito bem sobre a escatologia. Precisamos ser mais ensináveis para que possamos largar de vez os ensinamentos falsos!

A Besta⁴

Escrito por Brian Schwertley

Outra figura bíblica muito mal-compreendida é a besta do Apocalipse. Ao menos a besta, ao contrário do anticristo, é um líder político real. O problema da maior parte das interpretações modernas que buscam definir a besta é que muitas referências textuais para essa definição fornecidas por João são

ignoradas porque isso convém à idéia de um futuro império Romano revitalizado.

No livro de Apocalipse a besta é identificada tanto como um império como um líder de um império. Esse império é sem dúvida o império Romano dos dias de João. Em Apocalipse 13 João está sentado na areia da praia observando a besta subindo dos mares. A besta tem “dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (Ap 13.1-2). João cita exatamente os mesmos animais aludidos pelo profeta Daniel na referência a três dos quatro grandes impérios mundiais: Babilônico, Medo-Persa e Grego (Dn 7.1-6). O quarto império, que traz todas as características inerentes à besta dos outros impérios (só que muito piores), é nenhum outro senão o império Romano (Dn 7.7). João declara em Apocalipse 17.12 que os dez chifres são dez reis; são os líderes ou governantes das dez províncias imperiais. Em Apocalipse 17.9-10, João identifica as sete cabeças como sete colinas (lugares) e sete reis (indivíduos). No mundo antigo Roma era conhecida como a cidade das sete colinas. João, situado na extremidade do mar Mediterrâneo, olha em direção a Roma e vê uma besta surgindo do mar. Roma foi um império mundial que detinha autoridade sobre todos os povos e nações (Ap 13.7); constituía o auge dos quatro impérios em Daniel, um império completamente satânico (v. 2); e que existiu sobre sete colinas (v. 9). A seguir estão algumas outras características da besta.

1. A besta não foi apenas um império, mas também um homem (Ap 13.18). João diz que a besta tinha em cada cabeça um nome de blasfêmia (v. 1). Os césores de Roma eram adorados como deuses. Os imperadores de Roma foram designados como: *Sebastos* (alguém a ser adorado), *divus* (deus) e mesmo *Deus* e *Theos* (Deus).

As moedas de Nero traziam “Salvador do mundo”, e Domiciano era chamado “nosso Senhor e nosso Deus”. João deu traços específicos que identificavam a besta, todos os quais não apontavam a alguém a mais de 2000 anos no futuro, mas a um imperador ainda vivo nos seus dias: Nero. Apocalipse 17.10 diz “São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer durante pouco tempo”. João especificamente diz que o sexto rei estava governando no presente. Quem é o sexto rei? Ninguém outro senão Nero, o primeiro grande perseguidor de cristãos. A seguir, uma lista dos césores romanos:

1. Julius (49-44 B.C.),
2. Augustus (31 B.C.-A.D. 14),

3. Tiberius (A.D. 14-37),
4. Gaius (Caligula, A.D. 37-41),
5. Claudius (A.D. 41-54),
6. Nero (A.D. 54-68),
7. Galba (A.D. 68).

João disse que o sexto rei estava governando quando ele escreveu; esse rei seria sucedido por um sétimo que governaria *“durante pouco tempo”* (Ap 17.10). Isso foi cumprido à risca: Nero foi sucedido por Galba, que governou por apenas três meses até ser assassinado.

2. João dá outro indicador da besta: um número. *“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis”* (Ap 13.18). Por que João simplesmente não diz quem é a besta? Por que ele fala em linguagem secreta? João estava escrevendo de Patmos, onde foi exilado pelos romanos. A igreja sofria uma perseguição sistemática pelo estado romano sob Nero. João identifica o imperador romano, mas o faz de uma forma que preserve a igreja das represálias no caso da carta ser interceptada pelas autoridades romanas. Quase todas as igrejas no império romano eram constituídas por judeus e gentios. Os judeus que viviam nos dias de João usavam o seu alfabeto tanto na simbologia sonora (fonética) quanto nos seus valores numéricos. Cada letra do alfabeto hebraico tinha um equivalente numérico. A pronúncia hebraica do nome de Nero em documentos da época relativos aos escritos de Apocalipse é Nrwn Qsr, que equivale exatamente a 666.

3. Outro indicador é a bestialidade da personalidade em si. Nero era verdadeiramente possuído de uma natureza perversa, bestial. Ele foi considerado uma “besta” mesmo pelos seus contemporâneos. “Nero, que matou vários membros da sua própria família (incluindo a sua esposa grávida, morta a pontapés); que era homossexual, o último estágio de depravação (Rm 1.24-32); a quem testemunhar o sofrimento imposto pelas torturas mais horríveis e degradantes representava o afrodisíaco preferido; que se fantasiou de besta selvagem a fim de atacar e estuprar homens e mulheres encarcerados; que usou corpos de cristãos queimando penetrados em estacas como legítimas “tochas romanas” a fim de iluminar as suas obscenas festas ao ar livre; que lançou a primeira perseguição imperial aos cristãos com a incitação dos judeus, a fim de destruir a igreja; esse perverso animalesco foi governador do império mais poderoso da terra.”

4. João disse que a besta faria guerra contra os santos de Deus. “Diz-se a respeito da Besta, que ‘Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e

vencê-los' (Ap 13.7). De fato, é dada a ela autoridade para conduzir essa guerra blasfema por um certo intervalo de tempo: 42 meses (Ap 13.5). A perseguição de Nero, que iniciou em 64 A.D., foi mesmo a primeira investida romana contra o Cristianismo, como notado pelos pais da Igreja Eusebius, Tertullian, Paulus Orosius e Sulpicius Severus, bem como pelos historiadores romanos Tacitus e Suetonius.” Nero foi assassinado pela espada em 8 de Junho de 68 A.D., e isso pôs fim à sangrenta perseguição contra os crentes. Note que a perseguição dos cristãos por Nero durou 42 meses, exatamente como profetizado pelo apóstolo João em Apocalipse 13.5.

A Marca da Besta⁵

Escrito por Brian Schwertley

Estamos próximos de receber um código de barras na frente e/ou na mão direita a fim de podermos comprar e vender coisas? O governo caminha no propósito de forçar as pessoas a ter um chip de computador inserido na mão direita para fins de identificação? Ainda que essas coisas sejam possíveis, não têm absolutamente nenhuma relação com a marca da besta citada no Apocalipse. No Antigo Testamento Deus falou da total sujeição à Ele e à Sua lei prendendo-a na testa e amarrando-a como um sinal nos braços: “*Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa*” (Dt 6.8). Em Apocalipse, aqueles que são fiéis a Cristo, “e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá” (Ap 14.4), são identificados porque “traziam escritos na testa o nome dele [do Cordeiro] e o nome de seu Pai” (Ap 14.1) João também se refere a isso como um selo: “*Não danifiquem, nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até que selemos as testas dos servos do nosso Deus*” (Ap 7.3). O Senhor avisa à Igreja de Filadélfia: “*Farei do vencedor uma coluna no santuário do meu Deus, e dali ele jamais sairá. Escreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém...*” (Ap 3.12). João diz que mesmo após a Sua segunda vinda “*O Seu nome estará em suas testas*” (Ap 22.4). No antigo pacto “*Arão levou sobre a testa um diadema que trazia gravado o nome do Senhor, preso na parte da frente da mitra sacerdotal.*” É óbvio que trazer o nome de Cristo (ou Deus o Pai, Ap 14.1) na frente não deve ser entendido literalmente, mas como representativo da aliança com Deus, da posse de Deus e mesmo da presença de Deus o Espírito Santo.

Portanto, a marca da besta deve ser assumida como “a paródia satânica do ‘selo de Deus’ das testas e mãos dos retos... Israel rejeitou Cristo, e é ‘marcada’ com o selo do absoluto senhorio romano; ela se aliou com César, acatando o seu governo e a sua lei. Israel escolheu ser salva pelo estado pagão, e perseguiu aqueles que visavam salvação em Cristo.” A marca da besta é uma

imitação barata do selo de Deus ao Seu povo. Aqueles que se submetem a César e ao estado romano têm respeitabilidade social e os seus benefícios (econômicos, políticos, religiosos etc). O estado romano exigiu total submissão a César; todos deveriam fazer uma oferta de incenso a César como sendo Deus. *“Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida...”* (Ap 13.8). Mas os cristãos se negaram a adorar a besta e assim foram perseguidos até a morte e tornaram-se econômica e socialmente proscritos. A marca da besta reflete um coração perverso que adora e serve a César. “A analogia sem dúvida vem da prática de marcar escravos com o sinal do seu proprietário.” Os cristãos são escravos de Cristo; todos os demais são escravos de Satanás. Apocalipse 13 focaliza o império romano e a besta Nero César. A realidade se mostra muito desanimadora para a igreja no capítulo 13, mas no capítulo 14 o profeta focaliza a sua atenção sobre Cristo e o Seu povo. Aqueles que perseguem a igreja e que adoram a besta receberão o seu salário: *“Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro, e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre”* (Ap 14.9-11). Mas os cristãos serão abençoados: *“‘Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante.’ Diz o Espírito: ‘Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão’”* (v. 13). Embora essas palavras devam confortar os cristãos de todas as eras, foram escritas especificamente para confortar os crentes que sofriam a perseguição de Nero – a Besta.

Essa verdade é confirmada quando se têm em vista os muitos sinais dentro do Apocalipse. João escreveu *“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer... Feliz aquele que lê... porque o tempo está próximo. O Senhor, o Deus,... enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer”* (Ap 1.1-3; 22.6). Jesus Cristo declarou cinco vezes *“Virei em breve”* (2.16; 3.11; 22.7, 12, 20); Ele estava se referindo à Sua volta para julgar o Israel apóstata e a cumplicidade romana na perseguição à igreja (esse julgamento ocorreu em 67-70 A.D.). Mas Ele prometeu poupar uma igreja piedosa do primeiro século da futura conflagração: *“Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo”* (3.10). O propósito das referências ao milênio, à segunda vinda, ao julgamento final e ao estado eterno era dar aos cristãos perseguidos do primeiro século um vislumbre da igreja gloriosa futura. A importância particular do livro de Apocalipse à audiência do primeiro século não deve ser ignorada.

Notas:

“Em alguns antigos manuscritos escriturísticos, o número 666 foi realmente alterado para 616. Certamente não se tratou de um erro de leitura de um antigo copista. Os números 666 e 616 não apresentam similaridades aparentes no grego original – seja na pronúncia como palavras seja na escrita como números. Os acadêmicos textuais são unânimes: deve ter sido intencional. Embora não possamos estar absolutamente certos, um argumento forte e razoável pode ser estabelecido com base na seguinte conjectura: João, um judeu, usou uma pronúncia hebraica para o nome de Nero a fim de chegar à figura 666. Mas quando o Apocalipse começou a circular entre aqueles menos familiarizados com o hebraico, um copista bem intencionado que sabia o significado de 666 pode ter buscado tornar a decifração mais fácil alterando o número para 616. Certamente não é pura coincidência que 616 é o valor numérico de ‘Nero César’, quando pronunciado em hebraico pela transliteração da pronúncia latina mais conhecida” (Gentry, pp. 376-77).

O escritor pagão Apollinius de Tyana, um contemporâneo de Nero, especificamente menciona que Nero era chamado de uma “besta” (ibid., p. 377). Nero deve ter adquirido a alcunha “a besta” em função de algumas das suas atividades perversas. Nero era um sádico pervertido, temido e odiado mesmo pelos pagãos romanos.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Quem é o Anticristo. Autor: D. Allan.
Site: Estudos da Bíblia
2. Fonte: Compêndio de Teologia Sistemática. Autor: David S. Clark, Cultura Cristã (1982), p. 472-4.
3. Artigo: Quem é “Aquele” que Detém o Homem do Pecado? Autor: César Francisco Raymundo. Site: www.revistacrista.org
4. Livro: A Ilusão Pré-Milenista - O Quiliasmo analisado à luz da Escritura. Autor: Brian Schwertley Tradução: Marcelo Herberts. Fevereiro/2006. Site: www.monergismo.com
5. Idem nº 4.

- Capítulo 2 –

O Livro do Apocalipse

Neste capítulo vamos dar atenção ao livro do Apocalipse. Este livro tem sido deturpado pela grande maioria das pessoas (inclusive cristãos). Devido a influência da mídia, de personagens tais como Nostradamus, muitos têm entendido o livro do Apocalipse de maneira equivocada e não como uma Revelação de Jesus Cristo para os seus servos.

O Código do Apocalipse: Introdução¹

Escrito por Hank Hanegraaff

Em 1997, Hal Lindsey publicou *Apocalypse Code* [Código do Apocalipse]. Ele foi lançado repleto com a promessa que Deus tinha lhe privilegiado a fazer o que nunca tinha sido feito antes. Por dois milênios o livro de Apocalipse tinha permanecido envolto em mistério. Intelectos cristãos augustos – Atanásio, Agostinho, Anselmo – fizeram todas tentativas de decifrar o seu significado, mas em vão. Até a presente geração, a mensagem codificada do Apocalipse permaneceu desconhecida, assim como as bênçãos prometidas àqueles “*que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas*” (Apocalipse 1:3). Finalmente, promete *Apocalypse Code*, “o pai da profecia bíblica dos nossos dias quebrou o ‘Código do Apocalipse’ e decifrou mensagens há muito ocultas sobre o futuro do homem e o destino da terra”. Diz Lindsey: “O Espírito de Deus me deu um discernimento especial, não somente sobre como João descreveu o que ele realmente experimentou, mas também sobre como todo esse fenômeno codificou as profecias, para que pudessem ser plenamente entendidas somente quando seu cumprimento estivesse próximo.”

Um dos discernimentos significantes alegados por Lindsey é que o apóstolo João, autor do Apocalipse, escreveu “somente sobre coisas das quais ele foi uma testemunha ocular.” Isso, diz Lindsey, levantou uma questão sobre a qual “ponderarei e orei por um longo tempo... como poderia um profeta do primeiro século descrever, muito menos entender, os avanços incríveis na ciência e tecnologia que existem no final do século 20 e o começo do século 21?” A chave para o enigma de Lindsey era uma viagem no tempo. Diz Lindsey: “O

conceito único de ‘alguém do primeiro século viajando no tempo’ para o começo do século 21; de ser vividamente exposto a todo o fenômeno de uma guerra mundial travada com armas de poder, velocidade e letalidade inimagináveis; de ser trazido de volta ao primeiro século e escrever um relato ocular exato desse tempo futuro terrível – *é a essência do entendimento do seu código.*”

O primeiro exemplo de decodificar o código apocalíptico fornecido por Lindsey envolve o capítulo 9 de Apocalipse. Ele decifra a seguinte descrição dada pelo apóstolo João.

Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano. Os cabelos deles eram como os de mulher e os dentes como os de leão. Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha. Tinham caudas e ferrões como de escorpiões, e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.

Através de “discernimento especial”, Lindsey determinou que os gafanhotos eram “helicópteros de ataque”, as coroas de ouro eram “os capacetes sofisticados usados pelos pilotos de helicóptero”, e o cabelo de mulher era “a hélice rodando.”

Essa descrição de helicópteros Apache, Cobra e Comanche, diz Lindsey,

é apenas um exemplo do tipo de descrição que João registrou nesse livro de profecia misterioso. É minha crença que os eventos e a tecnologia atuais podem nos dar discernimentos para o maravilhoso Livro do Apocalipse, que não poderiam ser enxergados em outras gerações... Este é o código que mais eficazmente manteve a profecia oculta até o tempo do fim... Todos esses símbolos ajudaram a codificar a mensagem de tal forma, que somente uma pessoa espiritualmente viva, guiada pelo Espírito Santo, seria capaz de desvendar o seu conteúdo profético.

Embora Lindsey, como “o professor de profecia mais famoso do mundo” e co-autor do livro *The Late Great Planet Earth*, seja uma força que devemos refutar, na realidade a quebra do código das passagens de Apocalipse não residem em “discernimento especial”, especulação desenfreada, ou viagens subjetivas de fantasia. Antes, “o código” é decifrado pela leitura da Escritura à luz da Escritura. O real decodificador para o apocalipse “*de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer*” (Apocalipse 1:1) é o Antigo Testamento. Na verdade, mais de dois terços (2/3) dos quatrocentos e quatro (404) versículos de Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento. A razão pela qual frequentemente

não vemos nelas nem pé nem cabeça, é que não aprendemos suficientemente a ler a Bíblia da forma como ela merece. Quando nossas interpretações estão presas às sensações mais quentes, e não à Sagrada Escritura, não somos capazes de captar nada – e geralmente erramos o alvo.

Uma década após a publicação de *Apocalypse Code*, estou lançando *The Apocalypse Code* na esperança que você, e multidões como você, seja equipado a ler as Escrituras da forma como elas merecem. À medida que continuar a leitura, você descobrirá que referencio os escritos do dr. Tim LaHaye mais do que qualquer outra “autoridade” moderna em profecia. Embora pudesse ter me centrado em escritos de vários autores, o dr. LaHaye, mais do que qualquer outro na história da igreja contemporânea, se tornou o porta estandarte do ramo escatológico de Lindsey. A capa de Lindsey caiu diretamente sobre os seus ombros. Como Lindsey, que alega interpretar a profecia “no sentido futurista mais literal possível”, LaHaye continuamente enfatiza que, diferente dos “falsos mestres”, ele está profundamente comprometido com o princípio literal como concebido na perspectiva dispensacionalista.

Não se engane: isso não é bobagem de um debate de torre de marfim. Os riscos para o Cristianismo e a cultura na controvérsia ao redor da escatologia são enormes! Não somente passagens grandes e gloriosas, que por toda a história da igreja acreditava-se referir-se à esperança bendita da ressurreição, são arrogadas para si pela teoria dispensacionalista do arrebatamento, primeiramente popularizada no século dezanove por um sacerdote chamado John Nelson Darby; mas por extensão lógica, a singularidade e importância da ressurreição de Cristo são questionadas.

Ressurreição do Anticristo

Um caso clássico apropriado é a descrição que LaHaye faz do Anticristo. Em *O Possuído*, sétimo volume da série *Deixados para Trás* de LaHaye, Nicolae Carpathia, o personagem do Anticristo da ficção, morre e ressuscita fisicamente para vindicar sua alegação de ser Deus. Assim como Cristo, o Anticristo de LaHaye morre numa sexta-feira e ressuscita dentre os mortos no primeiro dia da semana. E como Cristo, ele tem o poder sobre a “terra e o céu.” A crença de LaHaye na ressurreição do Anticristo é derivada em parte por uma interpretação literalista de Apocalipse 13. O apóstolo João diz que a “ferida de morte” da Besta foi curada (v. 3). Portanto, na forma de pensamento de LaHaye, o Anticristo, como Cristo, receberá poder um dia para dar a sua vida e tomá-la de novo. O que não é considerado no literalismo de LaHaye é o fato que Apocalipse 13 também comunica claramente que a Besta tinha sete cabeças e somente uma de suas sete cabeças “parecia” fatalmente ferida (vv. 1, 3,

NTLH). Além do mais, a Besta é descrita como tendo “dez chifres”, parecendo com “um leopardo”, tendo “seus pés como os de urso”, ostentando uma “boca como a de leão” (vv. 1-2).

Embora a interpretação de LaHaye seja sem dúvida motivada por um desejo de ser bíblico, ela, todavia, destrói a garantia epistêmica para a ressurreição e por fim a divindade do nosso Senhor. Se o Anticristo pudesse ressuscitar dentre os mortos e controlar o céu e a terra como LaHaye afirma, o Cristianismo perderia a base para crer que a ressurreição de Cristo vindicou sua afirmação de ser Deus. Numa cosmovisão cristã, Satanás pode imitar a obra de Cristo através de “todo tipo de falsos milagres, sinais e maravilhas” (2 Tessalonicenses 2:9), mas ele não pode realizar o verdadeiramente miraculoso como Cristo o fez. Se Satanás possuísse o poder criativo de Deus, ele poderia ter se disfarçado de o Cristo ressurreto. Além do mais, a noção que Satanás pode realizar atos que são indistinguíveis de milagres genuínos sugere uma cosmovisão dualista, na qual Deus e Satanás são poderes iguais e opostos competindo por domínio.

Discriminação Racial

Em adição, há o problema gravíssimo de discriminação racial. A teologia bíblica não conhece nada de racismo. Nem jamais justifica a limpeza étnica baseada no pretexto de uma promessa feita a Abraão. Antes, de acordo com a Escritura, “não há grego, nem judeu”. Não existe uma distinção entre Israel e a igreja baseada em raça. Como o apóstolo explica: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus... e, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gálatas 3:26-29). A Escritura enfatiza a fé, e não a genealogia. Assim, o Cristianismo histórico sempre acreditou num único povo de Deus baseado em relacionamento, e não em raça.

De uma forma extremamente oposta, LaHaye divide o povo em duas categorias com base na raça, ao invés de relacionamento. Em sua visão, Deus tem duas “classes” de pessoas. A primeira classe consiste de judeus. A segunda classe consiste de gentios. Nas palavras de LaHaye, “Jacó teve 12 filhos, que se tornaram os cabeças das 12 tribos de Israel. Eles começaram a nação judaica, e desde então a raça humana tem se dividido em judeus e gentios... Israel começou com o ‘Pai Abraão’ e continuará como uma entidade distinta por toda o restante da história.”

Uma das formas nas quais LaHaye distingue entre essas duas classes é o temperamento: “Como um estudante do temperamento humano por muitos anos, tenho sido intrigado pelo temperamento judeu. Após analisar cuidadosamente o temperamento do primeiro israelita como descrito na Bíblia, descobri ser Jacó um ‘clone’ para os residentes de Israel do século vinte.”

Portanto, de acordo com LaHaye, as duas classes podem ser corretamente distinguidas e divididas sobre a base de características pessoais.

As boas novas para os judeus é que LaHaye crê que sobre a base de sua raça, eles têm um direito divino à terra da Palestina. As notícias ruins é que, como resultado direto da crucificação de Cristo, os judeus do século vinte e um em breve morrerão num Armagedon que fará o Holocausto Nazista ser mínimo, se comparado. Assim, antes de “todo o Israel ser salvo” (Romanos 11:26), a maioria dos israelitas deve ser assassinada.

De acordo com The End Times Controversy, editado por LaHaye, quando os descendentes de Jacó rejeitaram e crucificaram a Cristo, eles sofreram duas conseqüências diferentes. A primeira conseqüência foi que “o rebanho de Israel foi disperso.” A segunda conseqüência será “a morte de dois terços do rebanho. Isso será cumprido durante a Grande Tribulação, quando Israel sofrerá tremenda perseguição (Mateus 24:15-28; Apocalipse 12:1-17). Como resultado dessa perseguição do povo judeu, dois terços deles serão mortos.”

LaHaye predisse que esse holocausto judeu está às portas. Em suas palavras, há uma “ampla razão para concluir que a declaração austríaca de guerra em julho de 1914 começou a cumprir o sinal do final dos tempos, como dado por nosso Senhor”. LaHaye gasta vários capítulos em The Beginning of the End procurando demonstrar a partir das palavras do nosso Senhor que a geração que viu a Primeira Guerra Mundial não passará antes de Jesus retornar. Visto que “nenhuma outra explicação se encaixa com o contexto”, LaHaye diz que ele está certo que “podemos assim saber o tempo do seu retorno”. Embora LaHaye tenha feito inúmeras revisões e retratações ao longo dos anos, ele continua a insistir que há mais razão agora do que jamais antes para crer que estamos vivendo às sombras do maior apocalipse na história humana.

A teoria de LaHaye de dois povos de Deus tem tido conseqüências assustadores não somente para os judeus, mas para os árabes palestinos também. Diferente dos primeiros dispensacionalistas, que criam que os judeus seriam reunidos na Palestina por causa da crença em seu Redentor, LaHaye sustenta a teoria que os judeus devem ser inicialmente reunidos em incredulidade sobre a base da raça somente. Tais noções anti-bíblicas colocam os cristãos zionistas numa posição indefensável de fechar os olhos para a remoção dos cristãos palestinos de sua terra natal, para facilitar uma ocupação baseada em incredulidade e afiliação racial.

A conseqüência trágica é que os palestinos hoje formam o maior grupo de pessoas exiladas no mundo. Como o dr. Gary Burge, professor de Novo Testamento na Wheaton College e Graduate School, explica: “Os historiadores israelitas falam agora sobre a expulsão planejada e em massa dos palestinos, uma forma primitiva de ‘limpeza étnica’. O resultado nacional mais problemático tem sido a destruição de pelo menos quatrocentos vilas palestinas,

a ruína de dezenas de comunidades árabes urbanas, e vários massacres que motivaram a população árabe a fugir.”

Se a América requeresse que os descendentes da África carregassem cartões especiais de identidade ou deixasse o país para abrir caminho para aqueles de ancestrais europeus, seríamos condenados como uma nação que promove racismo e segregação racial. Tentar justificar nossas ações sobre a base de proibições bíblica é ainda mais impensável. Diz Burge: “Qualquer país que exclua na prática um segmento de sua sociedade dos seus benefícios nacionais sobre a base de raça, dificilmente pode ser qualificada como democrática.”

Isso é precisamente o porquê o Zionismo tem sido rotulado de filosofia política racista. Como Burge observa, “em 1998, a Associação para Direitos Civis em Israel acusou o governo de discriminação baseada em raça, e de ‘criar uma atmosfera ameaçadora que faz violência aos direitos humanos mais aceitáveis.’”

Longe de facilitar a discriminação racial sobre a base de nossas pressuposições escatológicas, os cristãos devem ser equipados para comunicar que o Cristianismo não conhece nada de dividir as pessoas com base em raça.

Assim como o evangelicalismo agora repudia universalmente o apelo anteriormente comum a Gênesis 9:27 para apoiar a escravidão de negros, devemos total e finalmente excluir qualquer pensamento que a Bíblia apóia os horrores da discriminação racial, não importa em que forma a encontremos, quer nos limites dos Estados Unidos ou nas regiões santas do Oriente Médio.

Propriedade da Terra

Finalmente, em disputa está um debate explosivo sobre a propriedade da terra. Oito anos antes de Israel ser formalmente fundado em 1948, Joseph Weitz, diretor do Jewish National Land Fund [Fundo Nacional Judaico], definiu o debate sobre a propriedade da terra quando declarou que não há lugar suficiente na Palestina para judeus e árabes. “Se os árabes deixarem o país, será o bastante para nós. Se ficarem, o país permanecerá limitado e miserável. A única solução é Israel sem os árabes. Não há espaço para concessões nesse ponto.” O primeiro ministro de Israel, David Ben-Gurion, foi igualmente direto quando escreveu: “Expulsaremos os árabes e tomaremos o seu lugar.”

Assim, aproximadamente três anos após o Holocausto Nazista terminar em 1945, um holocausto na Terra Santa foi iniciado. Irmão André, melhor conhecido por contrabandear Bíblias para cristãos que viviam por detrás da Cortina de Ferro, lembra o famoso massacre de Deir Yassin, em 1948, no qual uma vila inteira de duzentos e cinqüenta homens, mulheres, crianças e bebês foram brutalmente assassinados pelo exército israelita: “Uns poucos foram deixados vivos e levados para outras vilas para contar a história; então aqueles

homens seriam mortos também. O resultado foi um pânico. Esse é o porquê muitos palestinos fugiram. Vilas inteiras foram esvaziadas, que era exatamente o que os israelitas queriam. Eles simplesmente tiraram aquelas pessoas de seus lares.”

Em *Whose Land? Whose Promise?* [Que Terra? Que Promessa?], Gary Burge provê nomes e faces para muitas das vítimas e vilas que foram assoladas. Na'im Stifan Ateek tinha onze anos em 1948. Ele e sua família pertenciam à comunidade Cristã Anglicana em Beisan. Sua casa era o lugar da atividade cristã: estudos bíblicos, visitas missionárias, e escolas dominicais aconteciam ali. Seu pai ainda ajudou a construir uma Igreja Anglicana para Beisan. Na ausência de um pastor anglicano residente (que vinha de Nazaré uma vez ao mês para a Santa Ceia), o pai de Na'im servia como o leigo da igreja.

Em 12 de maio de 1948 (dois dias antes do estado de Israel ser declarado), os soldados israelitas ocuparam Beisan. Não houve nenhuma luta, resistência ou matança. A cidade foi simplesmente tomada. Após vasculhar as casas procurando armas e rádios, em 26 de maio eles reuniram os principais homens daquela cidade e fizeram um anúncio importante. Todos teriam que deixar as suas casas em poucas horas. “Se você não deixar, será assassinado”, disseram.

Quando o povo se reuniu no centro da cidade, os soldados separaram os muçulmanos dos cristãos. Os muçulmanos foram enviados para o leste do Jordão, e os cristãos foram colocados em ônibus e deixados nos subúrbios de Nazaré. Dentro de poucas horas, a mãe, pai, as sete irmãs e os dois irmãos de Na'im eram refugiados. Eles tinham perdido tudo, exceto as coisas que puderam carregar. Em Nazaré eles se uniram a alguns amigos, e dezessete deles viviam em dois quartos perto do “Poço de Maria”. O pai de Na'im começou a trabalhar para ajudar os inúmeros cristãos e muçulmanos que iam para Nazaré como refugiados diariamente.

Dez anos mais tarde, em 1958, o governo permitiu que muitas das famílias palestinas viajassem por um dia sem restrição. O pai de Na'im estava ansioso para levar seus filhos para Beisan, de forma que pudessem ver sua “casa”. A Igreja Anglicana tinha se tornado um depósito. A Igreja Católica Romana era uma escola. A igreja Ortodoxa Grega estava em ruínas. Na'im lembra o momento que seu pai chegou até a porta de sua casa, aquela que ele tinha construído com as suas próprias mãos. Ele queria vê-la pela última vez. Mas seu pedido foi recusado. O novo ocupante israelita disse: “Esta não é a sua casa. É nossa.”

Burge continua e reconta a história de um camponês árabe inquirindo um oficial na Israel Lands Administration [Administração das Terras de Israel].

“Como você nega o meu direito a esta terra? Ela é propriedade minha. Herdei-a de meus pais e avós, e tenho a escritura.” O oficial replicou: “A nossa escritura é mais imponente; temos a escritura da terra desde Dan [no extremo

norte] até Elat [no extremo sul].” Outro oficial estava pagando a um camponês um valor simbólico por sua terra. Segurando a escritura do camponês, o oficial observou: “Esta não é a sua terra; é nossa, e estamos pagando a você ‘o salário de vigia’, pois isso é o que vocês são. Vocês vigiaram a nossa terra por dois mil anos, e agora estamos lhes pagando. Mas a terra sempre foi nossa.”

O antigo primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, colocou isso claramente: “Nossa reivindicação a essa terra é baseada no maior e mais incontroverso documento na criação – a Bíblia Sagrada.”

O debate sobre a quem pertence a terra se eleva com a cidade de Jerusalém. Nenhum pedaço de Israel é mais cobiçado. E em Jerusalém nenhuma propriedade é mais preciosa do que o Monte do Templo. LaHaye chama o Monte Moriá, lugar do antigo templo judaico, de “o chão mais cobiçado no mundo.” Como ele explica, “a profunda importância da Guerra dos Seis Dias de 1967 é vista na esperança que afinal Israel pode reconstruir seu templo. Isso não é simplesmente um anseio nacional – mas um requerimento profético da Palavra de Deus.”

LaHaye continua e ressalta o que ele considera ser o maior dilema: “A multimilionária Cúpula da Rocha dos muçulmanos está localizada exatamente onde o templo deveria estar.” Ele discorda daqueles que sugerem que o templo judeu pode coexistir com a mesquita muçulmana. “Alguns têm tentado sugerir que talvez essa localização não seja o único lugar em Jerusalém onde o templo poderia ser construído, e assim a mesquita muçulmana e o templo judeu poderiam coexistir. Nenhum estudante cuidadoso da Bíblia aceitaria esse raciocínio... Não há substituto sobre a face da terra para esse local.” De acordo com LaHaye, “não há outro fator único tão certo de fazer os árabes se reunirem para iniciar uma guerra santa do que a destruição da Cúpula da Rocha.”

Tal retórica inflamada levanta inúmeras questões problemáticas. A Bíblia profetiza mesmo um templo reconstruído, com sacrifícios restituídos que são “para expiação, e não como um memorial”, sobre o pedaço de terra exato sobre o qual a mesquita dos muçulmanos tem estado por séculos? Existe verdadeiramente uma necessidade de reconstruir um templo e inflamar as chamas do Armagedon no século vinte e um, à luz do ensino do nosso Messias, no primeiro século, que viria o tempo quando os verdadeiros adoradores não mais adorariam sobre o monte em Samaria ou num templo em Jerusalém (João 4:21-22)? No final, devemos decidir se a terra é o foco do Senhor ou o Senhor o local da terra.

Nas páginas que seguem, você responderá essa e inúmeras outras perguntas internalizando e aplicando os princípios de uma metodologia chamada Escatologia Exegética ou e². No processo você não somente será equipado a interpretar a Bíblia como ela merece, mas poderá descobrir também que possui

a chave para o problema do terrorismo numa mão, e o detonador do Armagedon na outra.

Notas:

O livro de Apocalipse deriva seu nome da palavra grega apokalupsis, que é traduzida como “revelação” (veja Apocalipse 1:1).

Hal Lindsey, *Apocalypse Code* (Palos Verdes, CA: Western Front, 1997), contracapa.

A ênfase é de Lindsey, em sua citação de Apocalipse 9:7-10 (NVI) (ibid). Lindsey explica que esses termos qualificadores (“pareciam”, “como”, e assim por diante) indicam que João “estava ciente de descrever veículos e fenômenos muito além da sua compreensão de alguém do primeiro século” (41-42).

Hal Lindsey e C. C. Carlson, *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan, 1970). Livro publicado no Brasil com o título “Agonia do Grande Planeta Terra”, pela Editora Mundo Cristão. (N. do T.)

A série Deixados para Trás, co-autorada com Jerry B. Jenkins, é uma série de ficção que ocorre num futuro próximo, e que descreve um arrebatamento invisível de cristãos de toda a Terra, seguido por um período de tribulação de sete anos, conduzido pelo Anticristo, bem como de outros eventos proféticos vinculados pela atualmente teologia popular dos finais dos tempos, o pré-milenismo dispensacionalista, que se originou com John Nelson Darby.

Veja Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, *The Indwelling: The Beast Takes Possession* (Whaeton: Tyndale, 2000), 363-68. Para que essa visão aberrante não seja explicada como aceitável numa ficção, podemos argumentar que LaHaye defende sua visão que “o Anticristo morrerá e ressuscitará” em seu comentário sobre Apocalipse, *Revelation Unveiled*, mencionado em sua contra-capa como “o fundamento bíblico para a série best-seller Deixados para Trás”. Comentando sobre Apocalipse 17:11, LaHaye escreve: “Ele [o Anticristo] morrerá no meio do período da Tribulação, imitará a ressurreição de Jesus Cristo voltando à vida, mas no final da Tribulação será destruído” (19-20)” (Tim LaHaye, *Revelation Unveiled* [Grand Rapids: Zondervan, 1999], 262; veja também 211-12). Thomas Ice defende a visão de LaHaye em “The Death and Resurrection of the Beast”, <http://www.pre-trib.org/article-view.php?id=239> (acesso em 26 de dezembro de 2006).

LaHaye sem dúvida nega que sustenta uma cosmovisão dualista na qual Satanás é igual a deus. Ele poderia dizer que Deus está soberanamente permitindo que Satanás realize esse milagre dos milagres uma única vez. Tal concepção, todavia, mina sua profissão de monoteísmo.

Apocalipse: Chaves Para Interpretação²

Escrito Por David Chilton

Desde o principio, os loucos e excêntricos tentam utilizar o Apocalipse para advogar alguma nova distorção daquela doutrina que diz: O Céu Está Caindo! Porém, como espero mostrar nesta exposição, ao invés disso o Apocalipse de João ensina que os cristãos vencerão toda oposição por meio da Obra de Cristo Jesus. Meu estudo me convenceu de que uma verdadeira compreensão desta profecia deve estar baseada na aplicação correta de cinco chaves cruciais de interpretação:

1. O Apocalipse é o livro mais “bíblico” da Bíblia. João cita centenas de passagens do Antigo Testamento, freqüentemente com sutis alusões a rituais religiosos pouco conhecidos do povo hebreu. Para compreender Apocalipse, necessitamos conhecer nossas Bíblias de trás pra frente. Uma das razões do porquê este comentário ser tão extenso, é que tratei de explicar alguns extensos antecedentes bíblicos, comentando numerosas porções das Escrituras que lançam luz sobre a profecia de João. Também, reimprimi, como Apêndice A, o excelente estudo de Philip Barrington sobre o simbolismo levítico em Apocalipse.

2. Apocalipse contém um sistema de simbolismo. Quase todo o mundo reconhece que João escreveu sua mensagem em símbolos. Porém, o significado de tais símbolos não é para ser captado por qualquer um. Há uma estrutura sistemática no simbolismo bíblico. Para entender Apocalipse corretamente, devemos nos familiarizar com a ‘linguagem’ na qual foi escrito. Entre outras metas, este comentário se propõe a tornar a Igreja mais íntima, ou ao menos dar alguns passos, rumo a uma verdadeira Teologia do Apocalipse.

3. Apocalipse é uma profecia sobre eventos iminentes. Em outras palavras, eventos que estavam a ponto de se desencadearem no mundo do primeiro século. Apocalipse não fala de uma guerra nuclear, de viagens espaciais, ou do fim do mundo. Vez ou outra adverte especificamente que “o tempo está próximo”. João escreveu seu livro como uma profecia sobre a destruição iminente de Jerusalém no ano 70 d.C., mostrando que Jesus Cristo havia entronizado o Novo Pacto e a Nova Criação. Apocalipse não pode ser compreendido a menos que este fato fundamental seja levado a sério.

4. Apocalipse é um serviço de culto. João não escreveu um livro de texto sobre profecia. Ao invés disso, registrou um serviço de culto celestial em progresso. De fato, uma de suas principais preocupações é a de que o culto a Deus é o centro de tudo na vida. É o que de mais importante fazemos. Por esta razão, através de todo este comentário, dediquei especial atenção aos mais consideráveis aspectos litúrgicos de Apocalipse, bem como suas implicações para nossos serviços litúrgicos na atualidade.

5. Apocalipse é um livro sobre domínio. Apocalipse não é um livro sobre quão terrível é o Anticristo, ou quão poderoso é o diabo. Como afirma o primeiro de seus versículos, trata-se de “a revelação de Jesus Cristo”. Nos fala de seu senhorio sobre tudo; nos fala de nossa salvação e de nossa vitória no Novo Pacto, o “maravilhoso plano de Deus para nossas vidas”; nos diz que o reino deste mundo veio a ser o reino de nosso Deus e de seu Cristo; e nos diz que Ele e seu povo reinarão para todo o sempre!

Notas:

Extraído do prefácio do livro ‘The Days Of Vengeance’. Tradução livre de Marcelo Lemos, para o projeto Olhar Reformado. A publicação deste artigo faz parte dos nossos esforços pela divulgação de uma Escatologia mais bíblica, livre das ficções dispensacionalistas.

A Natureza do Apocalipse: Apocalíptica?³

Escrito por David Chilton

O livro do Apocalipse é frequentemente tratado como um exemplo do gênero “apocalíptico” de escritos que floresceu no meio dos judeus entre os anos 200 a.C e 100 d.C. Não há base para essa opinião de forma alguma, e é lamentável que até mesmo se use a palavra apocalíptico para descrever esse tipo de literatura (Os próprios escritores do “apocalíptico” nunca usaram o termo nesse sentido; antes, os estudiosos roubaram o termo de São João, que chamou seu livro de “O Apocalipse de Jesus Cristo”. Há, de fato, muitas diferenças entre os escritos “apocalípticos” e o livro de Apocalipse.

Os “apocalipsistas” expressavam-se em símbolos inexplicáveis e ininteligíveis, e geralmente não tinham nenhuma intenção de fazerem-se realmente entendidos. Seus escritos são abundantemente pessimistas: nenhum progresso real é possível, nem haverá qualquer vitória para Deus e o seu povo na história. Não podemos nem mesmo ver Deus agindo na história. Tudo que sabemos é que o mundo ficará cada vez mais pior. O melhor que podemos fazer é esperar o Fim – em breve. Ferrell Jenkins escreve: “Para eles as forças do mal tinham aparentemente controle na presente era e Deus agiria somente no Tempo do Fim”. (Isso deveria soar familiar). Sentindo-se impotente com a presença do mal inexorável, o apocalipsista “poderia portanto ceder às mais loucas especulações... ele tinha cancelado este mundo e suas atividades, de forma que nem sequer tentava seriamente fornecer soluções viáveis aos seus problemas”. O resultado prático foi que os apocalipsistas raramente se preocupavam com o comportamento ético: “Em última instância, seu interesse estava na escatologia, e não na ética”.

A abordagem de São João em Apocalipse é vastamente diferente. Seus símbolos não são divagações obscuras produzidas por uma imaginação febril; eles estão fundamentados firmemente no Antigo Testamento (e a razão de sua aparente obscuridade é esse próprio fato: Temos problemas em entendê-los somente porque não conhecemos nossas Bíblias). Em contraste com os apocalipsistas, que haviam renunciado a história, “João apresenta a história como a cena da redenção divina”. Leon Morris descreve a cosmovisão de São João: “Para ele a história é a esfera na qual Deus realizou a redenção. O que é realmente crítico na história da humanidade já aconteceu, e aconteceu aqui, nesta terra, nos assuntos dos homens. O Cordeiro ‘como imolado’ domina o livro inteiro. João vê a Cristo como vitorioso e como tendo ganho a vitória por meio de sua morte, um evento na história. Seu povo partilha do seu triunfo,

mas derrotaram a Satanás somente “pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho” (AP. 12:11). O pessimismo que atrasa a atividade de Deus até o Fim está ausente. Embora João pinte o mal realisticamente, seu livro é fundamentalmente otimista.

Os apocalipsistas diziam: *O mundo está chegando ao seu fim: Desistam!*

Os profetas bíblicos diziam: *O mundo está chegando ao seu princípio: Ponham-se a trabalhar!*

Assim, o livro do Apocalipse não é um tratado apocalíptico; em vez disso, como próprio João nos lembra repetidamente, ele é uma *profecia* (1:3; 10:11; 22:7, 10, 18-19), em completa harmonia com os escritos dos outros profetas bíblicos. E – novamente em completo contraste com os apocalipsistas – se havia uma preocupação maior entre os profetas bíblicos, era o da conduta ética. Nenhum escritor bíblico jamais revelou o futuro meramente para satisfazer a curiosidade: O objetivo sempre foi dirigir o povo de Deus para uma ação correta no presente. A maioria esmagadora das profecias bíblicas não tinha nada a ver com o conceito errôneo e comum de “profecia” como previsão do futuro. Os profetas falavam do futuro somente para estimular uma vida piedosa. Como escreveu Benjamin Warfield: “Devemos tentar conservar fresco em nossas mentes o grande princípio de que toda profecia é ética em seu propósito, e que este fim ético controlava não somente o que seria revelado em geral, mas também os detalhes dele, e a própria forma que tomava”.

O fato que muitos dos que estudam os escritos proféticos hoje estão interessados em encontrar possíveis referências a viagens espaciais e armas nucleares, ao invés de descobrir os mandamentos de Deus para a vida, é um tributo repugnante a uma fé superficial e imatura. “O testemunho de *Jesus* é o espírito da profecia” (AP. 19:10); ignorar a *Jesus* em favor das explosões atômicas é uma perversão da Escritura, uma deformação blasfema da santa Palavra de Deus. Do princípio ao fim, São João está intensamente interessado na conduta ética dos seus leitores:

Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo. (1:3)

Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes. (16:15)

Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. (22:7)

Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro. (22:14)

Um Breve Sumário do Apocalipse⁴

Escrito por David Chilton

O livro do Apocalipse não é impossível de ser entendido, mas é excessivamente complexo. Seu uso extensivo de figuras do Antigo Testamento requereria volumes para explorá-las plenamente. Meu propósito no presente livro, certamente, é simplesmente apresentar de uma forma ampla uma exposição bíblica da escatologia de domínio. (Aqueles que desejam um tratamento mais completo destes assuntos deveriam consultar meu comentário sobre o Apocalipse, *The Days of Vengeance*, bem com outras obras listadas na Bibliografia).

Como um todo, o Livro do Apocalipse é uma profecia sobre o fim da antiga ordem e o estabelecimento da nova ordem. Ele é uma mensagem à igreja de que as convulsões assustadoras presentes por todo o mundo, em cada esfera, englobando o abalar final do céu e da terra, terminariam de uma vez por todas com o sistema do Antigo Pacto, anunciando que o reino de Deus tinha chegado à Terra e liberto as nações da prisão de Satanás. Na destruição de Jerusalém, do antigo reino e do templo, Deus revelou que essas tinham sido meramente as armações da sua Cidade eterna, da sua Nação Santa e do mais glorioso de todos os templos.

“Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem, divinamente, os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte, aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam. Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb. 12:25-29).

O seguinte esboço fornece meramente um rascunho curto da mensagem primária do Apocalipse. Em favor da brevidade, seu caráter literário formal (por exemplo, o fato que ele é estruturado em termos tanto de semana da criação como calendário festivo do Antigo Testamento!) será ignorado por ora.

O Capítulo Um introduz o assunto da profecia, assegura aos leitores que os cristãos estão reinando agora, mesmo na tribulação, como reis e sacerdotes. Ele termina com a visão de Jesus Cristo, fazendo uso de alguns símbolos importantes que aparecem mais tarde no livro.

Os Capítulos Dois e Três contêm mensagens da parte do Senhor às sete igrejas na Ásia Menor. As cartas tratam com os temas principais da profecia, particularmente os problemas do Judaísmo, estatismo e perseguição. Cristo declara que sua igreja é o verdadeiro Israel, o herdeiro legítimo das promessas do pacto e encoraja seu povo a “sobrepujar”, conquistar e reinar em seu nome. Embora essas cartas sejam geralmente negligenciadas, elas realmente comprometem a seção central da profecia: Numa grande extensão, as visões posteriores são simplesmente ilustrações suplementares das lições nesta passagem.

Os Capítulos Quatro e Cinco dão a filosofia bíblica da história: todas as coisas são vistas a partir da perspectiva do trono de Deus. Cristo é revelado como o Conquistador, digno de abrir o livro dos julgamentos de Deus; a criação e a história estão centradas nele.

Os Capítulos Seis e Sete mostram a abertura dos sete selos do pergaminho, simbolizando os julgamentos que estavam por cair sobre o Israel apóstata. Esses julgamentos são especialmente mostrados como sendo respostas divinas às orações imprecatórias da Igreja contra seus inimigos; as ações governamentais e litúrgicas da igreja são os meios de mudar a história do mundo.

Os Capítulos Oito e Nove estendem esta mensagem na abertura atual do pergaminho, revelando a coordenação entre as declarações judiciais da igreja sobre a terra e os decretos judiciais de Deus do céu. Jerusalém é entregue a Satanás e suas legiões demoníacas, que inundam a cidade para possuir e consumir seus habitantes ímpios, até que a nação inteira seja levada à loucura suicida.

Os Capítulos Dez e Onze novamente apresentar uma visão de Cristo, que anuncia que a Nova Criação e o Novo Pacto se tornaram um fato consumado. A igreja testemunhante e profética, aparentemente aniquilada pela perseguição judaica, é ressuscitada; e são os perseguidores quem são esmagados. Com a destruição de Jerusalém e da armação do Antigo Pacto, a finalização e suplemento do templo novo e final são revelados ao mundo.

O Capítulo Doze forma um interlúdio dramático, retratando a batalha básica da história no conflito cósmico entre Cristo e Satanás. O Filho de Deus ascende ao trono do seu reino, ileso e vitorioso, e Satanás então volta a perseguir a Igreja. Novamente, isso assegura ao povo de Deus que todas as suas perseguições originam-se na guerra total das forças do mal contra Cristo, a Semente da Mulher, que foi predestinado a esmagar a cabeça do Dragão. Com ele, a Igreja será mais do que vencedora.

O Capítulo Treze revela a luta geral que estava se aproximando entre a Igreja fiel e o Império Romano pagão (a Besta). O povo de Deus é advertido que as forças religiosas do Judaísmo apóstata serão alinhadas ao Estado Romano,

procurando forçar a adoração de César no lugar da adoração de Jesus Cristo. Com fé confidente no senhorio de Cristo, a Igreja deve exercer firme paciência; a revolução está condenada.

Os Capítulos Quatorze, Quinze e Dezesesseis revelam o exército vitorioso dos redimidos, em pé sobre o Monte Sião cantando um cântico de triunfo. Cristo é visto vindo na nuvem de julgamento contra o Israel rebelde, pisando as uvas amadurecidas da ira. O templo é aberto, e enquanto a nuvem de Deus enche o santuário, os julgamentos divinos são derramados sobre ele, trazendo as pragas egípcias sobre os apóstatas.

Os Capítulos Dezesete e Dezoito expõem a essência do pecado de Jerusalém como adultério espiritual. Ela abandonou seu marido legítimo e está cometendo fornicção com reis pagãos, adorando César, “bêbada com o sangue dos santos”; a cidade santa se torna outra Babilônia. Deus envia um chamado final para o seu povo se separar das prostitutas de Jerusalém, e abandona-a aos exércitos devastadores do Império. Em vista da ruína total do Israel apóstata, os santos no céu e na terra se regozijam.

O Capítulo Dezenove começa com a Comunhão – a jubilosa festa de casamento de Cristo e sua Noiva, a Igreja. A cena então muda para revelar o domínio mundial vindouro do evangelho, à medida que o Rei dos reis cavalga com seu exército de santos para travar uma guerra santa para reconquistar a terra. O agente da vitória é sua Palavra, que procede da sua boca como uma espada.

O Capítulo Vinte dá uma história resumida da nova ordem do mundo, desde a primeira vinda de Cristo até o final do mundo. O Senhor prende Satanás e entroniza seu povo como reis e sacerdotes com ele. A tentativa final de Satanás de destruir o Rei é frustrada, e o Juízo Final é introduzido. O justo e o ímpio são eternamente separados, e o povo de Deus entra na herança eterna.

O Capítulo Vinte e um e Vinte e dois registram uma visão da Igreja em toda a sua glória, abrangendo tanto seus aspectos terrenos como celestiais. A igreja é revelada como a Cidade de Deus, o princípio da Nova Criação, estendendo uma influência mundial, atraindo todas as nações para si mesma, até que toda a terra seja um templo glorioso. Os objetivos do Paraíso são consumados no cumprimento do mandato cultural.

Com esta visão ampla em mente, podemos agora proceder para um estudo mais detalhado das figuras do Apocalipse, concentrando-nos em quatro dos símbolos mais dramáticos e controversos: a Besta, a Prostituta, o Milênio e a Nova Jerusalém. Como veremos, cada uma dessas figuras falou à Igreja do primeiro século sobre realidades contemporâneas, assegurando ao povo de Deus o senhorio universal de Cristo e encorajando-os na esperança do triunfo mundial do evangelho.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: O Código do Apocalipse: Introdução. Autor: Hank Hanegraaff. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: Apocalipse: Chaves Para Interpretação. Autor: David Chilton. Site: www.olharreformado.com
3. Artigo: A Natureza do Apocalipse: Apocalíptica? Autor: David Chilton. Fonte: The Days of Vegeance, David Chilton, p. 25-27. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
4. Artigo: Um Breve Sumário do Apocalipse. Autor: David Chilton. Fonte: Capítulo 19 do livro Paradise Restored, de David Chilton. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 3 -

O Arrebatamento da Igreja

Neste capítulo vamos ver a respeito do arrebatamento da Igreja bem como a refutação das diversas distorções contra este ensinamento bíblico.

A Origem do Ensino de um Arrebatamento Pré-Tribulacional¹

Escrito por Brian Schwertley

Sempre que o cristão encontra uma doutrina que não foi ensinada por alguém de qualquer ramo da igreja de Cristo durante os dezoito séculos passados, ele deveria ter muita suspeita de tal ensino. Esse fato em e por si mesmo não prova que o novo ensino é falso. Mas, deveria definitivamente levantar suspeitas, pois se algo é ensinado na Escritura, não é absurdo esperar que ao menos uns poucos teólogos e exegetas tenham descoberto isso antes.

O ensino de um arrebatamento secreto pré-tribulacional é uma doutrina que nunca existiu antes de 1830. O arrebatamento pré-tribulacional veio à existência mediante uma exegese cuidadosa da Escritura? Não! A primeira pessoa a ensinar a doutrina foi uma jovem chamada Margaret Macdonald. Margaret não era teóloga nem expositora bíblica, mas uma profetiza da seita Irvingita (a Igreja Católica Apostólica). O jornalista cristão Dave MacPherson escreveu um livro sobre o assunto da origem do arrebatamento secreto. Ele escreve: “Temos visto que uma jovem escocesa chamada Margaret Macdonald teve uma revelação particular em Port Glasgow, Escócia, no começo de 1830, de que um grupo seleta de cristãos seria capturado para encontrar Cristo nos ares, antes dos dias do Anticristo. Uma testemunha ocular, Robert Norton M.D., preservou o relato escrito a mão por ela da sua revelação de um arrebatamento pré-tribulacional em dois de seus livros, e disse que foi a primeira vez que alguém dividiu a segunda vinda em duas partes ou estágios distintos. Seus escritos, juntamente com muitas outras literaturas da Igreja Católica Apostólica, ficaram escondidos por muitas décadas do pensamento evangélico dominante, e apenas recentemente reapareceram. As visões de

Margaret eram bem conhecidas por aqueles que visitavam sua casa, entre eles John Darby dos Irmãos. Dentro de poucos meses sua concepção profética distintiva foi refletida na edição de setembro de 1830 do *The Morning Watch* e na primeira assembléia dos Irmãos em Plymouth, Inglaterra. Os primeiros discípulos da interpretação pré-tribulacionista freqüentemente a chamavam de uma nova doutrina”.

John Nelson Darby (1800-1882), que foi o líder do movimento Irmãos e “pai do Dispensacionalismo moderno”, tomou o novo ensino de Margaret Macdonald sobre o arrebatamento, fez algumas mudanças (ela ensinava um arrebatamento parcial de crentes, enquanto ele ensinava que todos os crentes seriam arrebatados) e incorporou-o em seu entendimento dispensacionalista da Escritura e profecia. Darby gastaria o resto de sua vida falando, escrevendo e viajando para espalhar a nova teoria do arrebatamento. Os Irmãos de Plymouth admitiam abertamente e até mesmo se orgulhavam do fato que entre os seus ensinamentos estavam alguns totalmente novos, que nunca tinham sido ensinados pelos pais da igreja, escolásticos medievais, reformadores protestantes e muitos outros comentaristas.

O maior responsável pela ampla aceitação do pré-tribulacionismo e dispensacionalismo entre os evangélicos foi Cyrus Ingersoll Scofield (1843-1921). C. I. Scofield publicou sua Bíblia de Referência Scofield em 1909. Essa Bíblia, que expunha as doutrinas de Darby em suas notas, se tornou muito popular em círculos fundamentalistas. Na mente de muitos – professores da Bíblia, pastores fundamentalistas e multidões de cristãos professos – as notas de Scofield eram praticamente igualadas à própria palavra de Deus. Se uma pessoa não aderiu ao esquema dispensacionalista e pré-tribulacional, ele ou ela seria quase que automaticamente rotulado de modernista.

Hoje existe uma abundância de livros advogando a teoria do arrebatamento pré-tribulacional e o entendimento dispensacionalista dos fins dos tempos. Dado o fato que entre os cristãos professos o arrebatamento prétribulacional ainda é freneticamente popular, uma comparação dessa teoria com o ensino bíblico está justificado. Veremos que os argumentos típicos oferecidos em favor dessa teoria estão em conflito com a Bíblia.

Notas:

Irvingitas são os seguidores do famoso pregador de Londres, Edward Irving. A nova denominação Igreja Católica Apostólica não foi fundada por Edward Irving (1792-1834), mas certamente recebeu sua influência. Ver artigo “Edward Irving: Precursor do Movimento Carismático na Igreja Reformada”, Alderi Souza de Matos, *Fides Reformata*. (N. do T.)

Jornal trimestral pouco conhecido publicado pelos Irvingitas de 1829 a 1832. (N. do T.)

Dave MacPherson, *The Incredible Cover-Up: The True Story of the Pre-Trib Rapture* (Plainfield, NJ: Logos International, 1975), p. 93. Os seguintes estudiosos são citados por MacPherson como concordando com a afirmação dele que o pré-tribulacionismo é uma doutrina totalmente moderna, que se originou em ou por volta de 1830: Samuel P. Tregelles, Alexander Reese, Floyd E. Hamilton, Oswald T. Allis, D. H. Kromminga, George E. Ladd and J. Barton Payne. MacPherson também cita vários estudiosos dispensacionalistas e pré-tribulacionistas que admitem que a teoria pré-tribulacionista é de fato uma nova doutrina: W. E. Blackstone, H. A. Ironside, Charles C. Ryrie, Gerald B. Stanton and John F. Walvoord.

<http://reformedonline.com/view/reformedonline/rapture.htm>

O Arrebatamento²

Escrito por Hiram Hutto

Você provavelmente já viu um adesivo num carro que diz algo como “Em caso de arrebatamento esse carro ficará desgovernado.” O que isso quer dizer? Os pré-milenaristas ensinam que Jesus virá e que, naquela hora, todos os que “estão em Cristo” serão levados secretamente para encontrar com o Senhor no ar. Mas não é só isso.

De acordo com a teoria, quando os santos forem arrebatados encontrarão o Senhor no ar e ficarão com ele por um período de sete anos. Durante esse tempo terá uma grande tribulação para aqueles que permanecerem na terra; os judeus voltarão à terra prometida (ou seja, prometida aos judeus literais) na descrença. Após um período de três anos e meio o Anticristo causará grande tribulação para aqueles que estão na terra. Há muito mais, mas para resumir, no final dos três anos e meio Jesus voltará e estabelecerá seu reino na terra por 1.000 anos (literalmente), no final dos quais ocorrerá o julgamento e o fim do mundo.

Enquanto há erros no precedente, a Bíblia ensina que Cristo voltará e que seu povo irá ao seu encontro no ar. Uma passagem que fala sobre isso é 1 Tessalonicenses 4:16-17. “...o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”.

Algumas coisas são vistas claramente aqui que negam a teoria pré-milenarista do arrebatamento. Em primeiro lugar, a sua vinda não é “silenciosa” como eles alegam, mas é audível. Observe: o texto diz que o Senhor descera, ouvida a voz

do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus. A mesma observação é feita em João 5:28. Ao falar do ressurreição, Jesus disse, “... *porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz [de Jesus] e sairão*”. Mais uma passagem que fala da ressurreição é 1 Coríntios 15:52 (“...*ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis*”).

A segunda vinda não será apenas audível e, por isso, contraditória à teoria do arrebatamento silencioso; também não será em segredo mas visível e público. Em Apocalipse 1:7 a Bíblia diz “*Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram*”. Alguns ensinam que apenas aqueles que estão preparados o verão. Ele será invisível para outros. No entanto, esse texto diz que aqueles que o traspassaram o verão. Esses certamente não eram seu discípulos.

Um ponto vital na teoria pré-milenarista do arrebatamento é o ensinamento que o Senhor virá arrebatá a igreja e, após um período de sete anos, ele voltará para estabelecer seu reino. Uma pergunta importante é “Onde está a passagem que diz que o chamado arrebatamento acontecerá sete anos antes da segunda vinda?” O resto da doutrina pré-milenarista do arrebatamento é tão cheia de enigmas com erros como esse.

O Arrebatamento II³

Escrito por Keith Sharp

“A VIAGEM SUPREMA..., Aqueles que ainda estão vivos para contarem a história do ‘Projeto Desaparecimento’ tentarão em vão descrever o acontecimento que irá verificar os segredos mais antigos da palavra de Deus... ‘Lá estava eu, dirigindo pela estrada e, de repente, o lugar ficou uma loucura ... tinha carros indo a todas as direções ... e nenhum deles tinha motorista. Estava uma loucura total! Eu achava que era uma invasão do espaço!’” (Lindsey 124-125).

Esta é a descrição de Hal Lindsey do “arrebatamento”, um conceito extremamente popular entre os fundamentalistas evangélicos. O que a Bíblia ensina sobre a doutrina do “arrebatamento”?

A doutrina definida

Para responder esta pergunta, primeiro precisamos saber qual é a doutrina. Lindsey afirma o seguinte: “Algum dia, um dia que apenas Deus sabe qual é, Jesus Cristo virá para levar embora aqueles que crêem nele. Ele virá para

encontrar os verdadeiros crentes no ar... Será o final vivo. A viagem suprema.” (Ibid. 126)

“... nós acreditamos que a Bíblia distingue entre o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo e eles não acontecerão simultaneamente.” (Ibid.)

Então, de acordo com os pré-milenaristas (que acreditam num reinado futuro de Cristo na terra durante mil anos), não há apenas uma segunda vinda de Cristo, há uma segunda e uma terceira (e, na verdade, até uma quarta). A próxima vez que Jesus vier, dizem os pré-milenaristas, ele secretamente “arrebatará” (“apanhará”) os verdadeiros crentes. Ele ressuscitará os justos mortos. Mas os descrentes e os mortos perdidos permanecerão.

Termos chaves

Há algumas palavras bíblicas chaves associadas com esta doutrina que precisamos entender. O termo arrebatamento em si é derivado da versão Vulgata Latina de 1 Tessalonicenses 4:17 onde aparece a expressão “arrebatados”. De lá que parte a idéia de que os cristãos vivos na época da vinda de Cristo serão trasladados e arrebatados para encontrarem o Senhor no ar (Walvoord. 248).

Em 1 Tessalonicenses 4:17 a palavra grega “harpazo” é traduzida “arrebatados” na versão Almeida Revista e Atualizada. O termo significa “agarrar, apanhar” (Arndt & Gingrich. 108). A palavra “vinda”, usada para descrever a vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 4:15) é traduzida a partir da palavra grega “parousia”. Ela significa presença, vinda, chegada” (Ibid. 635). Sempre foi usada para presença literal (cf. Filipenses 2:12). Finalmente, a palavra “manifestação” usada para descrever a segunda vinda de Jesus (1 Timóteo 6:14), vem do grego “epiphaneia” (equivalente em português a epifania). Esta palavra refere-se a “uma manifestação visível de uma divindade escondida” (Ibid. 304).

A doutrina descrita

Há seis partes principais à doutrina pré-milenarista do arrebatamento:

1. A “segunda vinda” de Cristo é diferente de, e vem após, o “arrebatamento”: “... nós acreditamos que a Bíblia distingue entre o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo e eles não acontecerão simultaneamente” (Lindsey 131).

2. O arrebatamento será secreto: “...no arrebatamento, apenas os cristãos o verão — é um mistério, um segredo. Quando os crentes vivos são levados, o mundo será mistificado” (Ibid. 131).

3. Apenas os justos serão ressuscitados na época do arrebatamento: os injustos serão ressuscitados no final “do milênio” (Ibid. 130-31).

4. A igreja estará no céu por um período de sete anos (durante a Grande Tribulação): “...sua presença durante este período dos últimos sete anos na história depende completamente de você” (Ibid. 127).

5. Os acontecimentos na terra continuarão: “Estes crentes serão removidos da terra antes da Grande Tribulação — antes daquele período da mais terrível pestilência, matança e fome que o mundo jamais conheceu” (Ibid).

6. Muitos serão levados a Cristo após tudo isso: “Nós precisamos entender que durante a Tribulação de sete anos haverá pessoas que se tornarão crentes naquela época” (Ibid. 132).

O que a Bíblia diz

A Bíblia usa as palavras “arrebatados” (harpazo), “vinda” (parousia) e “manifestação” (epiphaneia), de modo trocável, para descrever a segunda vinda de Cristo. O Senhor irá destruir o sem lei “pela manifestação (epiphaneia) de sua vinda (parousia)” (2 Tessalonicenses 2:8). Esta “vinda” (parousia) é na mesma hora que ele arrebatará os santos (1 Tessalonicenses 4:15,17). Jesus não voltará uma terceira e quarta vez; há apenas a segunda vinda. Estes acontecimentos, os cristãos sendo arrebatados e a segunda vinda de Cristo, não serão separados por 1007 anos (a “Grande Tribulação de sete anos seguida pelo reinado de 1000), como os pré-milenaristas afirmam, mas ambos acontecerão ao mesmo tempo.

Quando ele vier pelos santos, não será secreto. “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Tessalonicenses 4:16).

Não haverá um período de 1007 anos entre a ressurreição dos justos e a ressurreição dos injustos. Todos os mortos serão ressuscitados ao mesmo tempo. “*Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo*” (João 5:28-29).

Os cristãos não vão ficar com o Senhor e depois voltar para a terra por mil anos. Vamos deixar esta terra para sempre quando ele voltar. “*Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e*

ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:16-17).

A palavra “assim” é um advérbio que significa “nesta maneira”. Desta maneira, no ar “*estaremos para sempre com o Senhor*”, não diz que apenas por sete anos estaremos com o Senhor.

Na sua vinda (parousia) a terra, até o universo, será destruída (1 Coríntios 15:20-24,50-54; 2 Pedro 3:1-12).

Não haverá uma segunda chance para ser salvo, pois na sua vinda todos serão julgados e receberão a eternidade no céu ou no inferno (Mateus 25:31-46).

A Bíblia não ensina a doutrina do pré-milenarismo do “arrebatamento”. Esta doutrina alimenta a esperança falsa de uma segunda chance depois da volta de Jesus. É uma parte integrante do sistema falso e materialista do pré-milenarismo. Quando Cristo voltar, este mundo chegará ao fim, todos nós seremos julgados e a eternidade começará.

“Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão” (2 Pedro 3:11-12).

Obras citadas:

Arndt, F.W. e W.F. Gingrich, A Greek-English Lexicon of the New Testament.

Lindsey, Hal. The Late Great Planet Earth.

Walvoord, John F. The Millennial Kingdom.

Notas:

Este texto de 2 Pedro 3:1-12 que fala da Terra e do Universo sendo destruído é tratado como simbólico por muitos teólogos de renome. O próprio texto demonstra o simbolismo profético. Pois na semelhança como foi destruído o “mundo” antigo da época de Noé, é claro não foi destruído a estrutura do mundo físico do kosmos, mas apenas “a sociedade” ou seja, aquele “sistema” e aqueles homens é que foram destruídos pelas águas do dilúvio.

Arrebatamento e Ressurreição⁴

Escrito por Dr. Greg L. Bahnsen

O significado da esperança para uma pessoa, a função da visão para o seu estilo de vida, a necessidade crítica de cálculo exato e planejamento sábio, e as ramificações éticas das expectativas históricas de alguém têm sido repetidamente enfatizadas e ilustradas na futurologia (o estudo do futuro) que se tornou firmemente arraigada no pensamento moderno, da psicologia e moralidade à economia e sociologia. O espírito da nossa época tomou um rumo escatológico. Contrapartes seculares ao apocalipticismo e várias perspectivas milenaristas podem ser descobertas, e reproduções teológicas ao utopianismo humanista e engenharia política são da mesma forma encontradas. Sua visão do futuro, quer origine-se da revelação ou extrapolação, não é uma questão indiferente ou irrelevante; sua atitude para com a história não é simplesmente especulação fútil. Idéias têm conseqüências!

Num artigo anterior (“Future and Folly”) discuti o que certos teólogos radicais têm dito sobre o futuro, como eles o divinizaram e politizaram. Para eles a escatologia se tornou uma esperança humanista – uma esperança possível somente negando-se a transcendência de Deus sobre o tempo e removendo o conteúdo de Sua palavra com suposições alienadas e antagonicas. Uma visão afirmativa da história para eles procede de uma visão negativa da Escritura.

Por outro lado, existem teólogos que tomam uma visão negativa da história e alegam que isso procede de uma visão positiva da Escritura. De acordo com essa perspectiva, a esperança cristã reside não nos ganhos positivos a serem desenvolvidos na história, mas antes em seu escape do clímax de uma tendência firmemente degeneradora na história. Isto é, à medida que as coisas ficam piores e piores em termos de condições mundiais e respostas ao evangelho, o crente pode aguardar o seu “arrebatamento secreto” do mundo antes da grande tribulação, para a qual a história está se movendo. Supõe-se que todos os crentes genuínos, juntamente com os mortos em Cristo, serão tomados da Terra para estarem com o Salvador durante os poucos anos restantes da presente época histórica. O período de tribulação sobre a Terra terminará com o retorno de Cristo; seguindo Sua segunda vinda haverá um longo período de tempo (o milênio) que terminará com a ressurreição dos ímpios no julgamento final deles.

Obviamente, qualquer cristão que ame ao Senhor não desprezará Sua palavra revelada como fazem os teólogos radicais. O crente deseja ver a história (incluindo o futuro) através das lentes da verdade bíblica. Qual deveria ser sua

perspectiva então? Ele não pode ser indiferente para com o futuro; assim, o que ele deverá pensar e fazer com respeito a isso? A escolha é entre uma esperança secularizada na política humana e uma esperança retrocessiva no arrebatamento? Repudiando a teologia radical, o cristão é forçado pela palavra a Deus a antecipar o arrebatamento secreto um pouco antes do fim dessa era? Não penso assim, e pela simples razão que a Escritura não ensina que o arrebatamento dos crentes será secreto ou separado por um período de tempo significativo a partir do término da presente época.

Quando os santos serão arrebatados da Terra para encontrar ao seu Senhor? Quando os crentes serão “*arrebatados... nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares*”, para estar com ele para sempre (1Ts. 4:17)? A passagem citada deixa claro que o arrebatamento coincide com (1) a ressurreição dos santos (vv. 13-16, e “juntamente com eles” no v. 17), e (2) a vinda do Senhor do céu (v. 16). A Escritura em outro lugar esclarece quando esses dois eventos ocorrerão.

Primeiro, a ressurreição dos santos ocorrerá na vinda de Cristo, a qual trará o fim (1Co. 15:23-24). Cristo declara que ele nos ressuscitará no último dia (João 6:39-40, 44, 54). Além do mais, os santos e os ímpios existirão na Terra até o dia “da colheita” do julgamento de Deus sobre o “joio” (Mt. 13:24-30); os redimidos e os ímpios não serão separados até a consumação dos séculos (Mt. 13:47-50).³ Portanto, a ressurreição dos santos deve coincidir com a ressurreição dos ímpios (uma seguindo logo após a outra); quando os crentes saírem para a ressurreição da vida, naquele tempo todos nos túmulos também sairão, incluindo os ímpios que forem ressuscitados para o julgamento (João 5:26-29). Vemos, então, que não existe nenhum intervalo significativo entre o arrebatamento dos santos, a ressurreição dos mortos em Cristo, a ressurreição e julgamento dos ímpios, e o fim desta era.

Em segundo lugar, a vinda do Senhor mencionada em 1Ts. 4:16 é também chamada de o “dia do nosso Senhor Jesus Cristo”, quando os santos serão encontrados irrepreensíveis; esse dia coincide com o fim (1Co. 1:7-8). Além do mais, a vinda do Senhor mencionada em 1Ts. 4:15 trará a glorificação dos santos (cf. Rm. 8:17, 23; 1Co. 15:43; Fp. 3:21; 1Jo. 3:2). Paulo une o retorno de Cristo e a glorificação dos santos em 2Ts. 1:7-10; ele deixa bem claro ali que esses dois eventos serão acompanhados pelo julgamento dos ímpios. Isso confirma o que lemos em outro lugar, a saber, que quando Cristo estabelecer seu tribunal de julgamento eterno, toda a humanidade, incluindo as ovelhas e os bodes (isto é, os redimidos e os réprobos), será julgada (Mt. 25:31-34, 41, 46). Vemos, então, que não existe nenhum intervalo significativo entre o arrebatamento dos santos, a vinda do Senhor, a glorificação dos santos, o julgamento geral da humanidade (incluindo os ímpios), e o fim desta era.

Devemos concluir a partir da palavra de Deus que o arrebatamento não

ocorrerá antes do último dia da história, que ele não deixará para trás o mundo dos ímpios, e que não será separado da ressurreição e julgamento dos ímpios. O arrebatamento pré-tribulacional sete (ou três e meio) anos antes do retorno do Senhor é contrário ao ensino da Bíblia. Além disso, deve ser notado que o arrebatamento dos santos será tudo menos um evento secreto; será acompanhado com o alarido de Cristo, a voz de arcanjo, e a trombeta de Deus (1Ts. 4:16-17). Ninguém perderá isso.

Consequentemente, o cristão não é forçado a escolher entre uma afirmação humanista da história e um recuo bíblico da história. Sua perspectiva sobre a história e sua esperança nela não deve ser encontrada na divinização da política nem no arrebatamento. Uma visão positiva da Escritura e da história andam de mão dadas. Antes da ressurreição dos santos (isto é, a derrota do último inimigo, a morte) Cristo deve reinar até que coloque cada um dos inimigos sob os seus pés (1Co. 15:25-26). Teólogos radicais, bem como dispensacionalistas falham em ver que na história antes da parousia, os reinos do mundo se tornarão o reino do nosso Senhor e do Seu Cristo (Ap. 11:15). Essa visão e esperança de fato têm consequências!

Notas:

<http://www.cmfnow.com/articles/pt008.htm>

Um Será Levado⁵

Escrito por Jonathan Crosby

“Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra”. (Mateus 24:40-41)

“Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado. Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada. Dois estarão no campo; um será tomado, o outro será deixado”.
(Lucas 17:34-36)

Essas palavras se aplicam ao arrebatamento secreto dos santos ou a algum outro evento?

Nosso Senhor Jesus Cristo usou essas palavras para advertir sobre a destruição vindoura de Jerusalém pelo exército romano no ano 70 d.C. Os levados são aqueles que foram destruídos por esse súbito evento, e os deixados

são aqueles que ouviram às Suas advertências e escaparam. A advertência desse julgamento severo da parte de Deus e o possível escape para os crentes são temas comuns no Novo Testamento.

1. Nossos textos são Mateus 24:40-41 e Lucas 17:34-36.

2. Leia Mateus 24:1-50 e Lucas 17:20-37.

3. Não existe nenhum arrebatamento secreto ensinado na Bíblia. O retorno do nosso Senhor envolve uma única ressurreição, tanto de justos como injustos (João 5:28-29; 1Ts. 4:13-18; Atos 24:15).

4. Não existe nenhum arrebatamento secreto ensinado na Bíblia. Essa idéia, tanto em palavra como doutrina, é desconhecida na Bíblia e desconhecida pelos homens antes do surgimento dos seguidores de Edward Irving na Inglaterra, por volta de 1830.

5. Não existe nenhum arrebatamento secreto ensinado na Bíblia. A visão comum de aviões colidindo devido ao “arrebatamento” dos pilotos é produto da imaginação dos falsos mestres.

6. Não existe nenhum arrebatamento secreto ensinado na Bíblia. A especulação moderna de um “arrebatamento” tem tanta base bíblica quanto as falsas predições de William Miller para o retorno de Cristo em 1844.

7. O contexto geral de Mateus 24:40-41 é o capítulo inteiro, que está lidando com a vinda do Senhor Jesus em poder e juízo sobre a nação de Israel em 70 d.C.

8. O contexto imediato é uma advertência pessoal “daquele dia e hora” (24:36). Tendo predito que todos os eventos ocorreriam dentro daquela geração (24:34-35), nosso Senhor exorta à vigilância e fidelidade devido ao tempo desconhecido daqueles eventos.

9. O contexto preciso é o exemplo de um julgamento do Antigo Testamento que pegou os homens desprevenidos (24:37-39). O dilúvio veio quando os homens estavam despreocupados e pegou todos eles. A vinda do Filho do homem é Sua vinda em juízo sobre a nação (Mt. 16:28).

10. Os levados são comparados àqueles que o dilúvio de Noé levou – os levados são os ímpios (Mateus 24:39; Lucas 17:27). Os levados não são os santos.

11. O contexto conclusivo é uma exortação à vigilância devido ao tempo desconhecido desse julgamento súbito vindo sobre os desatentos (24:42-15). Paulo incitou os Hebreus à maior fidelidade em seus deveres à luz do mesmo evento (Hebreus 10:25).

12. Malaquias advertiu sobre o Senhor vindo em juízo sobre os judeus de Sua geração (Ml. 3:1-6; 4:1-6). Não se engane – Elias é João o Batista (Mt. 11:7-15; 17:10-13).

13. João o Batista advertiu sobre Jesus vindo em juízo sobre sua geração (Mt. 3:10-12).

14. Jesus advertiu sobre Sua gloriosa vinda em juízo sobre aquela geração (Mateus 16:28; 21:33-46; 22:1-10; 26:64; Lucas 12:49; 23:28-31).

15. Pedro advertiu sobre a vinda em juízo sobre aquela geração (Atos 2:40).

16. Paulo advertiu sobre a vinda em juízo sobre aquela geração (1Ts. 2:16; Hb. 10:25).

17. Tiago advertiu sobre a vinda em juízo sobre aquela geração (Tiago 5:1-9).

18. O contexto geral de Lucas 17:34-36 são os versículos a partir de 17:20 até o final do capítulo, que lidam com a vinda do reino do Senhor em poder e glória no ano 70 d.C.

19. O contexto de Lucas (17:20-37) confirma nossa interpretação combinando aqueles eventos para aquela geração (Mt. 24:1-35) com as advertências que seguem (Mt. 24:36-50).

20. Pelo menos alguns dos discípulos então vivos seriam inclusos nessa situação (17:22).

21. Lucas adiciona a advertência de não descer do telhado da casa para pegar alguma coisa (Lucas 17:31), visto que tal atraso poderia custar-lhes a vida na subitaneidade do cerco romano. Tais palavras não têm nenhum significado à luz do “arrebato”, pois sobre o mesmo é dito que acontecerá num piscar

de olhos, sem qualquer advertência! Quem teria tempo para ir e reunir coisas para o arrebatamento?

22. Lucas também adiciona a advertência da mulher de Ló (Lucas 17:32), visto que a destruição ocorreria a qualquer um que demorasse sair da cidade enquanto os exércitos se aproximassem (Lucas 21:20-21).

23. Os levados seriam levados por águias comendo as carcaças dos judeus (Lucas 17:37), e essa figura é usada pelo nosso Senhor no meio das coisas para aquela geração (Mt. 24:28). E quando os judeus se reuniram em Jerusalém para a Páscoa, a saga foi iniciada.

24. Esse foi um evento do qual o escape era possível para os crentes que observassem os sinais e agissem de acordo com eles (Mt. 24:22; Lucas 21:36; Atos

25. Entender essas palavras à luz do ano 70 d.C. não é novidade, pois John Gill o Batista (1697-1771), Adam Clarke o Metodista (1715-1832), Albert Barnes o Presbiteriano (1798-1870) e muitos outros comentaristas entenderam a profecia dessa forma também.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: A Origem do Ensino de um Arrebatamento Pré-Tribulacional. Autor: Brian Schwertley Fonte: Extraído e traduzido do livreto "Is the Pretribulation Rapture Biblical?", de Brian Schwertley. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: O Arrebatamento. Autor: Hiram Hutto. Site: www.estudosdabiblia.net
3. Artigo: O Arrebatamento. Escrito por Keith Sharp.
4. Artigo: Arrebatamento e Ressurreição. Autor: Dr. Greg L. Bahnsen. Fonte: www.cmfnow.com - Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
5. Artigo: Um Será Levado. Autor: Jonathan Crosby. Fonte: www.letgodbetruer.com Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 4 -

O Fim do Mundo e o Significado do “Dia do Senhor” e “Últimos Dias”

Neste capítulo, o leitor entenderá a respeito dos conceitos de “fim do mundo”, “dia do Senhor” e “últimos dias” sendo este último um dos mais mal interpretados atualmente.

Sincronizando “o Dia do Senhor”¹

Escrito por James Patrick Holding

O Novo Testamento refere-se diversas vezes ao “dia” de Cristo no contexto de um julgamento iminente. Para entender como esse termo é usado no NT, é necessário olhar como um precursor da frase é usado no Antigo Testamento.

A frase “o dia do Senhor” (ODDS) ocorre 26 vezes no AT, sempre na literatura profética. Seis dessas ocorrências referem-se a um “dia do Senhor...” X, mas nem todos desses referem-se a um evento futuro. Começemos, na ordem do AT, com Isaías:

Is. 2:12 Porque o Dia do SENHOR dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo e contra todo aquele que se exalta, para que seja abatido...

O primeiro exemplo de ODDS ocorre no contexto de um oráculo que prediz nos “últimos” dias ou nos dias futuros um tempo quando “todas as nações” afluirão para a casa do Senhor (2:2, RC) e haverá um fim de toda guerra (2:4) e os homens altivos serão humilhados (2:11-17) ou tentarão se esconder do julgamento de Deus (2:19ss). Esse uso claramente indica uma figura do juízo final.

Is. 13:6-9 Uivai, pois está perto o Dia do SENHOR; vem do Todo-Poderoso como assolação. Pelo que todos os braços se tornarão frouxos, e o coração de todos os homens se derreterá. Assombrar-se-ão, e apoderar-se-ão deles dores e ais, e terão contorções como a mulher parturiente; olharão atônitos uns para

outros; o seu rosto se tornará rosto flamejante. Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores.

Desta vez, contudo, o ODDS é um julgamento direcionado exclusivamente contra a Babilônia. Babilônia é diretamente mencionada (13:1, 19) e é dito que os medos serão o instrumento da destruição de Babilônia (13:17). Por referência, observe também como este julgamento singular é descrito:

Is. 13:10-13 Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz. Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos violentos. Farei que os homens sejam mais escassos do que o ouro puro, mais raros do que o ouro de Ofir. Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor.

É fácil ver um paralelo dos pronunciamentos de Jesus sobre Jerusalém. Mais de tal linguagem é encontrada na última referência de Isaías:

Is. 34:4, 8-10 Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira... Porque será o dia da vingança do SENHOR, ano de retribuições pela causa de Sião. Os ribeiros de Edom se transformarão em piche, e o seu pó, em enxofre; a sua terra se tornará em piche ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela.

Isaías 34 é um oráculo de julgamento contra Edom. Note aqui que o “dia” do Senhor é igualado com o “ano de retribuições”, indicando assim que “o dia do Senhor” não está associado com um período simples de 24 horas. (Stuart observa que a frase provavelmente se originou na concepção do Antigo Oriente Médio de um guerreiro ideal que poderia conquistar os inimigos num dia; comentário de Oséias-Jonas, 231).

Jr. 46:10 Porque este dia é o Dia do Senhor, o SENHOR dos Exércitos, dia de vingança contra os seus adversários; a espada devorará, fartarse-á e se embriagará com o sangue deles; porque o Senhor, o SENHOR dos Exércitos tem um sacrifício na terra do Norte, junto ao rio Eufrates.

O oráculo desta vez é uma advertência ao Egito (46:2) e ao faraó dos dias de Jeremias.

Lm. 2:22 Convocaste de toda parte terrores contra mim, como num dia de solenidade; não houve, no dia da ira do SENHOR, quem escapasse ou ficasse; aqueles do meu carinho os quais eu criei, o meu inimigo os consumiu.

Nesse caso, o ODDS é usado para referir-se a um evento passado de julgamento, dessa vez sobre Jerusalém.

O próximo: Ezequiel –

Ez. 13:5 Não subistes às brechas, nem fizestes muros para a casa de Israel, para que ela permaneça firme na peleja no Dia do SENHOR.

Esta advertência é feita aos profetas de Israel (13:1) e é uma admoestação contra eles por serem falsos profetas (13:6-7). Esses profetas tinham predito paz para Jerusalém (13:16). A referência ao ODDS aqui é provavelmente ao ataque iminente da Babilônia contra Jerusalém.

Ez. 30:3 Porque está perto o dia, sim, está perto o Dia do SENHOR, dia nublado; será o tempo dos gentios.

Dessa vez o oráculo é contra o Egito, e Babilônia será o mecanismo de julgamento (30:10).

As próximas cinco referências são do livro de Joel.

Joel 1:15 Ah! Que dia! Porque o Dia do SENHOR está perto e vem como assolação do Todo-Poderoso.

Joel 2:1 Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do SENHOR vem, já está próximo;

Joel 2:11 O SENHOR levanta a voz diante do seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque é poderoso quem executa as suas ordens; sim, grande é o Dia do SENHOR e mui terrível! Quem o poderá suportar?

Joel 2:31 O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR.

Joel 3:14 Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do SENHOR está perto, no vale da Decisão.

Por causa da dificuldade em saber quando Joel foi escrito, não é possível dizer em todos os casos quem é o “inimigo”. Mas em outra ocasião apresentaremos mais detalhes sobre Joel. É suficiente dizer por ora que pelo menos as três primeiras referências são a um julgamento iminente contra os judeus.

As próximas três referências a um ODDS são de Amós, que foi provavelmente o primeiro dos profetas, cronologicamente falando, a usar a frase:

Amós 5:18-20 Ai de vós que desejais o Dia do SENHOR! Para que desejais vós o Dia do SENHOR? É dia de trevas e não de luz. Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido de uma cobra. Não será, pois, o Dia do SENHOR trevas e não luz? Não será completa escuridão, sem nenhuma claridade?

Amós 5-6 é um oráculo profético contra o reino norte de Israel.

O pequeno livro de Obadias faz o próximo uso da frase:

Ob. 15 Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu malfeito tornará sobre a tua cabeça.

O oráculo de Obadias é sobre Edom, e é claro que Obadias esperava que o ODDS afetasse Edom.

Agora é a vez de Sofonias:

Sf. 1:7-8 Cala-te diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto, pois o SENHOR preparou o sacrifício e santificou os seus convidados. No dia do sacrifício do SENHOR, hei de castigar os oficiais, e os filhos do rei, e todos os que trajam vestiduras estrangeiras.

Sf. 1:14 Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clama até o homem poderoso.

Sf. 1:18-2:3 Nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar no dia da indignação do SENHOR, mas, pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida, porque, certamente, fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra. Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto, pois o dia se vai como a palha; antes que venha sobre ti o furor da ira do SENHOR, sim, antes que venha sobre ti o dia da ira do SENHOR. Buscai o SENHOR, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura, lograreis esconder-vos no dia da ira do SENHOR.

Esses oráculos são contra Jerusalém e Judá (1:14). Novamente é digno de nota, para uma referência futura, o simbolismo usado:

Sf. 1:15-17 Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas, dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes e contra as torres altas. Trarei angústia sobre os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o SENHOR; e o sangue deles se derramará como pó, e a sua carne será atirada como esterco.

Agora Zacarias, que também faz uso da frase:

Zc. 14:1 Eis que vem o Dia do SENHOR, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti.

Pela primeira vez desde Isaías, o ODDS pode aqui ser usado como uma frase refletindo o juízo final. O Senhor é rei sobre toda a terra (14:9) e todas as nações virão para observar a Festa dos Tabernáculos (14:16). Outros preteristas, contudo, vêem isso como uma referência ao ano 70 d.C. e crêem que estamos agora num momento onde o Senhor é rei sobre a terra e observamos a festa na “Jerusalém celestial”. Eu tendo a concordar com a última posição.

Finalmente, Malaquias usa a frase:

Malaquias 4:5 Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR...

Certamente, exegetas cristãos vêem isto como uma profecia de João o Batista. Não obstante essa interpretação, esse oráculo aos que retornaram do

exílio fala de um dia que “vem... e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o SENHOR dos Exércitos” (4:1-3). Ao que esse ODDS refere-se? Ele refere-se aqui à destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Nossa conclusão: "O dia do Senhor" é uma frase geral de julgamento que pode descrever o julgamento escatológico final do mundo, mas com maior frequência descreve qualquer dia vindouro de julgamento. Qual “dia” se tem em mente é determinado pelo contexto, não meramente pela frase em si.

O Dia do Senhor²

Escrito por Brian Godawa

O “dia do Senhor” é também uma frase que é freqüentemente associada com a segunda vinda de Cristo. Mas um estudo cuidadoso da Escritura mostra que o “dia do Senhor” é uma referência genérica do Antigo Testamento a qualquer tempo em que o Senhor “vem” em julgamento sobre uma nação ou cultura. Já houve muitos “dias do Senhor” no passado, e todos deles que foram descritos como “pertos” aconteceram de fato “perto” daqueles a quem as palavras foram pronunciadas.

O SAQUEAMENTO DE JERUSALÉM EM 586 A.C.

Odabias 15: “Porque o Dia do SENHOR está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu malfeito tornará sobre a tua cabeça”.

Sofonias 1:7: “Cala-te diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto... (14) Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e muito se apressa.

Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clama até o homem poderoso... (15) Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de

alvorço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas.

AMÓS PROFETIZA A DESTRUIÇÃO DE ISRAEL PELOS ASSÍRIOS:

Amós 5:18: “Ai de vós que desejais o Dia do SENHOR! Para que desejais vós o Dia do SENHOR? É dia de trevas e não de luz”. (19) Como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando a mão à parede, fosse mordido de uma cobra. (20) Não será, pois, o Dia do SENHOR trevas e não luz? Não será completa escuridão, sem nenhuma claridade?

A QUEDA DE BABILÔNIA DIANTE DOS MEDOS EM 539 A.C.:

Isaías 13:6: “Uivai, pois está perto o Dia do SENHOR; vem do Todo-Poderoso como assolação... (9) Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores. (11) Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade... (13) Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor. (17) Eis que eu despertarei contra eles os medos, que não farão caso de prata, nem tampouco desejarão ouro. (19) Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou.

A QUEDA DE EDOM:

Isaías 34:5: Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição. (8) Porque será o dia da vingança do SENHOR, ano de retribuições pela causa de Sião. (35:4) Dizei aos desalentados de coração: Sede fortes, não temais. Eis o vosso Deus. A vingança vem, a retribuição de Deus; ele vem e vos salvará.

A QUEDA DO EGITO POR NABUCODONOSOR:

Jeremias 46:1: Palavra do SENHOR que veio a Jeremias, o profeta, contra as nações. (2) A respeito do Egito... (10) Porque este dia é o Dia do Senhor, o SENHOR dos Exércitos, dia de vingança contra os seus adversários; a espada devorará, fartar-se-á e se embriagará com o sangue deles; porque o Senhor, o SENHOR dos Exércitos tem um sacrifício na terra do Norte, junto ao rio Eufrates.

Observe também os seguintes versículos, que unem a figura da “nuvem” com o “dia do Senhor”. Lembre-se que anteriormente mostramos que “nuvens” era uma referência a Deus vindo em julgamento.

A QUEDA DO EGITO POR:

Ezequiel 30:2: Assim diz o SENHOR Deus: Gemei: Ah! Aquele dia! Porque está perto o dia, sim, está perto o Dia do SENHOR, dia nublado; será o tempo dos gentios. (4) A espada virá contra o Egito.

A DESTRUIÇÃO DE ISRAEL POR DEUS:

Sofonias 1:7: Cala-te diante do SENHOR Deus, porque o Dia do SENHOR está perto (14) Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clama até o homem poderoso. (15) Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas.

O Antigo Testamento profetiza um “dia do Senhor” para Israel, no qual Deus julgará Jerusalém. Esse “dia do Senhor” é a destruição de Jerusalém por Roma e a Destruição do Templo sobre a qual Jesus falou.

Sofonias 1:3: ...diz o SENHOR. (4) Estenderei a mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém... (7) ... Porque o Dia do SENHOR está perto... (12) Naquele tempo, esquadrinharei a Jerusalém com lanternas e castigarei os homens que estão apegados à borra do vinho e dizem no seu coração: O SENHOR não faz bem, nem faz mal. (14) Está perto o grande Dia do SENHOR; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do SENHOR é amargo, e nele clama até o homem poderoso. (15) Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas.

Malaquias 4:5: Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR. (6) ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição.

Lucas 1:17: E irá adiante [João o Batista] do Senhor no espírito e poder de Elias, PARA CONVERTER O CORAÇÃO DOS PAIS AOS FILHOS.

Os Últimos Dias³

Escrito por David Chilton

Como começamos a ver no capítulo precedente, o período mencionado na Bíblia como “os últimos dias” (ou “último tempo” ou “última hora”) é o período entre o nascimento de Cristo e a destruição de Jerusalém. A Igreja primitiva estava vivendo no final da antiga era e o começo da nova. Todo esse período deve ser considerado como o tempo do primeiro advento de Cristo. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a destruição prometida de Jerusalém é considerada como um aspecto da obra de Cristo, intimamente associada com a sua obra de redenção. Sua vida, morte, ressurreição, ascensão, derramamento do Espírito e juízo sobre Jerusalém são todas partes de sua única obra de trazer o seu reino e criar seu novo templo (veja, por exemplo, como Daniel 9:24-27 relaciona a expiação com a destruição do templo).

Consideremos como a própria Bíblia usa essas expressões sobre o fim da era. Em 1 Timóteo 4:1-3, S. Paulo advertiu: *“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade”*.

S. Paulo estava falando sobre os “últimos tempos” que aconteceriam milhares de anos mais tarde? Por que advertir Timóteo de eventos que nem Timóteo, nem os tataranetos de Timóteo, e nem seus descendentes de cinquenta gerações adiante jamais viveriam para ver? De fato, S. Paulo diz a Timóteo: *“Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido”* (1 Timóteo 4:6). Os membros da congregação de Timóteo precisavam saber sobre o que aconteceria nos “últimos tempos”, pois eles seriam pessoalmente afetados por aqueles eventos. Em particular, eles precisavam da certeza que a apostasia vindoura era parte do padrão geral de eventos que conduziriam ao fim da antiga ordem e o pleno estabelecimento do reino de Cristo. Como podemos ver em passagens tais como Colossenses 2:18-23, as “doutrinas de demônios” das quais S. Paulo advertiu estavam em voga durante o primeiro século. Os “últimos tempos” já estavam acontecendo. Isso é totalmente claro na última declaração de S. Paulo a Timóteo: *“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avaros, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados,*

implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes. Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé” (2 Timóteo 3:1-8).

As próprias coisas que S. Paulo disse que aconteceriam nos “últimos dias” estavam acontecendo enquanto ele escrevia, e ele estava simplesmente advertindo Timóteo acerca do que havia de esperar à medida que a era chegava ao seu clímax. O Anticristo estava começando a levantar sua cabeça.

Outros escritores do Novo Testamento compartilham essa perspectiva com S. Paulo. A carta aos Hebreus começa dizendo que Deus *“nestes últimos dias, nos falou pelo Filho”* (Hebreus 1:2); o escritor logo procede a mostrar que *“agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado”* (Hebreus 9:26). S. Pedro escreveu que Cristo foi *“conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós que, por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus”* (1 Pedro 1:20-21). O testemunho apostólico é inconfundivelmente claro: quando Cristo veio, os “últimos dias” chegaram com ele. Ele veio para iniciar a nova era do reino de Deus. A antiga estava desvanecendo, e seria totalmente abolida quando Deus destruísse o templo.

Desde o Pentecostes até o Holocausto

No dia de Pentecostes, quando o Espírito tinha sido derramado e a comunidade cristã falou em outras línguas, S. Pedro declarou a interpretação bíblica do evento: *“Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”* (Atos 2:16-21).

Já vimos como o “sangue, fogo e vapor de fumaça” e os sinais no sol e luz foram cumpridos na destruição de Jerusalém. O que é crucial observar nesse ponto é a declaração precisa de S. Pedro de que os últimos dias tinham chegado. Contrário a algumas exposições modernas deste texto, S. Pedro não diz que os milagres de Pentecostes eram semelhantes ao que Joel profetizou, ou que eles eram algum tipo de “proto-cumprimento” da profecia de Joel; ele disse que isso era o cumprimento. *“Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”*. Os últimos dias estavam presentes: o Espírito tinha sido derramado, o povo de Deus estava profetizando e falando em línguas, e Jerusalém seria destruída com fogo. As antigas profecias estavam sendo desveladas, e esta geração não passaria até que *“todas estas coisas”* fossem cumpridas. Portanto, S. Pedro urge aos seus ouvintes: *“Salvai-vos desta geração perversa”* (Atos 2:40).

Nesse sentido, deveríamos observar a importância escatológica do dom de línguas. S. Paulo mostrou, em 1 Coríntios 14:21-22, que o milagre das línguas foi o cumprimento da profecia de Isaías contra o Israel rebelde. Porque o povo do pacto estava rejeitando sua clara revelação, Deus advertiu que seus profetas falariam a eles com línguas estrangeiras, com o expresse propósito de dar um último sinal ao Israel incrédulo durante os últimos dias antes do juízo:

“Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha falará o SENHOR a este povo... para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, se enlacem, e sejam presos.

Ouvi, pois, a palavra do SENHOR, homens escarnecedores, que dominais este povo que está em Jerusalém.

Porquanto dizeis: Fizemos aliança com a morte e com o além fizemos acordo; quando passar o dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque, por nosso refúgio, temos a mentira e debaixo da falsidade nos temos escondido.

Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge.

Farei do juízo a régua e da justiça, o prumo; a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas arrastarão o esconderijo.

A vossa aliança com a morte será anulada, e o vosso acordo com o além não subsistirá; e, quando o dilúvio do açoite passar, sereis esmagados por ele.

Todas as vezes que passar, vos arrebatará, porque passará manhã após manhã, e todos os dias, e todas as noites; e será puro terror o só ouvir tal notícia” (Isaías 28:11-19).

O milagre do Pentecostes foi uma mensagem espantosa para Israel. Eles sabiam o que isto significava. Era o sinal de Deus de que a Pedra Principal Angular tinha chegado, e que Israel tinha rejeitado-a para sua própria

condenação (Mateus 21:42-44; 1 Pedro 2:6-8). Era o sinal de juízo e reprovação, o sinal de que os apóstatas de Jerusalém estavam por “cair para trás, e se quebrantarem, se enlaçarem, e serem presos”. Os últimos dias de Israel tinham chegado: a antiga era estava no fim, e Jerusalém seria varrida num novo dilúvio, e abriria caminho para a Nova Criação de Deus. Como S. Paulo disse, o dom de línguas era “*sinal não para os crentes, mas para os incrédulos*” (1 Coríntios 14:22) – um sinal para os judeus incrédulos da aproximação da sua condenação.

A Igreja primitiva anelava a vinda da nova era. Eles sabiam que, com o fim visível do sistema do Antigo Pacto, a Igreja se manifestaria como o novo e verdadeiro templo; e a obra que Cristo veio realizar seria cumprida. Isso foi um aspecto importante da redenção, e os cristãos da primeira geração anelavam ver esse evento em seu próprio tempo de vida. Durante esse período de espera e severas provas, o apóstolo Pedro lhes assegurou que eles eram “*guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo*” (1 Pedro 1:5). Eles estavam no limiar do novo mundo.

Esperando o Fim

Os apóstolos e os cristãos da primeira geração sabiam que estavam vivendo nos últimos dias da era do Antigo Pacto. Eles anelavam ver sua consumação e a plena iniciação da nova era. À medida que a era progredia e os “sinais do fim” aumentavam e se intensificavam, a Igreja podia ver que o Dia do Juízo estava se aproximando rapidamente; uma crise ameaça o futuro próximo, quando Cristo lhes libertaria “*do presente século mau*” (Gálatas 1:4, RC). As declarações dos apóstolos estavam cheias de atitude expectante, o conhecimento certo de que este evento momentoso estava sobre eles. A espada da ira de Deus estava suspensa sobre Jerusalém, pronta para atacar a qualquer momento. Mas os cristãos não precisavam se assustar, pois a ira vindoura não se dirigia a eles, mas aos inimigos do Evangelho. S. Paulo urge aos Tessalonicenses “*para aguardar dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura*” (1Ts. 1:10). Ecoando as palavras de Jesus em Mateus 23-24, S. Paulo enfatizou que o julgamento iminente seria derramado sobre os “*judeus, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, a fim de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente*” (1Ts. 2:14-16). Os cristãos tinham sido avisados de antemão e, portanto, estavam preparados, mas o Israel incrédulo seria pego desprevenido: “*Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos*

escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas... porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tessalonicenses 5:1-5, 9).

S. Paulo expandiu isso ainda mais em sua segunda carta à mesma igreja: Se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho) (2 Tessalonicenses 1:6-10).

Claramente, S. Paulo não está falando sobre a vinda final de Cristo no final do mundo, pois a “tribulação” e “vingança” vindoura estavam especificamente dirigidas aos perseguidores dos cristãos tessalonicenses da primeira geração. O dia de juízo vindouro não era algo que estava milhares de anos na frente. Ele estava perto – tão perto que eles poderiam vê-lo chegar. A maioria dos “sinais do fim” já estava presente, e os apóstolos inspirados encorajaram à Igreja a esperar o Fim a qualquer momento. S. Paulo urgiu os cristãos em Roma a perseverar no estilo de vida piedoso: *“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz”* (Romanos 13:11-12). Assim como a antiga era tinha sido caracterizada pelo pecado, desespero e escravidão a Satanás, a nova era seria crescentemente caracterizada pela justiça e o governo universal do reino. Porque o período dos “últimos dias” também era o tempo quando o reino dos céus foi inaugurado na terra, quando o “Monte Santo” começou seu crescimento dinâmico e todas as nações começaram a fluir para a fé cristã, como os profetas tinha predito (veja Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1-4). Obviamente, ainda há uma grande quantidade de impiedade no mundo hoje, mas o Cristianismo tem ganhado as batalhas paulatina e constantemente desde os dias da Igreja primitiva; e à medida que os cristãos continuam a fazer guerra contra o inimigo, chegará o tempo quando os santos possuíram o reino (Daniel 7:22, 27).

Esse é o porquê S. Paulo pôde confortar os crentes assegurando-lhes que *“perto está o Senhor”* (Filipenses 4:5). De fato, o lema da Igreja primitiva (1 Coríntios 16:22) era Maranatha! O Senhor vem! Esperando ansioso a destruição vindoura de Jerusalém, o escritor aos Hebreus advertiu aos tentados a “regressar” ao judaísmo apóstata que a apostasia só lhes traria *“certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários”* (Hebreus 10:27).

Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo... Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancéis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma (Hebreus 10:30-31, 36-39).

Os demais autores do Novo Testamento escreveram em termos similares. Depois que S. Tiago advertiu aos incrédulos ricos que oprimiam os cristãos das misérias que estavam por vir sobre eles, acusando-os de ter desonestamente *“acumulado tesouros nos últimos dias”* (Tiago 5:1-6), ele encorajou aos cristãos que sofriam: *“Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas”* (Tiago 5:7-9).

O apóstolo Pedro, também, advertiu à Igreja que *“o fim de todas as coisas está próximo”* (1 Pedro 4:7), e encorajou-os a viver na expectativa diária do juízo que viria em sua geração: *“Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na revelação de sua glória, vos alegreis exultando... Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?”* (1 Pedro 4:12-13, 17).

Os cristãos primitivos tinham que suportar a perseguição severa nas mãos do Israel apóstata assim como a traição dos Anticristos que estavam no meio deles, e buscavam levar a Igreja à seita judaica. Porém, este período de tribulação e sofrimento ardente estava produzindo nos cristãos sua própria benção e santificação (Romanos 8:28-39); e, enquanto isso, a ira de Deus contra os perseguidores ia aumentando. Finalmente, o Fim chegou, e a ira de Deus foi

liberada. Aqueles que haviam atribulado a Igreja foram lançados na maior Tribulação de todos os tempos. O maior inimigo da Igreja foi destruído, e jamais ameaçaria novamente sua vitória final.

Os Últimos Dias II⁴

Escrito pelo Rev. Ronald Hanko

A Escritura fala frequentemente do último dia ou dias e do último tempo (Gn. 49:1; Is. 2:2; Mq. 4:1, Jo. 6:39; Atos 2:17; 2Tm. 3:1; Hb. 1:2; Tg. 5:3; 1Pe. 1:5; 1Jo. 2:18; Judas 18). Ela fala também do fim do mundo ou fim desta era (Mt. 13:39, 40; 1Co. 15:24; 1Pe. 4:7; Ap. 2:26).

Quando chegarão estes últimos dias – estes últimos tempos? Eles estão perto ou distantes no futuro? Os mesmos têm alguma relevância para nós hoje? O que é o fim do mundo? Estas são perguntas que devem ser respondidas.

A Escritura deixa claro que toda a era do NT são os últimos tempos, o fim. Vemos isto em 1Coríntios 10:11, onde Paulo reforça seu ensino dizendo aos crentes de Corinto e a nós que os fins dos séculos são chegados sobre nós. Da mesma forma, Hebreus 9:26 (NVI) diz que foi no fim dos tempos que Cristo veio “*para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo*” (cf. também Hb. 1:2; 1Pe. 1:5; 20; 4:7; 1Jo. 2:18).

Embora não seja anti-bíblico referir-se à segunda vinda de Cristo e ao grande julgamento como o fim do mundo (Marcos 13:7) e aos dias imediatamente precedentes como os últimos dias (2Timóteo 3:1), é claro que esta não é uma era especial e separada, mas parte da era do NT. Esta era na qual vivemos, este “dia”, este tempo, é o último. Não há nada subsequente, exceto a nova criação, os novos céus e terra.

É difícil para nós crer que se este já é o fim da era, o último tempo, que então o mundo pode ter ainda muitos milhares de anos antes do Senhor retornar, como alguns sugerem. O fim será mais longo que o princípio, mais longo que toda a história que o precedeu? Este seria deveras um fim muito estranho.

A Escritura vê toda esta era como o último tempo e como o fim, à luz, em primeiro lugar, da promessa que Cristo viria rapidamente, mas também porque este é o tempo no qual Deus termina sua obra “e abreviá-la-á em justiça” (Romanos 9:28, ARF). As duas coisas estão relacionadas. Que Cristo vem rapidamente não é mensurado em número de anos, mas no fato de Deus estar terminando sua obra e enviará Cristo em breve para que esta obra seja plenamente consumada.

Esta verdade de que toda a era presente é o fim é também de enorme significância prática. Ela significa (1) que estamos todos vivendo no fim e experimentaremos em algum grau os eventos do fim (Mateus 24:34); (2) que devemos viver em expectativa do fim e não como se ele estivesse distante no futuro, sem qualquer relevância imediata para nós (1Coríntios 10:11); e (3) que nossa esperança deve estar no que virá e não neste mundo e nas coisas deste mundo. Elas chegaram ao seu fim!

Que coisa assustadora, todavia maravilhosa, é saber que vivemos nos últimos dias. Permanecemos sempre, por assim dizer, dentro tanto da visão do julgamento final como da vinda do nosso Senhor. Pregamos conhecendo o temor do Senhor. Vivemos como peregrinos e estrangeiros, sabendo que nossa jornada deve em breve terminar e tendo nossa primeira visão da cidade celestial. Reconhecemos que vivemos em tempos perigosos, todavia sem medo, pois vemos nossa redenção aproximando-se. Sabemos que o fim tem chegado.

Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão?⁵

Escrito por Gary DeMar

Uma batalha está acontecendo entre os Southern Baptists [Batistas do Sul] e os evangélicos em geral sobre a hipótese do aquecimento global. A batalha real é entre aqueles que defendem a administração dos recursos e aqueles que exigem que o governo controle o nosso comportamento, na crença que o aquecimento global é produto do homem, e não parte dos ciclos climáticos. Por exemplo, até aqui, 2008 não está se tornando um bom ano para as certezas do aquecimento global, especialmente com registros de neve em várias cidades. Ontem^{N1} nevou até mesmo na área de Atlanta (USA).

Uma nova mudança no debate é que alguns vêm a mudança climática real como parte de um cenário profético dos finais dos tempos. Jonathan Merrit, que causou uma grande confusão com a sua declaração,^{N2} escreve que “um pastor Batista do Sul4 disse que os problemas ambientais são apenas ‘sinais do fim dos tempos e do julgamento de Deus’, e deveríamos abraçá-los.”^{N3} Quão prevalecente é a crença entre os evangélicos que os relatos das “mudanças climáticas”^{N3} estão ligados com a aproximação do “fim dos tempos”?

Em Personal Faith, Public Policy [Fé Pessoal, Política Pública] (2008), os autores Harry R. Jackson e Tony Perkins dão uma boa explicação da administração bíblica baseada nas ordenanças da criação (209-210). Eles então se complicam teologicamente ao afirmar que embora Jesus “não mencione o aquecimento global diretamente, ele nos ajuda talvez a entender o papel que a mudanças nos nossos padrões climáticos pode desempenhar nos dias que

preparam o caminho para a Sua vinda” (210). Eles então apelam a Lucas 21:7-12 para apoiar onde eles “crêem ser possível que Jesus esteja se referindo a mudanças climáticas dramáticas e nacionais”, que “poderiam estar relacionadas com as fomes e pestes que Ele disse que viriam” (211). “É possível”, eles escrevem, “que os sinais do fim dos tempos que Jesus menciona sejam parte da advertência de Deus ao mundo quanto ao Seu retorno iminente” (211). Após listar tudo desde “aumento de perturbações civis” (Lucas 21:9) a “eventos astronômicos incomuns” (21:11), Jackson e Perkins perguntam: “Você observou que aquilo que Jesus advertiu que ocorreria nos últimos dias é idêntico ao que alguns teóricos do aquecimento global estão dizendo que acontecerá?” (211). Nenhuma discussão é feita sobre o fato que todas essas passagens aparecem antes de Jesus dizer, “em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça” (21:32). Todos esses “sinais” referem-se a eventos que levaram e incluíram a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Não há outro significado que possa ser dado a “esta geração”. Não é um tipo da geração que não passará; é “esta” geração não passará. O “esta” geração era “aquela” geração.

Em Mateus 24:7 Jesus também falou de terremotos que seguiriam a queda de Jerusalém. Atos registra que foi “um grande terremoto” que moveu “os alicerces do cárcere” (Atos 16:26). De acordo com relatos históricos, essa não foi uma ocorrência rara para aquele tempo. Antes, um número incrível de terremotos aconteceu por todo o Império Romano no período antes do ano 70 d.C. Josefo escreve que os terremotos eram calamidades comuns, e descreve um terremoto na Judéia de tal magnitude “que a constituição do universo foi desconcertada para a destruição dos homens”.

Grande atenção tem sido focada sobre o número de furacões que atingiram os Estados Unidos em 2005 e o tsunami que golpeou a Ásia em 2004. Muitos crêem que esses são sinais do fim, com base no relato de Lucas do sermão no Monte das Oliveiras, onde ele escreve sobre a “perplexidade pelo bramido do mar e das ondas” (21:25). O fundo do Mar Mediterrâneo está cheio de navios que quebraram e afundaram por causa de tempestades. Lemos sobre um desses incidentes em Atos 27. A tempestade é descrita como um “Euro-aquilão”, isto é, “um vento nordeste” (27:14). Lucas escreve que eles não viram o sol ou as estrelas “por muitos dias” (27:20). O navio finalmente escalhou onde ele foi “quebrado com a força das ondas” (27:41). O historiador romano Tácito descreve uma série de eventos similares no ano 65 d.C.:

“Os deuses também marcaram com tempestades e doenças um ano vergonhoso por tantos crimes. Campanha foi devastada por um furacão... a fúria do qual se estendeu à vizinha da cidade, na qual uma pestilência violenta estava matando cada classe de seres humanos... casas ficavam cheias de corpos mortos, as ruas de funerais”.

Os desastres naturais descritos por Mateus, Marcos e Lucas, comuns a todas as eras, apontavam especificamente para a vinda de Jesus em juízo sobre Jerusalém, antes daquela geração do primeiro século passar. Quando o templo foi destruído no ano 70 d.C., esses eventos deixaram de ser sinais proféticos.

Cuidado pelo meio-ambiente é baseado sobre o Mandamento 28: o Mandamento de Domínio de Gênesis 1:28 e o Mandamento da Grande Comissão de Mateus 28:18-20. Jackson e Perkins estão corretos quando escrevem: “Nunca devemos esquecer que embora o planeta mude e passe por vários ciclos, nosso chamado é para subjugar a Terra. Como uma questão prática, isso significa que deveríamos tratar a questão de trabalhar com a natureza e a Terra como alguém abordaria a questão de treinar um cavalo ou amansar um animal selvagem. Sabedoria, concentração, foco e mesmo força pode ser necessário para exercer nossa vontade sobre o planeta.” (210). Nenhuma dessas coisas pode acontecer se continuarmos ensinando uma visão errônea de escatologia que alega estar próximo o fim, especialmente quando os textos usados para tal visão não a apoiam de forma alguma.

Notas:

^{N1} Texto escrito em 25 de março de 2008. (N. do T.)

^{N2} A Southern Baptist Declaration on the Environment and Climate Change [Uma Declaração dos Batistas do Sul sobre a Mudança Ambiental e Climática] <http://www.baptistcreationcare.org/node/1>

^{N3} Você verá o uso de “aquecimento global” ser substituído de maneira consistente por “mudança climática.” Isso permitirá que os dogmatistas do aquecimento global usem qualquer mudança no clima como evidência de mudança climática causada pelo homem, incluindo registros de tempo frio e queda de neve.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Sincronizando “o Dia do Senhor”. Autor: James Patrick Holding. Fonte: <http://www.tektonics.org> Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: O Dia do Senhor. Autor: Brian Godawa. Fonte: Apêndice 1 do There Will Be No Future “End Times”, Rapture, Great Tribulation Or Anti-Christ. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
3. Artigo: Os Últimos Dias. Autor: David Chilton. Fonte: Capítulo 4 do excelente livro The Great Tribulation, de David Chilton. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
4. Artigo: Os Últimos Dias. Autor: Rev. Ronald Hanko. Fonte (original): Theological Bulletin, Vol. 7, nº. 11. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
5. Artigo: Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão? Autor: Gary DeMar. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 5 -

O que é o Dispensacionalismo?

O ensino dispensacionalista é comum em território brasileiro. As principais igrejas que abraçam esse ensino são as igrejas pentecostais. Neste capítulo há um resumo muito bom sobre o ensino dispensacionalista bem como a sua refutação.

Dispensacionalismo: Esse meu desconhecido!¹

Escrito por Por Marcelo Lemos

O querido leitor certamente há de saber o que é Dispensacionalismo; todavia, a título de facilitar a leitura desta dissertação, quero iniciar definindo o termo. Segundo uma famosa enciclopédia eletrônica, o Dispensacionalismo pode ser definido como o sistema teológico que afirma que “a Bíblia está organizada em sete dispensações:

Inocência (Gênesis 1:1- 3-7),

Consciência (Gênesis 3:8- 8:22),

Governo Humano (Gênesis 9:1 – 11:32),

Promessa (Gênesis 12:1 – Êxodo 19:25),

Lei (Êxodo 20:1 – Atos 2:4),

Graça (Atos 2:4 – Apocalipse 20:3)

e o Reino Milenar (Apocalipse 20:4 – 20:6).

Mais uma vez, estas dispensações não são caminhos para a salvação, mas maneiras pelas quais Deus interage com o homem. O Dispensacionalismo, como um sistema, resulta em uma interpretação pré-milenar da Segunda Vinda de Cristo, e geralmente uma interpretação pré-tribulacional do Arrebatamento. A palavra “dispensação” deriva-se de um termo latino que significa “administração” ou “gerência”, e se refere ao método divino de lidar com a

humanidade e de administrar a verdade em diferentes períodos de tempo” - Wikipédia

Incontestavelmente, esta escola de interpretação profética é a mais popular nos dias de hoje. Grandes denominações cristãs, como a nossa Assembléia de Deus, a estabelecem como parte de sua confissão de fé. Nos artigos de fé que conhecemos como “Nosso Credo”, as Assembléias de Deus no Brasil (CGADB) afirmam crer:

“Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira – invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda – visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14)” (Artigo de Fé, nº 11). Apesar do termo “dispensacionalismo” não aparecer neste artigo de fé, sua linguagem é explicitamente dispensacionalista”.

A favor da popularidade das teses dispensacionistas, além da adesão de grandes denominações cristãs, também podemos citar a vasta obra de literatura ficcional que se baseia em suas premissas. Um dos maiores sucessos da ficção evangélica dos últimos tempos, a série de livros “Deixados Para Trás”, é abertamente uma defesa da visão escatológica acima definida. A série fez tanto sucesso que foi transformada em filmes; todavia, não se trata exatamente de uma novidade para o dispensacionalismo. Outros grandes sucessos como “O Arrebatamento” e “Ladrão na Noite” também aderem às mesmas interpretações. Se você é assembleiano [ou batista], provavelmente é também um dispensacionista. Os termos são quase sinônimos. Talvez por isso, algumas pessoas tomem um choque quando descobrem que, nem todos os cristãos, são dispensacionistas.

Eu não sou mais dispensacionista. Deixei de ser a muitos anos, quando não mais conseguia conciliar diversos aspectos da doutrina com o claro ensino da Palavra de Deus. E, a cada dia que estudo o tema, percebo que apesar de já o ter defendido um dia, a verdade é que eu não o conhecia de fato. Ainda que tenha escrito apostilas sobre ele e o ensinado no Seminário, eu não o conhecia. Daí eu estar falando hoje sobre o meu desconhecido dispensacionalismo...

Por isso, gostaria de compartilhar com você, leitor, alguns detalhes sobre esta doutrina que eu desconhecia outrora. Estou consciente do fato de estar, provavelmente, causando desconforto a alguém que pense diferente de mim; porém, peço apenas que você leia e julgue por si mesmo.

I – TRATA-SE DE UMA NOVA DOUTRINA

Historicamente falando, o dispensacionalismo é uma inovação teológica. Ninguém havia ensinado tal doutrina até por volta do ano de 1800. É verdade que alguns dizem poder rastrear algumas doutrinas dispensacionistas ao longo

das eras, como, por exemplo, o conceito de um reino pré-milenar. No entanto, o dispensacionalismo em si, é admitidamente uma nova doutrina.

Alguém alegrará que isso não implique que ela seja uma falsa doutrina; entretanto, este dado deve tranquilizar aqueles que, indecisos de sua veracidade, possam imaginar que negá-la seja uma heresia de perdição. Na verdade, o dispensacionalismo é que existe como uma negação do credo existente no restante da comunhão cristã.

Infelizmente, não são poucos os que a pretendem como um divisor de águas entre “salvos” e “não-salvos”, ou entre “ortodoxos” e “liberais”. Negar a tese dispensacionalista não tem nada haver com incredulidade ou liberalismo teológico! Negá-la é manter-se fiel à interpretação ortodoxa da fé cristã e à clareza da interpretação das Escrituras.

II – TRATA-SE DE UMA DOCTRINA COM HISTÓRICO EXTRANHO...

Uma pergunta que eu nunca me fiz quando era dispensacionalista: como surgiu esta escola de interpretação? Hoje, sei que as doutrinas que formam a base de todo o emaranhado dispensacionalista tiveram origem com uma “revelação”. Surpreso? Eu também fiquei! Apesar desta não ter sido o que me levou a abandonar a teoria dispensacional, hoje, surpreendo-me só de pensar que um dia defendi uma tese cujos pressupostos tiveram origem em algo além da Bíblia!

O pai do dispensacionalismo, o inglês John Nelson Darby, era um estudante do jesuíta Francisco Ribeira. Este último era fervoroso futurista e dado a diversas ‘teorizações’ sobre o futuro; principalmente no tocante a Marca da Besta. Darby, o aluno, aceitou os ensinamentos futuristas de Ribeira. Dentre os fieis da igreja onde servia Darby, havia uma jovem de nome Margaret McDonald. Esta jovem, teria tido uma visão na qual viu que Jesus iria retornar ao mundo de forma “secreta” para levar consigo os cristãos fieis. Darby, por sua vez, entendeu que se tratava de uma visão realmente inspirada por Deus e foi grandemente tocado por esta profecia.

Algum tempo depois, Darby levaria suas teses para os Estados Unidos, sem, contudo, grande sucesso. Os cristãos americanos, inicialmente, parecem ter considerado suas idéias muito inovadoras e estranhas. Mas, quando surge o comentário bíblico de C. I. Scofield, estas mesmas idéias seriam aceitas, e não só isso, passariam a ser uma das mais influentes correntes escatológicas dos últimos tempos.

III – TRATA-SE DE UMA DOUTRINA QUE NEGA A INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA DO NOVO TESTAMENTO!

Esta afirmação pode parecer gratuita e desproporcional; mas é apenas fato. O leitor certamente saberá que o dispensacionalismo é a escola de interpretação que tem orgulho de ser a que interpreta a Bíblia literalmente. No site, solascriptura-tt, um dos maiores marcos do fundamentalismo dispensacionalista, encontramos a seguinte declaração:

“Quer seja a interpretação de profecia ou de algo que não é profecia, uma vez que literalidade é sacrificada, é como começar a escorregar para baixo numa íngreme rampa. A velocidade aumenta rápida e vertiginosamente à medida que se sucumbe à tentação de espiritualizar uma passagem após a outra. ... Ademais, sob o método de espiritualização, não há nenhuma forma de um intérprete testar a validade das suas conclusões, salvo se comparar suas obras com a de um colega. Ao invés de ‘uma mais firme palavra de profecia’ (2 Ped. 1:19), intérpretes terminam chegando a uma palavra “insegura” e a caos nas fileiras do exército [dos seus seguidores].” (Paul Lee Tan, *The Interpretation of Prophecy*; citado por David Cloud.

Nesta citação temos uma aberta defesa da exclusividade do literalismo na interpretação profética. O autor chega a afirmar que uma interpretação que não seja literal, certamente conduzirá o estudante à “escorregar numa íngreme rampa”. Todavia, não obstante a sincera convicção do autor, o fato é que tal literalidade não lhe coloca em tão boa posição.

Citemos, a título de exemplo, as profecias que falam de um Templo no Milênio. Realmente é difícil entender qual a utilidade de um Templo Literal no Milênio, sendo que o próprio Templo se tornou inútil com a vinda de Cristo; e também se fizeram inúteis todos os seus serviços. Se a única forma de interpretar as Escrituras é a literal, como fica esta questão? Como devemos interpretar textos como Ezequiel 40 a 47?

Esta porção das Escrituras é disputada pelos pré-milenistas como sendo relacionada ao Templo que existira durante o milênio. Na descrição que se faz dos serviços realizados no Templo durante o Milênio, encontramos detalhes interessantes:

(a) Os sacerdotes do templo estarão, no Milênio, sob diversas ordenanças: as vestes sacerdotais de Arão; a proibição de se casar; a abstinência do vinho por ocasião do serviço no Templo; não rapar os cantos da barba; etc. Até aqui nada de mais, já que no Milênio pré-milenista nem todos terão corpos glorificados.

(b) Haverá coisa profana em Israel; e não só isso, também haverá contendadas, e juízes: “E a meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano, e o farão discernir entre o impuro e o puro. E, quando houver disputa, eles assistirão a ela para a julgarem” . Bem, levando em consideração que a maioria dos habitantes do [suposto] Milênio literal-futuro será composta de pessoas não “glorificadas”, tal descrição é bem compreensível.

(c) Mas infelizmente, para o dispensacionalismo, no Templo prometido, também haverá “oferta pelo pecado e a oferta pela culpa” (v.29). Isso sim é um baita problemão, considerando o fato de que o Novo Testamento estabelece que todos estes elementos terminaram em Cristo.

Uma vez que a regra aurea de hermenêutica dita que a Escritura deva ser interpretada pela Escritura, não é muito mais seguro nos atermos a interpretação que o próprio Novo Testamento faz de tais profecias? Trata-se, finalmente, de uma doutrina com grande capacidade imaginativa. Se Jesus irá, como profetizou a jovem MacDonald, raptar a sua Igreja de forma secreta, logo, cedo ou tarde, os perdidos irão perceber a falta de muita gente. Na verdade, o cenário será hollywoodiano:

“O mercado está vazio, seu trabalho já parou
O martelo dos obreiros, seu barulho já cessou
Os ceifeiros lá no campo, terminaram seu labor
Toda Terra está em suspense, é a volta do Senhor
Os vagões de trens vazios, passam ruas e quarteirões
Aviões sem seus pilotos, voam para destruição
A cidade está deserta, sua agitação parou
Sai a última notícia, Jesus Cristo já voltou!”.

[Letra do Hino “O Rei Está Voltando]

No entanto, há uma tese dispensacionalista da qual jamais quero abrir mão: O Rei Está Voltado!

“Vejo a multidão subindo, ouço o coro angelical
Todo o céu está se abrindo, em um bem vindo sem igual
Como o som, de muitas águas, nós ouvimos ecoar
Aleluias ao cordeiro, nós chegamos para o lar”
Aleluia! Maranata; ora vem Senhor Jesus!

Você Poderia ser um Dispensacionalista se...²

Escrito por Matthew Rose

1. Você pensa que os outros cristãos são anti-semitas.
2. Você nunca leu Hebreus.
3. Você pode se justificar de estar 2000 anos atrasado para um compromisso.
4. Você é muito ruim de matemática.
5. Você pensa que Kirk Cameron é um bom ator.
6. Quando as coisas ficam difíceis, você não pode ser achado em nenhum lugar.
7. Você dorme nu, para que sua cama pós-arrebatamento esteja arrumada.
8. Você nasceu depois de 1830.
9. Você ama programa televisivo gospel.
10. Você usa seu jornal para os devocionais matutinos.
11. Você estaria fora da arca de Noé.
12. Você não pensa que Satanás realmente notou a cruz.
13. Você prefere as sombras.
14. Sempre sempre significa sempre, exceto algumas vezes.
15. Você freqüentou o Seminário Teológico de Dallas.
16. Más notícias excitam você.
17. Você sente que as notas da Bíblia Scofield foram inspiradas.
18. Você será apenas um cidadão de 2ª classe no paraíso.
19. Você acha minha série pin the tail² provocante.
20. Você pensa que ESTE significa AQUELE.
21. Você pensa que PRÓXIMO significa LONGE.
22. Você pensa em dar o nome Darby³ ao seu filho.
23. Você decidiu que está muito tarde para ter filhos.
24. Você ficou ofendido com esta lista.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Dispensacionalismo: Esse meu desconhecido! Autor: Marcelo Lemos. Site: www.olharreformado.com
2. Artigo: Você poderia ser um DISPENSACIONALISTA se... Autor: Matthew Rose. Tradução: Felipe Sabino de AraújoNeto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 6 –

O Significado de “Não Passará esta Geração”

Neste capítulo será feita uma análise minuciosa da frase dita por Jesus, a saber: “não passará esta geração”. A tão polêmica frase que muitos cristão se debatem tanto em tentar entender, foi muito bem entendida pelos primeiros discípulos.

Esta Geração ou Esta Raça?¹

Escrito por Gary DeMar

Vários modelos interpretativos são oferecidos para evitar a inescapável conclusão que “esta geração” de Mateus 24:34 refere-se à geração a quem Jesus estava falando. Traduzir “esta geração” como “esta raça judia” tem sido uma interpretação popular por muitos anos. Adam Clarke,^{N1} em seu comentário sobre Mateus, publicado primeiramente em 1810 como parte de uma grande obra sobre toda a Bíblia, toma a posição de que a palavra grega para “geração” (genea) deveria ser traduzida como “raça”. Ele não oferece nenhum suporte exegético para sua opinião. Nenhuma referência cruzada é listada. Mesmo assim, Clarke ainda mantém que todos os eventos profetizados por Jesus em Mateus 24 foram cumpridos nos eventos que culminaram e incluíram a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

“Este capítulo contém uma predição da destruição absoluta da cidade e do templo de Jerusalém, e a subversão de toda a constituição política dos judeus; e é uma das porções mais valiosas das Escrituras da nova aliança, no que diz respeito à evidência que fornece da verdade do Cristianismo. Tudo o que o nosso Senhor predisse que deveria acontecer com o templo, a cidade e o povo dos judeus, foi cumprido da maneira mais correta e surpreendente...”^{N2}

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”. (Mateus 24:34)

Com este versículo somos trazidos a um círculo fechado. De uma maneira direta, Jesus deixa claro que todos os eventos delineados nos versículos precedentes seriam cumpridos antes que essa geração do primeiro século passasse.

“O Salvador expressou essas palavras em conexão com a profecia quanto ao sofrimento do povo judeu e a destruição de Jerusalém. Suas palavras significam que, antes que a geração então viva morresse, essas coisas ocorreriam. E isso foi exatamente o que aconteceu. Perto do fim de 70 d.C. (isto é, uns quarenta anos após Jesus expressar essas palavras), tudo predito por ele nos versículos 10-24 [de Lucas 21] em conexão com os eventos antes e durante a destruição de Jerusalém já tinha sido cumprido – o templo foi destruído até a última pedra, toda a Jerusalém estava em ruínas, o povo judeu foi assassinado às centenas de milhares... e levado em cativeiro”.

Mateus 24:34 é, nas palavras de J. Marcellus Kik, “a chave para Mateus 24.” O relato do Sermão do Monte das Oliveiras por Lucas confirma que a geração que Jesus tinha em mente era a geração a quem ele estava falando: “Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem” (Lucas 21:36, NVI). Uma vez que determinamos o significado de “vocês”, podemos resolver o significado “desta geração”. Claramente, Lucas 21:36 refere-se àqueles a quem Jesus falou, o mesmo grupo ao qual Jesus mandou estar “sempre alerta” e orar. Jesus confirmou a proximidade do cumprimento dos eventos ao dizer aos seus ouvintes que o cataclisma estava “para acontecer”. Sem um entendimento correto do elemento tempo no texto, os videntes proféticos sempre acharão em Mateus 24 um campo fértil para especulação maluca.

Geração como “Raça”

Uma forma de eliminar o problema quanto ao tempo é traduzir a palavra grega *genea* como “raça”, ao invés de geração. Escritores contemporâneos que traduzem *genea* como “raça” invariavelmente apóiam sua visão alegando que os eventos descritos em Mateus 24 não foram cumpridos em 70 d.C. Arno C. Gaebelein escreve: “O versículo 34 tem sido uma dificuldade para muitos. A palavra geração não significa o povo que estava então vivo; ela tem o significado de ‘esta raça’. A raça judia não poderia desaparecer até que todas essas coisas fossem cumpridas.” Numa nota de rodapé sobre “esta raça”, Gaebelein escreve: “Assim como em 1 Pedro 2:9, ‘uma geração eleita’, isto é, classe de pessoas.” Uma comparação do grego em 1 Pedro 2:9 mostrará que

genos (raça) é usado, não genea (geração). Pedro fala de uma “raça” eleita, não de uma “geração” eleita.

Existem ainda alguns comentaristas que afirmam que genea deveria ser traduzido como “raça”, mas oferecem pouca ou nenhuma evidência exegética para apoiar sua alegação. J. Dwight Pentecost, um pré-milenista dispensacionalista, chama a tradução de genea como “raça” de a “melhor explicação” sem oferecer qualquer defesa exegética. William Hendriksen, um amilenista, apresenta um fraco argumento exegético para genea ser traduzida como “raça”. O erro mais sério do método de Hendriksen é que ele não compara o uso de genea em Mateus 24:34 com como genea é usada em outros lugares no próprio evangelho de Mateus.

Traduzir “esta geração” como “esta raça de pessoas” ganhou popularidade através das notas da Bíblia de Referência Scofield. A Nova Bíblia de Referência Scofield (1967), retém uma versão modificada da nota da primeira edição. Visto que milhões de estudantes da Bíblia têm usado as notas da Scofield em seu estudo da Bíblia, é necessário que façamos um estudo completo da posição.

Seguindo a linha de Scofield, o texto deveria ser lido assim: a “nação ou família de Israel será preservada ‘até que todas estas coisas se cumpram’.” Para Scofield, a palavra grega genea tem a “definição primária” de “raça, tipo, família, descendência, linhagem.” Se essa é a tradução e interpretação apropriada, Mateus 24:34 seria o único lugar na Bíblia onde genea tem esse significado. Para apoiar sua posição, Scofield alega que todos os léxicos gregos concordam que genea significa “raça”. Scofield escreve:

“A palavra grega genea, traduzida como “geração”, significa primariamente (como de fato a palavra inglesa) “raça, tipo, família, descendência, linhagem” (Webster); “Uma era, raça ou geração de homens” (Greenfield); “Homens da mesma descendência, uma família” (Thayer). Portanto, interpretar assim a passagem é simplesmente dar a ela o seu significado natural não forçado”.

Nem todos os léxicos concordam! Scofield lista o Greek-English Lexicon of the New Testament de Thayer como uma autoridade para apoiar sua alegação de que genea em Mateus 24:34 deveria ser traduzida como “raça”. Thayer, contrário a Scofield, apresenta a seguinte definição de genea: “a multidão inteira de homens vivendo ao mesmo tempo: Mt. xxiv.34; Mc. xiii.30; Lucas i.48.” Thayer cita Mateus 24:34 e Marcos 13:30 em suporte de traduzir genea como “geração”. Thayer não aplica a tradução “raça” a Mateus 24:34. Uma pesquisa em outros léxicos e dicionários teológicos mostrará que genea é traduzida como “geração” – “aqueles vivendo ao mesmo tempo” – e não “raça”.

- “Essa geração deve ser entendida temporalmente.”

- “Em Mateus ela tem o significado de esta geração, e de acordo com o primeiro evangelista, Jesus esperava o fim desta era... ocorrer em conexão com o julgamento sobre Jerusalém no fim daquela primeira geração (veja Mc. 9:1 e Mt. 16:18).”
- “‘Geração’ é a tradução mais provável de *genea*.”
- “O significado nação é advogado por alguns em Mateus 24:34; Mc. 13:30; Lc. 21:23; mas veja também 2.2. basicamente, a soma total daqueles nascidos no mesmo tempo, expandido para incluir todos aqueles vivos num determinado tempo, *geração, contemporâneos*.” Nesse léxico, o mais amplamente usado hoje, Mateus 24:34 é empregado como uma referência em suporte de traduzir *genea* como “geração”, e não “raça”.

A palavra grega *genos*, ao contrário de *genea*, é melhor traduzida como “raça” (veja Marcos 7:26; Atos 4:36; 7:19; 13:26; 17:28; 18:24; 2Co. 11:26; Gl. 1:14; Fp. 3:5; 1 Pedro 2:9). “Parece improvável que todos os três evangelistas teriam falhado em usar esta palavra se essa era a idéia que queriam transmitir.”

Mesmo após considerar toda essa evidência contrária, alguns ainda alegam que *genea* deveria ser traduzida como “raça”. Por exemplo, Atos 2:40 é oferecido como suporte: “E com muitas outras palavras, ele [Pedro] solenemente testificou e continuou exortando-os, dizendo, ‘salvai-vos desta geração perversa!’”. Pedro, um judeu, está dizendo aos seus companheiros judeus para se achegarem a Cristo porque é “esta geração”, a geração da qual ele é parte, que encontrará a ira de Deus quando o tempo e a cidade forem destruídas. Por que Pedro, um judeu, chamaria sua própria raça de “perversa”? Não há nada perverso sobre os judeus como uma raça de pessoas. Pedro permaneceu um judeu étnico após se tornar um cristão. Como Mateus 24:22 e 24 declaram, somente os eleitos – a maioria dos quais eram judeus – seriam salvos da tribulação que ocorreria antes da sua geração passar.

Hebreus 3:10 é algumas vezes usado em suporte de traduzir *genea* como “raça”, mas na realidade refere-se à simples geração de judeus que peregrinou no deserto por quarenta anos: “Onde os vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram as minhas obras por quarenta anos. Por isso, me indignei contra essa geração...” Esse versículo se encaixa muito bem como *genea* sendo traduzida como “geração”, ao invés de “raça”, especialmente à luz do fato que uma geração tem quarenta anos, a quantia de tempo que transcorreu entre o

Sermão do Monte das Oliveiras em 30 d.C. e a destruição de Jerusalém em 70 d.C.

Quase todas as traduções da Bíblia traduzem genea como “geração”. A versão King James, American Standard (1901), New English Bible, Revised Standard, New King James, New Berkeley Version, Bíblia de Jerusalém, New Internacional, e a New American Standar traduzem genea como geração. Se genea deveria ser traduzida como “raça”, então por que os tradutores não a traduzem como “raça”? Até mesmo Hal Lindsey admite que genea não deveria ser traduzida como “raça”.

ETERNITY: Você não acha que o termo significa simplesmente a raça do povo?

LINDSEY: Não, pois o contexto não está falando sobre uma raça, mas sobre tempo. O contexto, e eu já debati isso com muitas pessoas, incluindo Earl Radmacher, está lidando com um tempo geral ou ele não teria nenhum significado. Somente o terceiro significado da palavra no léxico grego é “raça”. Esse é um uso muito incomum dessa palavra.

Geração não significa “raça” no inglês [nem no português!], como Scofield insiste. O American Dictionary of the English Language de 1828, de Noah Webster, define “geração” como “uma simples sucessão na descendência natural, como os filhos dos mesmos pais; por conseguinte, uma era. Assim, dizemos a terceira, a quarta, a décima geração. Gênesis xv.16. As pessoas do mesmo período, ou vivendo ao mesmo tempo: ‘Ó geração incrédula e perversa.’ Lucas ix.” Noah Webster lista “raça” como o sexto significado possível. O The Shorter Oxford English Dictionary (edição de 1968) lista “raça” como o último significado possível. O uso contemporâneo também milita contra usar “geração” como um sinônimo para raça. Quando falamos de um “generation gap”, não queremos dizer um hiato entre raças. Uma “generation gap” é um intervalo de tempo que existe entre dois grupos de pessoas que viveram em eras diferentes. A palavra grega genea, em seu “significado natural não forçado”, quando se comparando Escritura com Escritura, significa “geração”. E no caso de Mateus 24:34, a geração a quem Jesus estava falando. Isso significa que a profecia entregue por Jesus sobre o Monte das Oliveiras é agora história.

Notas:

^{N1} Nota do tradutor: Adam Clarke (1760 ou 1762-1832) foi um teólogo inglês etodista. Como um teólogo, ele reforçou os ensinamentos do fundador metodista John Wesley.

^{N2} Adam Clarke, Clarke’s Commentary, 3 vols. (Nahville, TN: Abindgon Press, [1810] n.d.), 3:225.

A Última Geração²

Escrito por David Chilton

Um dos princípios mais básicos para um entendimento correto da mensagem da Bíblia é que a Escritura interpreta a Escritura. A Bíblia é a Palavra santa, infalível e inerrante de Deus. É a nossa autoridade mais alta. Isso significa que não podemos buscar uma interpretação autoritativa do significado da Escritura fora da própria Bíblia. Significa também que não devemos interpretar a Bíblia como se ela tivesse caído do céu no século XX. O Novo Testamento foi escrito no primeiro século, e por isso devemos tentar entendê-lo em termos dos seus leitores do primeiro século. Por exemplo, quando João chamou Jesus de “o Cordeiro de Deus”, nem ele nem os seus ouvintes tinham em mente algo remotamente similar ao que o homem comum moderno pensaria se ouvisse alguém sendo chamado de “cordeiro” na rua. João não quis dizer que Jesus era doce, carinhoso, amável ou lindo. Na realidade, João não estava de forma alguma se referindo à “personalidade” de Jesus. Ele quis dizer que Jesus era o Sacrifício sem pecado para o mundo. Como sabemos isso? Porque a Bíblia nos diz assim.

Este é o método que devemos usar para resolver todos os problemas de interpretação na Bíblia – incluindo as passagens proféticas. Quer dizer, quando lemos um capítulo em Ezequiel, nossa primeira reação não deve ser rastrear as páginas do New York Times numa busca frenética de pistas para entender o seu significado. O jornal não interpreta a Escritura, em nenhum sentido primário. O jornal não deveria decidir para nós quando certos eventos proféticos foram cumpridos. A Escritura interpreta a Escritura.

Esta Geração

Em Mateus 24 (e Marcos 13 e Lucas 21) Jesus falou aos seus discípulos sobre uma “Grande Tribulação” que viria sobre Jerusalém. Durante os últimos 100 anos tornou-se moda ensinar que ele estava falando sobre o “fim do mundo” e o tempo da sua segunda vinda. Mas é isso o que ele queria dizer? Devemos observar cuidadosamente que o próprio Jesus deu a data (aproximada) da tribulação vindoura, não deixando nenhuma dúvida depois de uma análise cuidadosa do texto bíblico. Ele disse:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (Mateus 24:34).

Isso significa que todas as coisas que Jesus falou nessa passagem, pelo menos até o versículo 34, aconteceram antes que a geração então viva terminasse. “Espere um minuto”, você diz. “Todas as coisas? O testemunho a todas as nações, a tribulação, a vinda de Cristo sobre as nuvens, a queda das estrelas... todas as coisas?” “Sim – e, incidentalmente, esta questão é um bom teste do seu comprometimento ao princípio que acabamos de mencionar no início deste capítulo.

A Escritura interpreta a Escritura, eu disse; e você fez um sinal afirmativo com a cabeça, pensando: “Claro, sei tudo isso. Vá ao assunto. Quando começam as explosões atômicas e as abelhas mortíferas?” O Senhor Jesus declarou que “esta geração” – pessoas que estavam então vivas – não passaria antes que acontecesse as coisas que ele tinha profetizado. A questão é: você crê nele?

Alguns têm procurado evitar a força deste texto dizendo que a palavra geração aqui significa na verdade raça, e que Jesus estava simplesmente dizendo que a raça judia não desaparecia até que todas essas coisas acontecessem. Isso é verdade? Eu lhe desafio: pegue sua concordância e procure cada ocorrência no Novo Testamento da palavra geração (no grego, genea) e veja se quer dizer “raça” em qualquer outro contexto. Aqui estão todas as referências para os evangelhos: Mateus 1:17; 11:16; 12:39, 41, 42, 45; 16:4; 17:17; 23:36; 24:34; Marcos 8:12, 38; 9:19; 13:30; Lucas 1:48, 50; 7:31; 9:41; 11:29, 30, 31, 32, 50, 51; 16:8; 17:25; 21:32. Nenhuma dessas referências está falando da raça judia inteira durante milhares de anos; todas usam a palavra em seu sentido normal de soma total daqueles vivos durante o mesmo tempo. Ela sempre se refere aos contemporâneos. (Na realidade, aqueles que dizem que significa “raça” tendem a reconhecer esse fato, mas explicam que a palavra subitamente muda seu significado quando Jesus a usa em Mateus 24! Podemos rir de um erro tão transparente, mas deveríamos lembrar também que esse é um erro muito sério. Estamos tratando com a Palavra do Deus vivo).

A conclusão, portanto – antes mesmo de começarmos a investigar a passagem em sua totalidade – é que os eventos profetizados em Mateus 24 ocorreram no tempo de vida da geração que estava então viva. Foi esta geração que Jesus chamou de “má e adúltera” (Mateus 12:39, 45; 16:4; 17:17); foi esta “última geração” que crucificou o Senhor; e sobre esta geração, disse Jesus, recairia o castigo por “todo o sangue justo derramado sobre a terra” (Mateus 23:35).

Todas Estas Coisas

“Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha

ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta”. (Mateus 23:36-38)

A declaração de Jesus em Mateus 23 é a preparação para seu ensinamento em Mateus 24. Jesus fala claramente sobre um julgamento iminente sobre Israel por ter rejeitado a Palavra de Deus, e pela apostasia final de rejeitar o Filho de Deus. Os discípulos ficaram tão angustiados com sua profecia da maldição sobre a geração presente e a “desolação” da “casa” (o templo) judia que, quando estavam sozinhos com ele, não puderam resistir em pedir-lhe uma explicação.

“Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século” (Mateus 24:1-3).

Novamente, devemos observar cuidadosamente que Jesus não estava falando de algo que aconteceria mil anos mais tarde, a um templo futuro. Ele estava profetizado sobre “todas estas coisas”, dizendo que “não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada”. Isso se torna ainda mais claro se consultarmos as passagens paralelas:

“Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada”. (Marcos 13:1-2)

“E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse: Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que se não deixará pedra sobre pedra que não seja derribada”. (Lucas 21:5-6, RC)

A única interpretação possível das palavras de Jesus que ele mesmo permite, portanto, é que ele estava falando da destruição do templo em Jerusalém daqueles dias, as próprias construções que os discípulos contemplaram naquele momento na história. O templo do qual Jesus falava foi destruído na queda de Jerusalém pelo exército romano no ano 70 d.C. Essa é a única interpretação possível da profecia de Jesus nesse capítulo. A grande tribulação terminou com a destruição do templo no ano 70 d.C. Ainda que se construa outro templo (muito duvidoso) no futuro, as palavras de Jesus em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 não diriam nada acerca dele. Jesus estava falando somente acerca do templo daquela geração. Não há nenhuma base bíblica para afirmar que qualquer outro templo estava sendo mencionado. Jesus confirmou os temores

dos seus discípulos: o formoso templo de Jerusalém seria destruído naquela geração; sua casa seria deixada desolada.

Os discípulos entenderam a importância disso. Sabiam que a vinda de Cristo em julgamento para destruir o templo significaria a total dissolução de Israel como uma nação do pacto. Seria o sinal que Deus tinha se divorciado de Israel, retirando-se do seu meio, tirando-lhe o reino e entregando-o a outra nação (Mateus 21:43). Sinalaria também o fim da era e a vinda de uma era inteiramente nova na história do mundo – a Nova Ordem Mundial. Desde o princípio da criação até o ano 70 d.C., o mundo foi organizado ao redor de um santuário central, uma única Casa de Deus. Agora, na ordem do Novo Pacto, os santuários são estabelecidos onde quer que haja verdadeira adoração, onde os sacramentos são observados e a presença especial de Cristo é manifestada. No começo do seu ministério Jesus disse: “... a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade...” (João 4:21-23). Jesus estava deixando claro que a nova era estava a ponto de ser estabelecida permanentemente sobre as cinzas da antiga. Os discípulos perguntaram urgentemente: “*Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século*” (Mt. 24:30).

Alguns têm tentando ler isto como duas ou três perguntas separadas, de forma que os discípulos estariam perguntando primeiro sobre a destruição do templo, e então sobre os sinais do fim do mundo. Isso parece impossível. A preocupação do contexto imediato (o sermão recente de Jesus) é sobre o destino desta geração. Os discípulos, consternados, apontaram para as belezas do templo, como se para argumentar que um espetáculo magnífico não deveria ser arruinado; eles foram silenciados com a declaração categórica de Jesus que não ficaria pedra sobre pedra. Não existe nada, seja o que for, que indique que eles mudaram repentinamente o assunto e perguntaram sobre o fim do universo material. (A tradução “fim do mundo” na versão King James é enganosa, pois o significado da palavra inglesa mundo mudou nos últimos séculos. A palavra grega aqui não é *cosmos* [mundo], mas *aion*, significando longo período ou era). Os discípulos tinham uma única preocupação, e suas perguntas giravam em torno de um único assunto: o fato que sua própria geração testemunharia o término da era pré-cristã e a vinda da nova era prometida pelos profetas. Todos eles queriam saber quando ela chegaria, e que sinais eles deveriam procurar a fim de estarem plenamente preparados.

Sinais dos Tempos

Jesus respondeu dando aos discípulos não um, mas sete sinais do fim. (Devemos lembrar que “o fim” nesta passagem não é o fim do mundo, mas sim

o fim da era, o fim do templo, do sistema sacrificial, da nação pactual de Israel e dos últimos remanescentes da era pré-cristã). É notório que há uma progressão nessa lista: os sinais parecem se tornar mais específicos e evidentes até que chegamos ao precursor final e imediato do fim. A lista começa com certos eventos que ocorreriam meramente como “o princípio das dores” (Mateus 24:8). Em si mesmos, Jesus adverte, não deveriam ser tomados como sinais de um fim iminente; assim, os discípulos deveriam se guardar contra serem enganados nesse ponto (v 4). Esses eventos iniciais, que marcavam o período entre a ressurreição de Cristo e a destruição do templo no ano 70 d.C., foram manifestos assim:

1. Falsos Messias. *“Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”* (v. 5).

2. Guerras. *“E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino”* (vv. 6-7a).

3. Desastres naturais: *“E haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores”* (vv. 7b-8).

É possível que qualquer destes acontecimentos tivesse feito os cristãos sentir que o fim estava imediatamente por chegar, se Jesus não tivesse lhes advertido que tais eventos eram apenas tendências gerais que caracterizavam a geração final, e não sinais precisos do fim. Os dois sinais seguintes, embora ainda caracterizem o período como um todo, nos aproximam do fim da era:

4. Perseguição: *“Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome”* (v. 9).

5. Apostasia: *“Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”* (vv. 10-13).

Os últimos dois itens na lista são muitos mais específicos e identificáveis do que os sinais anteriores. Esses seriam os sinais finais e definitivos do fim – um deles seria o cumprimento de um processo, e o outro um evento decisivo:

6. Evangelização mundial. *“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”* (v. 14).

À primeira vista, isso parece inacreditável. Seria possível o evangelho ter sido pregado ao mundo todo dentro da geração que ouviu estas palavras? O testemunho da Escritura é claro. Não somente poderia ter acontecido, como de

fato aconteceu. Provas? Uns poucos anos antes da destruição de Jerusalém, Paulo escreveu aos cristãos em Colosso *“do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo”* (Colossenses 1:5-6), e exortou-os a não afastarem *“da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu”* (Colossenses 1:23). À igreja em Roma, Paulo anunciou que *“em todo o mundo, é proclamada a vossa fé”* (Romanos 1:8), pois a voz dos pregadores do evangelho *“por toda a terra saiu... e as suas palavras até aos confins do mundo”* (Romanos 10:18). De acordo com a infalível Palavra de Deus, o evangelho foi de fato pregado ao mundo todo, bem antes de Jerusalém ser destruída no ano 70 d.C. Esse sinal crucial do fim foi cumprido, como Jesus tinha dito. Só faltava o sétimo e último sinal; e quando esse evento ocorresse, todos os cristãos que moravam em Jerusalém ou perto dela deveriam escapar imediatamente, conforme a instrução de Jesus.

7. O Abominável da Desolação: *“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa”* (vv. 15-18).

O texto do Antigo Testamento ao qual Cristo se refere encontra-se em Daniel 9:26-27, que profetiza a vinda de exércitos para destruir Jerusalém e o templo: *“... O povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas.... sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele [o assolador]”*. A palavra hebraica para abominação é usada por todo o Antigo Testamento para indicar ídolos, práticas perversas e idólatras, especialmente dos inimigos de Israel (por exemplo, Deuteronômio 29:17; 1 Reis 11:5, 7; 2 Reis 23:13; 2 Crônicas 15:8; Isaías 66:3; Jeremias 4:1; 7:30; 13:27; 32:34; Ezequiel 5:11; 7:20; 11:18, 21; 20:7-8, 30). O significado tanto de Daniel como de Mateus é deixado claro pela referência paralela em Lucas. Ao invés de “abominável da desolação”, lemos em Lucas:

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeí que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela” (Lucas 21:20-22).

O “abominável da desolação” seria, portanto, a invasão armada de Jerusalém. Durante o período das guerras dos judeus, Jerusalém foi rodeada por exércitos pagãos várias vezes. Mas o evento específico denotado por Jesus como “o

abominável da desolação” parece ser a ocasião quando os edomitas, os antigos inimigos de Israel, atacaram Jerusalém. Várias vezes na história de Israel, quando este era atacado por seus inimigos pagãos, os edomitas entraram para destruir e desolar a cidade, aumentando assim grandemente a miséria de Israel (2 Crônicas 20:2; 28:17; Salmos 137:7; Ezequiel 35:5-15; Amós 1:9, 11; Obadias 10-16).

Os edomitas continuaram fazendo o mesmo, e sua característica padrão foi repetida durante a Grande Tribulação. Durante uma noite do ano 68 d.C., os edomitas cercaram a cidade santa com 20.000 soldados. Quando eles esperavam fora dos muros, segundo Josefo, “ali irrompeu uma tempestade assombrosa de noite, com extrema violência, ventos muito fortes, grande quantidade de água, raios contínuos e trovões terríveis, com abalos e ruídos impressionantes da terra por causa de um terremoto. Essas coisas foram uma indicação manifesta que alguma destruição estava vindo sobre os homens, quando o sistema do mundo foi posto nesta desordem; e ninguém duvidava que esses assombros prenunciavam alguma grande calamidade que estava chegando”. Esta era a última oportunidade de escapar da condenada cidade de Jerusalém.

Todo aquele que desejasse fugir tinha que fazê-lo imediatamente, sem demora. Os edomitas entraram na cidade e foram diretamente ao templo, onde assassinaram 8.500 pessoas degolando-as. Ao encher o templo de sangue, os edomitas saíram como loucos pelas ruas da cidade, saqueando casas e assassinando todos que encontravam, incluindo o sumo sacerdote. De acordo com o historiador Josefo, esse evento marcou “o princípio da destruição da cidade... desde este dia pode-se datar a queda dos seus muros, e a ruína dos seus assuntos”.

A Grande Tribulação

“Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais” (Mateus 24:19-21).

O relato de Lucas dá detalhes adicionais:

“Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles” (Lucas 21:23-24).

Como Cristo apontou em Mateus, a Grande Tribulação ocorreria, não no fim da história, mas no meio, pois nada similar tinha ocorrido “desde o princípio

do mundo até agora... nem haverá jamais". Assim, a profecia da Tribulação refere-se à destruição do Templo naquela geração (70 d.C.) somente. Não se pode encaixá-la num esquema de interpretação de "duplo cumprimento"; a Grande Tribulação de 70 d.C. foi um evento absolutamente único, que nunca será repetido.

Josefo nos deixou um testemunho ocular de grande parte do horror daqueles anos, e especialmente dos dias finais em Jerusalém. Foi um tempo quando "os dias eram gastos em derramamento de sangue, e a noite em temor"; quando era "comum ver cidades cheias de cadáveres"; quando os judeus entraram em pânico e começaram a matar indiscriminadamente uns aos outros; quando os pais matavam com lágrimas toda a sua família, para evitar que eles recebessem tratamento pior dos romanos; quando, em meio à terrível fome, mães matavam, assavam e comiam seus próprios filhos (cf. Deuteronômio 28:53); quando a terra inteira "estava cheia de fogo e sangue"; quando os lagos e mares envermelheceram, corpos mortos flutuavam por toda parte, jogados nas praias, inchando ao sol, apodrecendo e partindo-se; quando os soldados romanos capturavam as pessoas que estavam tentando escapar e então crucificava-as – em média 500 por dia.

"Seja crucificado!... Seja crucificado!...Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!", tinham gritado os apóstatas quarenta anos antes (Mateus 27:22-25); e quando tudo tinha terminado, mais de um milhão de judeus tinham sido assassinados no cerco de Jerusalém; quase outro milhão de pessoas foram vendidos como escravos por todo o império, e toda a Jerusalém queimava em ruínas, virtualmente despovuada. Os dias de vingança tinham chegado com uma intensidade horrível e sem misericórdia. Ao quebrar o seu pacto, a cidade santa se tornou a prostituta babilônica; e agora ela era um deserto, *"morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável"* (Apocalipse 18:2).

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Esta Geração ou Esta Raça? Autor: Escrito por Gary DeMar. Tradução: Felipe Sabino de AraújoNeto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: A Última Geração. Autor: David Chilton. Fonte: Capítulo 1 do excelente livro The Great Tribulation, de David Chilton. Tradução: Felipe Sabino de AraújoNeto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 7 -

A Grande Tribulação

Atualmente, vemos falar muito sobre a Grande Tribulação que virá sobre o mundo. Os crentes em geral falam desse assunto com muita convicção impressionante. Mas, se questionarmos cada um deles a respeito do que realmente sabem sobre o assunto, a surpresa será muito grande. O tão falado assunto Grande Tribulação e suas prerrogativas é desconhecido da grande maioria desses mesmos crentes que tanto apregoam sobre ela. Neste capítulo, vamos esclarecer pontos importantes bem como refutar as idéias fantasiosas criadas em torno da Grande tribulação.

A Grande Tribulação: Local ou Global?¹

Escrito por Gary DeMar

Um dos argumentos usados pelos dispensacionalistas contra um cumprimento no primeiro século do Sermão da Oliveira (Mt. 24) é a alegação deles que somente uma tribulação mundial poderia dar significado aos eventos proféticos. Por exemplo, Larry Spargimino argumenta que “os preteristas sentem-se bíblicamente justificados em concluir que nada mais que um desastre no primeiro século sobre Jerusalém é necessário para satisfazer os requerimentos dessas predições”. Spargimino está assumindo a validade de sua posição futurista e então usando-a como seu paradigma interpretativo.

Spargimino já considerou que a primeira vinda de Jesus aconteceu no primeiro século, no mesmo pequenino país de Israel? Jesus nem sequer nasceu na capital da nação, mas na pequena cidade de Belém (Mt. 2:6). Seguindo a lógica interpretativa de Spargimino, Jesus deveria ter nascido em Roma, o centro do mundo conhecido do primeiro século. O nascimento, ministério, morte, ressurreição e ascensão de Jesus foram eventos locais. Seu nascimento foi testemunhado por alguns pastores sem nome que por acaso estavam no campo naquela noite (Lucas 2:8). Somente Simeão encontrou Jesus e seus pais no templo e o reconheceu como o Salvador prometido de Deus (2:25-32). Após isso, Jesus apareceu por um momento passageiro no templo quando tinha doze anos de idade (2:41-52). Não o vemos novamente até que tenha

aproximadamente 30 anos (3:1-22). Em termos de uma audiência mundial, somente umas poucas pessoas viram a crucificação de Jesus. Seus próprios discípulos o desertaram (Mt. 26:56). Nenhum ser humano testemunhou sua ressurreição. Os apóstolos, não uma audiência televisiva mundial, viram Jesus “subir” em sua ascensão (Atos 1:9). Mesmo assim, todos esses eventos locais tiveram importância cósmica: *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3:16). Um evento restrito a um local do primeiro século, teve implicações mundiais. A natureza local de um evento não obscurece sua importância. Sabemos mais sobre a destruição de Jerusalém do que sobre Jesus nas obras de Josefo.

Spargimino quer que creiamos que somente uma conflagração mundial, uma tribulação global, satisfaz as demandas do Sermão da Oliveira (Mt. 24; Marcos 13; Lucas 21) e Apocalipse. Toliche! Na realidade, faz mais sentido crer, juntamente com o que sabemos sobre aqueles judeus do primeiro século que conspiraram para matar Jesus (Atos 2:23), que somente um evento do primeiro século, antes de 70 d.C, está em vista. Por que punir o mundo pelo que somente uma geração de judeus fez?

Em meu debate com Thomas Ice na Conferência da American Vision, em Maio de 2006, ele tentou o mesmo tipo de lógica em sua declaração de fechamento. Ele tentou estabelecer o caso que visto que a Grande Tribulação é comparada com o dilúvio, e o dilúvio foi global, então a Tribulação deve ser global também. Primeiro, o texto de Mateus 24 nos diz que o evento não seria global. Seria confinado à Judéia (Mt. 24:16). As pessoas poderiam escapar da conflagração fugindo para as montanhas a pé. Isso dificilmente seria uma descrição de um evento mundial. Segundo, existem várias pessoas que não crêem num dilúvio global que sustentam uma Grande Tribulação futura global. Aparentemente eles não vêem a lógica da posição de Tommy. Terceiro, a Bíblia compara uma conflagração ardente local com o tempo dos “dias do Filho do homem” (Lucas 17:26), que creio ser uma referência ao julgamento vindouro de Jesus na destruição do Templo e a cidade de Jerusalém em 70 d.C.

“A seguir, dirigiu-se aos discípulos: Virá o tempo em que desejareis ver um dos dias do Filho do Homem e não o vereis. E vos dirão: Eilo aqui! Ou: Lá está!” [Mt. 24:26]

“Não vades nem os sigais; porque assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu, assim será, no seu dia, o Filho do Homem” [Mt. 24:27].

“Mas importa que primeiro ele padeça muitas coisas e seja rejeitado por esta geração” [Mt. 23:36; 24:34].

“Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos” [Mt. 24:37-39].

“O mesmo aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas, no dia em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do Homem se manifestar. Naquele dia, quem estiver no eirado e tiver os seus bens em casa não desça para tirá-los; e de igual modo quem estiver no campo não volte para trás” [Mt. 24:16-20].

“Lembraí-vos da mulher de Ló” (Lucas 17:22-32).

Os paralelos com Mateus 24 são notáveis. Observe as duas histórias do Antigo Testamento usadas: o dilúvio de Noé que *“veio... e destruiu a todos”* (17:27) e o dia que Ló saiu de Sodoma e *“choveu do céu fogo e enxofre e destruiu a todos”* (17:29). A destruição de Sodoma foi local e, todavia, é usada para descrever a Grande Tribulação. Observe a linguagem abrangente: *“e destruiu a todos”*, isto é, todos aqueles de Sodoma, não todas as pessoas do mundo.

Quando vai Começar a Grande Tribulação?²

Escrito por D. Allan

A Grande Tribulação. Um período de sofrimento e horror. Muitos pregadores hoje dizem que os fiéis serão arrebatados e as outras pessoas terão que passar por terrível sofrimento durante um período de sete anos conhecido como "A Grande Tribulação".

Você já encontrou tudo isso na Bíblia? As palavras "arrebatados" e "grande tribulação" se encontram lá, mas não da maneira que muitas pessoas pregam hoje. Vamos considerar o ensinamento bíblico sobre a grande tribulação.

A palavra "tribulação" aparece 43 vezes na Bíblia (ARA) e tem o sentido de sofrimento, opressão e perseguição. É usada em muitos contextos diferentes para descrever diversos tipos de agonia. A frase "grande tribulação" se encontra apenas quatro vezes nas Escrituras (ARA). Ao invés de elaborar uma doutrina bem definida de um período que segue o "arrebatamento" e traz angustia sobre os que ficam na terra, a Bíblia usa a expressão "grande tribulação" para descrever coisas diferentes. Considere as passagens:

Mateus 24:21 fala sobre o sofrimento que aconteceu na destruição de Jerusalém em 70 d.C. A profecia foi cumprida naquela geração (Mateus 24:34).

Atos 7:11 usa essas palavras quando cita a grande fome da época de Jacó. Os detalhes históricos se encontram em Gênesis, capítulos 41 a 46.

A grande tribulação de Apocalipse 2:2 é o castigo que Deus prometeu aos cristãos em Tiatira que toleravam a imoralidade de Jezabel.

Apocalipse 7:14 faz parte de uma visão consoladora que foi revelada a João para confortar os cristãos perseguidos. A mensagem dessa visão, e do livro no qual ela se encontra, foi escrita para assegurar os perseguidos no primeiro século que receberiam a recompensa depois do sofrimento.

Sufrimento e perseguição podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, mas nenhuma destas passagens fala de um período futuro de grande tribulação. A doutrina popular que haverá sete anos de Grande Tribulação vem da imaginação de homens hábeis em tirar versículos do seu contexto para defender suas idéias. A Bíblia não ensina tal doutrina.

Ao invés de nos preocupar com predições do arrebatamento e da Grande Tribulação, devemos nos preparar para a volta de Jesus, que virá como ladrão (2 Pedro 3:10).

Ainda Esperando por uma Tribulacao de Sete Anos³

Escrito por Gary DeMar

Em meu debate com Thomas Ice em 26 de maio de 2006, sobre se a Grande Tribulação é passada ou futura, eu pedi que Ice oferecesse como evidência um único versículo de Apocalipse que dissesse que haverá um período de sete anos de tribulação. Embora haja uma série de setes em Apocalipse (o número aparece mais de cinquenta vezes) e muitas sete coisas, em tudo, desde as sete igrejas (1:4), espíritos (3:1), castiçais (2:1) e estrelas (1:16) até as sete montanhas (17:9), cabeças (12:3), reis (17:10) e pragas (21:9), não há nenhuma menção de sete anos. De fato, “sete anos” aparece somente uma vez em todo o Novo Testamento (Lucas 2:36), e esse versículo não tem nada a ver com o período de Tribulação.

Como no caso do arrebatamento pré-tribulacional, da reconstrução do templo, de Israel se tornando uma nação novamente, Jesus reinando sobre a terra por mil anos, o anticristo fazendo um pacto com os judeus e quebrando-o, aqui está outra doutrina chave dispensacionalista que não possui nenhum versículo para apoiá-la no livro profético mais importante da Bíblia. É legítimo perguntar por que Apocalipse não menciona sete anos, visto que o tempo é crítico para o cenário dispensacionalista de Ice. Há dois períodos de quarenta e dois meses (11:2; 13:5), dois períodos de 1.260 dias (11:3; 12:6), e um “um tempo, tempos e metade de um tempo” (12:14), cada um desses períodos somando 3 anos e meio. Se eles forem somados, o resultado é dezessete anos e meio. Se os anos

correm ao mesmo tempo, então cada um desses períodos de tempo está descrevendo o mesmo período de três anos e meio. Ice não explica como ele consegue tirar sete anos dessas cinco referências. Qual dos três anos e meio acontece com a metade da Tribulação, e qual dos três anos e meio acontece com a segunda metade?

No livro Prophecy Study Bible de Tim LaHaye, do qual Ice é editor, a divisão é explicada dessa forma: “João, em Apocalipse, divide [a Tribulação] em dois períodos de três anos e meio cada, ou 1.260 dias, num total de sete anos”.

Onde é dito isso em Apocalipse? Não é possível encontrar na Bíblia nenhuma divisão específica de períodos de tempo semelhante.

LaHaye tenta encontrar seus sete anos necessários em Apocalipse 11:2-3, onde lemos de um período de quarenta e dois meses (11:2) e um espaço de tempo de 1.260 dias (11:3). Ele combina esses dois períodos de tempo para conseguir seus sete anos necessários. Ele diz que os “quarenta e dois meses”, durante os quais a Cidade Santa será “calcada aos pés” (11:2), “não podem acontecer na primeira metade da Tribulação”. Segue-se então que os “quarenta e dois meses” de 11:2 constituem a segunda metade do período de sete anos. Confuso? Isso se torna ainda mais confuso à medida que tentamos descrever o que LaHaye insiste ser “a visão mais lógica da segunda vinda da Escritura quando tomado seu significado claro e literal sempre que possível”. Como é possível que o período de “duzentos e sessenta dias” (11:3), que é igual a “quarenta e dois meses” e vem logo após 11:2, acontecer no tempo, de acordo com LaHaye, antes dos eventos de 11:2? Se os “duzentos e sessenta dias” (11:3) referem-se à primeira metade do período de sete anos da Tribulação, então porque as “duas testemunhas” de Apocalipse 11 não aparecem antes? Deveríamos esperar encontrar três anos e meio em Apocalipse 4, onde LaHaye diz que o arrebatamento ocorre e a primeira metade do período de sete anos da Tribulação começa. Mas não encontramos! De fato, todos os períodos de três anos e meio aparecem na metade do Apocalipse. LaHaye tem que fazer muito malabarismo para conseguir que suas cinco divisões somem um período de sete anos. Se o parágrafo acima deixou você perdido, não se preocupe, você não está sozinho!

Eu ainda estou esperando uma resposta de Ice à minha pergunta no debate: Onde, no Apocalipse, existe um versículo que diga que haverá um período de sete anos de tribulação?

Notas:

Henry M. Morris, *The Revelation Record* (Wheaton, IL: Tyndale, 1983), 28–30. Morris lista “sete anos de julgamentos (11:3; 12:6, 14; 13:5)”. Contudo, nenhuma dessas referências menciona “sete anos”.

“Havia uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara” (Lucas 2:36).

LaHaye identifica os “quarenta e dois meses” de Apocalipse 11:2 e 12:6 como descrevendo o mesmo período de tempo. Veja LaHaye, Prophecy Study Bible,

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: A Grande Tribulacao: Local ou Global? Artigo: Gary DeMar Tradução: Felipe Sabino de AraújoNeto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: Quando vai Começar a Grande Tribulação? Autor: D. Allan. Site: Estudos da Bíblia
3. 3. Artigo: Ainda Esperando por uma Tribulacao de Sete Anos. Autor: Gary DeMar. Fonte: www.americanvision.org/articlearchive/06-05-06.asp - Tradução: Felipe Sabino de AraújoNeto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 8 -

A Segunda Vinda de Cristo

Finalmente, vamos estudar neste capítulo um dos temas mais falados da escatologia bíblica. A Segunda Vinda de Cristo, sem ficções e sem fantasias hollywoodianas.

Os Apóstolos Esperavam a Volta de Cristo na Época Deles?¹

Escrito por D. Allan

Os apóstolos esperavam a volta de Cristo na época deles? Alguns trechos do Novo Testamento parecem sugerir que Jesus já voltaria naquela época. Paulo, por exemplo, disse: *“Nós, os vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, de modo algum procederemos os que dormem”* (1 Tessalonicenses 4:15). Pedro afirmou: *“Ora, o fim de todas as coisas está próximo”* (1 Pedro 4:7). Quase 2.000 anos já se passaram, e Jesus ainda não voltou. Sabemos que não devemos temer o profeta cuja palavra não se cumpre (Deuteronômio 18:21-22). Daí vem a pergunta: os apóstolos se tornaram falsos profetas?

Antes de descartar a autoridade da palavra apostólica, precisamos examinar bem vários fatos: Jesus disse, e os apóstolos relataram, que o dia da volta dele pertence exclusivamente ao Pai (Mateus 24:36,42,44,50; etc.)

A linguagem de profecia na Bíblia, às vezes, apresenta eventos futuros no presente ou no passado para certificá-los, e não necessariamente para mostrar o tempo de seus cumprimentos. Salmo 2:6, por exemplo, fala sobre a coroação de Cristo como Rei em Sião como já feita, mas Davi escreveu este salmo 1.000 anos antes do cumprimento da profecia.

Embora Paulo tenha se colocado entre os vivos, esperando a volta de Cristo (1 Tessalonicenses 4:15), em outro lugar, ele se incluiu entre aqueles que seriam ressuscitados (2 Coríntios 4:14). Em nenhum desses trechos, devemos entender que o apóstolo esteja predizendo a iminência ou a distância da vinda

de Jesus, nem que esteja comentando sobre o seu próprio estado no Dia do Senhor. Ele está confortando os fiéis ao afirmar que Deus não esquecerá de ninguém.

O próprio Paulo corrigiu as pessoas que anunciaram a vinda imediata do Senhor (2 Tessalonicenses 2:1-6).

No contexto em que escreveu sobre o fim de todas as coisas, Pedro falou também do tempo que restou para seus próprios leitores (1 Pedro 4:2). Para cada um deles, como para cada um de nós, o fim não tardaria (veja Romanos 13:11). Alguns interpretam 1 Pedro 4:7 em relação à destruição de Jerusalém (70 d.C.), mas não temos espaço suficiente aqui para examinar essa possibilidade.

O próprio Pedro disse que Deus não falhou na sua promessa, mesmo se alguns achem demorada a volta de Jesus. Ele usou a mesma linguagem empregada pelo Senhor (veja as citações de Mateus 24 acima) para mostrar que ninguém seria capaz de predizer o dia. Pedro entendeu muito bem que Deus não se limita ao cronograma dos homens (2 Pedro 3:8-13).

Tanto Paulo como Pedro esperavam pelas próprias mortes, confiando na futura vinda de Jesus (2 Timóteo 4:6-8; 2 Pedro 1:13-15).

Considerando todos esses fatos, podemos manter a nossa confiança na veracidade da palavra apostólica. As profecias sobre a segunda vinda de Jesus não foram cumpridas no primeiro século, e ainda não se realizaram até o início do século XXI. As palavras reveladas pelos apóstolos são confiáveis (Hebreus 2:1-4), e as promessas de Deus seguras (2 Pedro 3:9).

O Sermão Profético²

Escrito por Hermes C. Fernandes

Muito daquilo que se tem pregado acerca do fim do mundo, baseia-se no sermão profético de Jesus, registrado por Mateus, Marcos e Lucas. Uma má interpretação destes textos pode conduzir-nos a uma Escatologia pessimista, e, por conseguinte, a uma atuação insípida da igreja no mundo.

Nosso propósito neste estudo é apresentar uma interpretação mais consistente, e que condiga com a esperança que temos de um mundo melhor, transformado pelo poder do Evangelho, e submetido ao senhorio de Jesus Cristo.

De acordo com ambos os textos, Jesus estava saindo do Templo, quando os Seus discípulos, maravilhados com a estrutura daquele prédio, foram surpreendidos com a seguinte declaração: *“Não vedes tudo isto? Em verdade*

vos digo que não ficará pedra sobre pedra, que não seja derrubada”.
MATEUS 24:2

Jesus não estava se referindo aos prédios, e construções de todo o mundo, mas tão-somente ao Templo e aos edifícios que compunham aquele complexo. Entretanto, muitos encontram nesta passagem uma alusão à todas as construções existentes no dia em que Jesus voltar. Isso realmente é forçar o texto, e torcer o seu sentido original. “Não vedes tudo ISTO?” perguntou o Mestre aos Seus discípulos, apontando para o prédio do Templo construído por Salomão, reconstruído por Zorobabel e reformado por Herodes. Aquela profecia teve seu cumprimento literal no ano 70 d.C., quando Tito, o general romano que posteriormente tornou-se Imperador, invadiu Jerusalém, reduzindo seu templo, e toda a cidade a escombros.

Aquela afirmação profética foi suficiente para instigar a curiosidade dos discípulos. Marcos escreve que “assentando-se ele no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular: *“Dize-nos quando acontecerão essas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se”* (Mc.13:3-4). De acordo com Mateus, eles ainda perguntaram: *“Que sinal haverá da tua vinda e do fim dos tempos”* (Mt.24:3).

O termo grego usado aqui e traduzido por “vinda” é *parousia* que significa aparição, manifestação ou revelação . Os discípulos queriam saber quando o Mestre Se revelaria ao mundo como Rei, e quando seria o fim dos tempos, ou em uma outra tradição, a consumação dos séculos, ou a plenitude dos tempos. Não está se falando aqui sobre o fim do mundo, ou a destruição do cosmo.

Muito da confusão que há em torno da exegese que se faz de alguns textos bíblicos deve-se à falta de entendimento acerca de três palavras gregas que figuram nas Escrituras, e que às vezes recebem a mesma tradução. Trata-se dos vocábulos *kosmos*, *Oikumene* e *Aión*. Ambos são traduzidos por mundo, porém, possuem significados distintos.

Na passagem de Mateus, algumas Bíblias trazem a expressão fim do mundo. O fato é que a palavra usada neste texto é *aións*, que é traduzida por mundo, porém seu significado mais preciso é *eras*. Os discípulos já sabiam que a manifestação de Cristo como Rei deveria se dar na consumação dos *aións*. Esta mesma conexão entre manifestação e consumação das *eras* é feita pelo escritor de Hebreus. Ele escreve aos crentes dos seus dias: *“Agora, na CONSUMAÇÃO DOS SÉCULOS, uma vez por todas SE MANIFESTOU, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”* (Hb.9:26).

Paulo fala da dispensação da plenitude dos tempos. De acordo com os seus escritos, tal dispensação começou com a encarnação de Cristo, passando pelo Seu ministério terreno, e alcançando o seu ápice na Sua crucificação, ressurreição e ascensão (Veja Gl.4:4; Mc.1:15; Ef.1:10). Ele escreve aos

Coríntios afirmando com convicção que para eles já havia chegado “os fins dos séculos” (1 Co.10:11). Consumação dos séculos, plenitude dos tempos, e fim dos tempos possuem o mesmo significado. Portanto, à luz disto, fica claro que para os apóstolos, a igreja primitiva estava vivendo o tempo do fim.

Não era, portanto, acerca do fim do mundo que Jesus estava falando, mas do fim daquela era, que culminaria com a queda do templo e da cidade de Jerusalém.

A partir daí, Jesus começou a expor-lhes esses sinais. Sabendo que era um assunto extremamente difícil, e ao mesmo tempo fácil de ser torcido, Jesus começa a Sua exposição exortando: *“Acautelai-vos, que ninguém vos engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos (...) Surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos (...) Então, se alguém vos disser: Olhai, o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. PRESTAI ATENÇÃO, eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Olhai, ele está no deserto! Não saias; ou: Olhai, ele está no interior da casa! não acrediteis”*. MATEUS 24:4-5, 11, 23-26.

Devido à dominação romana, havia por parte dos judeus uma grande expectativa em torno da aparição de um Messias que os conduzisse à liberdade política, e restabelecesse o trono de Davi. Para eles, o Messias (ou Cristo) deveria ser um homem arrogante, forte, carismático, e revolucionário. Pelo fato de Jesus não demonstrar nenhum tipo de arrogância, ou pretensão política, muitos não conseguiam ver nele o Messias prometido por Deus.

Jesus sabia que naqueles turbulentos anos que precederiam a queda de Jerusalém, muitos oportunistas se fariam passar pelo Cristo esperado por Israel. E de fato, pouco depois de Sua ascensão, muitos “cristos” surgiram no cenário judaico. Bastaria-nos o testemunho de João acerca disso, para comprovarmos tal fato. Verifique o que diz o apóstolo: *“Filhinhos, esta é a última hora; e como ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora (...) Amados, não creias em todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus, porque já muitos falsos profetas têm surgido no mundo (...) todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus. Este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e AGORA já está no mundo”*. I JOÃO 2:18; 4:1,3.

O que João queria dizer com “última hora”? Se ele desejava afirmar que aquela era a última hora que antecedia o fim do mundo, da maneira como é concebido atualmente, teremos que admitir que ele estava redondamente enganado. Quase dois mil anos se passaram, e o mundo ainda não acabou! Se aquela era a última hora, então, estamos vivendo o último segundo do mundo. Porém, sabemos que ele estava falando acerca da última hora daquela era, que

terminaria com a queda de Jerusalém. Era, de fato, o fim daquele aión. A chamada plenitude dos tempos havia chegado aos seus momentos derradeiros. Mais um pouco, e o velho tabernáculo se sucumbiria, dando lugar ao Tabernáculo de Deus com os homens, a Igreja (Veja Hebreus 9:8-9).

Por que João tinha tanta certeza que aquela era a última hora? Por causa das palavras que Jesus lhes havia dito no sermão profético. Aqueles falsos cristos (chamados por João de anticristos) já estavam nas ruas de Jerusalém enganando a muitos. A diferença entre os anticristos e os falsos profetas era que os primeiros tinham pretensões políticas, enquanto que os outros ludibriavam as pessoas através de uma falsa religiosidade.

Só no livro de Atos nós encontramos três falsos cristos: Teudas (5:36), Judas da Galiléia (5:37) e um tal egípcio (21:38). Este último, de acordo com o relato do historiador judeu Flavio Josefo, conduziu ao deserto cerca de trinta mil homens (dentre os quais quatro mil eram assassinos), prometendo-lhes liberdade, sinais da parte de Deus e fim do domínio romano. Depois de reunir uma grande multidão de revoltosos, marchou contra Jerusalém, com o fim de expulsar de lá os romanos e de se apoderar da cidade, estabelecendo lá o seu trono. Mas Félix partiu contra ele, com tropas romanas e um grande número de outros judeus, dizimando os que seguiam o falso cristo. Já Teudas persuadiu uma grande multidão a segui-lo até às margens do rio Jordão, afirmando que haveria de dividi-lo como fez Elias. Josefo diz em seus relatos históricos que ao tempo do reinado de Nero foram tão numerosos os falsos profetas e cristos que quase todos os dias pelo menos um deles era morto.

Lucas também nos fala de Simão, o Mago, que persuadiu os habitantes de Samaria de que era “*o grande Poder de Deus*” (At.8:9-10).

De fato, aquela era a última hora, o fim da dispensação da Lei, e o início da era do Reino dos céus.

Predições de Cristo I e II ³

Escrito por Hermes C. Fernandes

Depois das afirmações iniciais, que tinham por objetivo alertar seus discípulos diante da seriedade do assunto, Jesus começou a expor algumas importantes predições que sinalizariam o tempo em que Jerusalém seria alvo do juízo divino.

Guerras e Revoluções

“Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis. É necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo. Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino” (Lc.21:9-10).

Flavio Josefo registra em seu livro Guerras dos Judeus os inúmeros conflitos e revoluções ocorridos durante o tempo que antecedeu a queda de Jerusalém. Em Cesaréia, por exemplo, foram mortos mais de vinte mil em uma disputa entre judeus e sírios concernente ao governo da cidade. Em Alexandria, mais de cinqüenta mil judeus morreram em um conflito com os gentios. Em Damasco, a população local conspirou contra os judeus e abateram mais de dez mil pessoas desarmadas. Além desses conflitos envolvendo judeus, o império romano viveu dias de convulsão social. Revoltas, conspirações, e guerras envolvendo muitas nações foram o cotidiano da população daquele império. Roma tornou-se uma verdadeira máquina de guerra.

Gary DeMar ressalta: “Jesus adverte em seguida de “guerras e rumores de guerras” e de “reino contra reino”. Como ele predisse, os tumultos se espalharam por toda a região. Os Anais de Tácito, que cobrem a história de 14 d.C. à morte de Nero em 68 d.C., descrevem o tumulto do período com fases intituladas “distúrbios na Alemanha”, “comições na África”, “comições na Trácia”, “insurreições na Gália”, “intriga entre os partos”, “guerra na Bretanha”, e “guerra na Armênia”. Guerras foram travadas de uma extremidade do império à outra. Tudo isso aconteceu durante a Pax Romana (paz romana). As guerras não eram sinais, exceto durante o tempo de paz declarada.”

Cataclismos

“Haverá grandes terremotos, fomes e pestilências em vários lugares, e coisas espantosas e grandes sinais do céu” (Lc.21:11).

TERREMOTOS - Os trinta anos que precederam a queda de Jerusalém foram marcados por terremotos e catástrofes que acabaram dizimando a população do império. Em 46 d.C. houve um grande terremoto em Creta. Talvez fosse sobre isso que Paulo falava ao afirmar que a ira de Deus havia caído sobre os judeus de Creta (1 Tess.2:16). No dia em que Nero assumiu a toga virillis, em 51 d.C. houve um terremoto em Roma. Houve outro terremoto em Apamea, na Frígia, mencionado por Tácito, historiador romano, que também menciona diversos outros terremotos em Campanha e em Laodicéia. Um terremoto muito forte sacudiu Jerusalém em 67 d.C., pouco antes daquela cidade ser invadida e destruída pelas hostes romanas. Escrevendo acerca de um terremoto que acometeu Jerusalém pouco antes de ser invadida pelos romanos, Josefo diz que “sobreveio uma horrível tempestade: a violência do vento, a impetuosidade da chuva, a quantidade de relâmpagos, o ribombar horrível do trovão, e um tremor de terra, acompanhado de rugidos, perturbou de tal modo a ordem da natureza, que todos o julgaram presságio de grandes desgraças”(Livro Quarto, Cap.17: 316). Não podemos nos esquecer dos abalos sísmicos registrados em Atos,

como aquele que provocou a abertura do cárcere para os apóstolos Paulo e Silas (At.16:26; 4:31).

Sempre que ocorre um grande tremor sísmico, pensa-se logo na volta de Cristo. Entretanto, devemos ser cautelosos, pois sempre houve tremores sísmicos no mundo. A diferença é que hoje somos bombardeados por notícias on-line, em tempo real, através das grandes agências de notícias.

Terremotos são medidos por uma escala chamada Richter. Ocorrem milhares deles por ano no mundo. Terremotos de até 1,9 graus na escala Richter, considerados muito fracos, acontecem cerca de 416 mil vezes por ano. De 2 a 2,9 graus, cerca de 52 mil vezes por ano. De 3 a 3,9 graus, 49 mil vezes por ano. De 4 a 4,9 graus, considerados ainda leves, 6.200 vezes por ano. De 5 a 5,9 graus (moderado), 800 vezes por ano. De 6 a 6,9 graus (forte), cerca de 120 vezes por ano. De 7 a 7,9 graus (muito forte), cerca de 18 vezes por ano. E de 8 graus ou mais, considerado devastador, pelo menos uma vez a cada ano. Ao todo, são mais de meio milhão de tremores sísmicos a cada ano.

Fomes e Pestes

As constantes guerras, e os terremotos acabaram abalando a economia de todo império, o que acabou provocando fome, e pestes que dizimaram ainda mais as populações das cidades. Em Atos 11:28 lemos acerca de um profeta cristão chamado Ágabo que *“dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, a qual aconteceu no tempo de Claudio”*. Josefo diz que devido ao cerco das tropas romanas, houve grande carestia em Jerusalém. *“Enquanto tudo isso se passava, em redor do templo, a fome e a carestia faziam tal devastação na cidade que o número dos que ela destruía era impossível de se conhecer”* (Livro sexto Cap.19:458). Os famintos moradores de Jerusalém comiam até mesmo a sola dos sapatos, o couro dos escudos ou um punhado de feno podre. Josefo ainda relata o caso de uma mãe que comeu o seu próprio filho.

Tácito escreveu sobre o ano de 51 d.C.: *“Esse ano testemunhou muitos [e] repetidos terremotos [...] a escassez de cereais, resultando em fome [...] Declarou-se que não havia mais que quinze dias de suprimento de comida na cidade [de Roma]”*. Josefo também registrou as condições miseráveis da fome imposta a Jerusalém por Tito: *“Então a fome se espalhou e devorou famílias e casas inteiras; os cenáculos das casas estavam repletos de mulheres e crianças morrendo de inanição, e os telhados das casas da cidade estavam lotados de corpos sem vida de adultos; crianças e jovens também vagavam pelos mercados como sombras, impulsionados pela fome, e caíam mortos onde a desgraça os alcançasse”*.

Quanto às pestilências, temos como exemplo uma peste que varreu a cidade de Roma em 65 d.C., matando cerca de trinta mil pessoas em um único outono.

Coisas espantosas e Sinais no céu

As primeiras predições mostravam o quanto os homens seriam afetados diretamente pelas guerras, fome e pestes. O segundo grupo de predições aponta para as indicações de Deus, intervindo na ordem natural da criação a fim de alertar acerca do juízo eminente.

De acordo com Josefo em seu livro Guerras dos Judeus, houve inúmeros sinais, tanto na terra como no céu, que prediziam a desgraça que viria sobre Jerusalém. Abaixo, vamos relatar alguns deles com as palavras do próprio Josefo:

- Um cometa, que tinha a forma de uma espada apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro.
- Antes de começar a guerra, o povo reunira-se a oito de abril, para a festa da Páscoa, e pelas nove horas da noite, viu-se, durante uma meia hora, em redor do altar e do templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia.
- Durante essa mesma festa uma vaca que era levada para ser sacrificada, deu à luz, um cordeiro no meio do templo.
- Um pouco depois da festa, a vinte e sete de maio aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-se no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharam-se pelas cidades, como para cercá-las.

Josefo fala de outros sinais que preferimos não mencionar aqui, por nos faltar tempo e espaço.

O Princípio das Dores

Mateus termina esta parte do sermão profético com Jesus dizendo: *“Mas todas essas coisas são o princípio das dores”* (24:8). A palavra “dores” aqui significa literalmente “dores de parto”. O velho aión estava gemendo, proferindo vários “ais!” antes de dar à luz o novo aión.. Todos os cataclismos naturais preditos por Jesus nada mais eram do que os gemidos da criação. No dizer de Paulo, *“toda a criação geme como se estivesse com dores de parto até agora”* (Rm.8:22). É a partir do velho mundo que Deus cria o Novo Mundo.

Espiritualmente falando, o Novo Aión foi concebido na Cruz, nasceu no Pentecostes, e teve seu umbigo aparado no momento em que o Velho Tabernáculo, o Templo judeu caiu. Entretanto, quando falamos do cosmo, da criação, temos que admitir que ela ainda geme, com dores de parto, aguardando tão-somente a parousia dos filhos de Deus (Rm.8:19). Quando todos os filhos de Deus houver se manifestado, e a plenitude dos gentios houver adentrado a Cidade de Deus, então, as dores de parto da criação terão chegado ao fim. O mundo material já estará todo renovado, e a natureza viverá em harmonia sob o domínio dos filhos de Deus. Portanto, essas dores de parto só terminarão quando todos os filhos de Deus houver se manifestado, e isso, por sua vez, só ocorrerá quando Cristo retornar fisicamente a Terra. Por isso, ainda hoje há terremotos, maremotos, vulcões, secas e outros cataclismos.

Predições de Cristo II

Depois de mostrar o quanto a ordem social, e a ordem natural da criação seriam afetadas como prelúdio do juízo que cairia sobre Jerusalém e seus habitantes, Jesus muda Seu foco. Agora, Ele passava a mostrar o quanto a própria Igreja sofreria durante aquilo que Ele chamou de “Princípio das Dores”.

Perseguição

“Mas antes de todas estas coisas, lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome. Isto vos acontecerá para testemunho. Mas proponde em vossos corações não premeditar como haveis de responder, porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos os que se vos opuserem. Até pelos pais, irmãos, parentes e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome. Mas não perecerá um único cabelo de vossa cabeça. Na vossa perseverança ganhareis as vossas almas” (Lc.21:12-19). Toda a perseguição predita aqui cumpriu-se nos dias da Igreja Primitiva. Aquela foi, por assim dizer, a grande tribulação. Basta um olhada superficial nos Atos dos Apóstolos para averiguarmos isso. Os apóstolos foram entregues às sinagogas, e delas foram diretamente para as prisões.

Foram as autoridades judaicas as principais opositoras do Evangelho no primeiro século. Foram também elas que conduziram os apóstolos à presença de reis e governadores para depor (ex.: At.23:12-15; 24:1). Aquele período se encaixa bem com o que chamamos de Grande Tribulação. Muitos discípulos foram martirizados, a exemplo do que aconteceu com Estêvão, Tiago, e o próprio Paulo, que foi decapitado, e também Pedro, que foi crucificado de

cabeça para baixo, como afirma a tradição. O que os mantinha firmes em sua convicção era a promessa de que na perseverança eles ganhariam as suas almas. Por isso, muitos deles, ao serem conduzidos à arena para serem atirados às feras, iam cantando e glorificando a Deus. Outros eram mortos rogando a Deus que perdoasse os seus algozes.

É bem verdade que durante outros períodos a igreja foi combatida, perseguida, e que muitos dos seus seguidores foram torturados até a morte. Ainda hoje, em alguns países islâmicos, os cristãos são presos, e até mortos por amor à sua fé. Entretanto, jamais houve ou haverá qualquer perseguição contra a igreja numa escala parecida com a que houve no primeiro século da era cristã. É de Cristo a declaração que haveria então *“grande aflição, como nunca houve até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria, mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias”* (Mt.24:21-22).

Apostasia

Em função da dura perseguição suscitada pelos judeus e por Roma, muitos cristãos se deixaram apostatar da fé. Jesus prediz: *“Nesse tempo, muitos se escandalizarão, trair-seão mutuamente e se odiarão uns aos outros (...) E por se multiplicar a iniquidade, o amor de quase todos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo”* (Mt.24:10,12-13). Tudo isso se cumpriu na igreja do primeiro século. Em certo sentido, a apostasia era um inimigo maior do que a perseguição empreendida pelos judeus e pelos romanos.

Paulo, ao despedir-se dos efésios, reunindo seus bispos disse: *“Sei que depois da minha partida entrarão no meio de vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho. E que DENTRE VÓS MESMOS se levantarão homens que falarão coisas perversas para atrair os discípulos após si”* (At.20:29-30). Eram esses apóstatas que buscavam fazer comércio do povo de Deus, e introduziam heresias dissimuladoras no seio da igreja.

Pedro admoesta os seus leitores: *“...entre vós também haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade. Por ganância farão de vós negócio, com palavras fingidas. Para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme”* (2 Pe.2:1-3). Por causa desses falsos mestres, muitos se esfriaram na fé, e abandonaram o primeiro amor. Porém, os que foram perseverantes foram salvos. Mas foram salvos de quê? Não está em foco aqui a salvação eterna dos crentes. Minutos antes de declarar tudo isso, Jesus havia dito: *“Em verdade vos digo que TODAS ESTAS COISAS hão de vir sobre esta*

geração” (Mt.23:36). Por isso, assim que os discípulos receberam o Espírito Santo no Pentecostes, a Escritura diz que Pedro “com muitas outras palavras dava testemunho, e os exortava, dizendo: “**SALVAI-VOS DESTA GERAÇÃO PERVERSA**” (At.2:40).

Aquela geração que viveu nos dias de Jesus seria o receptáculo da ira divina. Aquelas profecias de Jesus não apontavam para um futuro distante, ou para alguma geração futura, mas para aquela geração. Jesus afirmou: “*Em verdade vos digo que não passará ESTA GERAÇÃO sem que TODAS ESTAS COISAS ACONTEÇAM*” (Mt.24:34). E realmente, menos de quarenta anos depois que Jesus falou estas coisas, Jerusalém caiu, e juntamente com ela o seu soberbo templo, e tudo o que ainda restava da velha aliança. Era, portanto, daquela geração que seriam salvos os que perseverassem até o fim.

A Igreja Triunfante durante a Tribulação

Mesmo diante de toda a apostasia, e toda a perseguição que a Igreja sofreria durante aquele tempo, Jesus garantiu que nada impediria o avanço do Evangelho. Antes que Jerusalém fosse derrubada, as Boas Novas do Reino já teriam sido pregadas em todo o mundo. Certamente, tal promessa fez brilhar os olhos dos discípulos.

O Evangelho pregado em todo Mundo

“*E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações (etnias). Então virá o fim*” (Mt.24:14). Será que esta profecia aponta realmente para um futuro ainda distante? Ou será que ela, de alguma maneira, já teve o seu cumprimento também no primeiro século? Primeiro, precisamos nos inteirar acerca do significado do termo “mundo” aqui. A palavra traduzida do grego é Oikumene que quer dizer mundo habitado. Esta palavra era comumente usada para referir-se à extensão do império romano. Por exemplo, em Lucas 2:1, lemos que César Augusto decretou o “*recenseamento de todo o mundo habitado*”. É lógico que ele não queria que se fizesse um censo que abrangesse todo o planeta. O que estava em foco era a totalidade de territórios dominados pelo império romano. Quando se referia ao mundo como um todo, geralmente se usava a palavra kosmos, e não Oikumene. Por exemplo, “*Deus amou o kosmos que deu seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna*” (Jo.3:16). Escrevendo aos Colossenses, Paulo chega a declarar que no seu tempo o Evangelho “*foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu*” (Col.1:23). Na mesma epístola ele diz: “*Em todo o mundo este evangelho vai frutificando*” (Col.1:6).

Tal testemunho encontra eco nos escritos de Lucas acerca dos atos apostólicos. A começar pelo dia de Pentecostes. Lucas nos informa que naquele dia, “*em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu*” (At.2:5). Todos eles tiveram que ouvir o testemunho dos discípulos acerca do Reino de Deus, e isto, em suas línguas nativas. Quando acabou a festa de Pentecostes, muitos deles retornaram às suas nações de origem, e levaram consigo o testemunho do Evangelho. Lucas também nos informa que em apenas dois anos “*todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus*” (At.19:10). Não foi em vão que os judeus de tessalônica exclamaram acerca dos discípulos: “*Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui*” (At.17:6).

Há testemunhos históricos de que o Evangelho tenha se expandido por todo o continente asiático ainda no primeiro século. Sabemos, por fonte histórica, que os judeus assírios que presenciaram o derramamento do Espírito no Pentecostes, e que abraçaram o Evangelho quando ouviram o sermão pregado por Pedro, ao retornarem à Mesopotâmia, levaram consigo as Boas Novas do Reino de Deus. Mais tarde, o apóstolo Tomé foi enviado àquela região, e discipulou muitos assírios. Ali, ele manteve sua missão até 45 d.C., cerca de doze anos após a ascensão de Cristo. Depois disto, dirigiu-se à Índia, e lá foi o pioneiro na evangelização daquele povo. Coube aos missionários assírios levar a mensagem de Cristo até os lugares mais longínquos da Ásia, incluindo o Tibete, a Mongólia, a China, o Japão, e a Indonésia.

Levando-se em conta que o Evangelho deveria ser pregado à todas etnias, podemos afirmar com certeza que ainda na primeira metade do primeiro século, cada grupo étnico havia sido alcançado. Desde os negros da África, passando pelos europeus, pelos árabes, até os amarelos (de quem descendem os índios), todas as etnias matrizes foram evangelizadas.

Não queremos diminuir a importância que se tem em pregar o evangelho a toda criatura. Cremos piamente que o mandato de Jesus para a Sua Igreja, não importando a era em que ela estiver vivendo, é e sempre será: “*Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura*” (Mc.16:15) e “*Ide e fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*” (Mt.28:19). Isto é indiscutível. Porém, uma coisa é discipular as nações, e outra é pregar o evangelho do reino apenas para fins de testemunho. Quando Jesus afirmou que antes do fim daquela era (aión), o Evangelho do Reino teria que ser pregado em todo mundo (Oikumene), Ele não estava falando acerca do mandato de discipular as nações, a fim de que elas se rendessem à Sua soberania, e sim, acerca do testemunho que deveria ser dado a elas, antes que chegasse o fim daquela era. E isso foi cumprido no primeiro século, como já vimos através de algumas passagens bíblicas.

Há ainda uma passagem que não nos permite torcer o seu sentido, e que comprova a veracidade do que temos defendido até aqui. Trata-se de Mateus 10:23. Leia com atenção a afirmação que Jesus faz nesse texto: *“Quando vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do homem”*.

Não vejo alternativa senão crer que, de fato, o Evangelho do Reino foi anunciado à todas etnias da Terra antes da queda de Jerusalém, quando o Filho do homem veio em juízo contra o povo que O rejeitou.

É bom enfatizarmos que a Grande Comissão ainda está por findar-se. Nós ainda não discipulamos as nações. Entretanto, já antes do fim daquela era, representantes de todas as etnias já haviam recebido o testemunho do reino de Deus. Uma coisa é discipular, e outra é testemunhar.

Alguém poderá objetar: - E quanto aos índios que a essa época já viviam no continente americano? Provavelmente os índios não ouviram o testemunho do Evangelho, entretanto, a etnia que lhes deu origem (Possivelmente os Mongóis) ouviu o testemunho de Deus.

A Abominação da Desolação

Em Mateus lemos: *“Portanto quando virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes. Quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa. Quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. Mas ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado”* (24:15-20). Primeiro, precisamos entender um pouco sobre esta tal abominação da desolação de que falou Daniel. Para investigarmos isso, é necessário recorrer à visão que teve o profeta.

A Septuagésima Semana

Depois de orar por vinte e um dias consecutivos, Deus enviou o anjo Gabriel para confortar Daniel, e fazê-lo entendido acerca daquilo que haveria de acontecer ao seu povo. Disse o anjo ao profeta: *“Daniel, agora vim para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para declará-la a ti, porque és muito amado. Portanto, considera a mensagem, e entende a visão: Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos”*. Daniel 9:22-24.

É ponto pacífico entre os teólogos que essas setenta semanas referem-se a semanas de anos. Portanto, significam literalmente 490 anos. O que é que aconteceria dentro desse prazo? O pecado seria expiado, e a justiça de Deus seria, por conseguinte, satisfeita. Além disso, o Santo dos Santos seria ungido. Tudo isso aconteceu na primeira vinda de Cristo. Pela Cruz, a iniquidade do mundo foi expiada, e a justiça divina satisfeita. Com a ressurreição, o Santo dos Santos foi ungido.

O anjo prosseguiu: *“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Ungido, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas. As praças e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos”*. V.25.

Quando Daniel recebeu essa visão, Jerusalém havia sido destruída por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Entretanto, Deus estava prometendo que aquela cidade ainda haveria de ser restaurada. Em 457 aC. foi promulgado o decreto do rei Artaxerxes, concedendo a Esdras a autorização de começar a reconstrução de Jerusalém. 69 semanas de anos depois, ou 483 anos, chegamos precisamente à época em que Jesus iniciou o Seu ministério público. Trata-se de uma exatidão extraordinária, que só pode ser explicada levando-se em conta a incontestável inspiração do texto sagrado.

E o texto profético prossegue: *“Depois das sessenta e duas semanas será cortado o Ungido, e não será mais...”* (v.26a). À essas 62 semanas devem ser somadas as 7 primeiras semanas, totalizando 69 semanas. Com a morte do Ungido (em grego é Christos), a iniquidade teria sido expiada, e a justiça divina vindicada. Ora, se o Ungido seria cortado depois das 69 semanas, logo, concluímos que Ele foi morto na 70ª Semana. Isso derruba de vez a teoria de que a 70ª Semana ainda virá, e que entre a 69ª e a 70ª haveria uma espécie de intervalo (tal teoria é defendida pelos dispensacionalistas) Diante do fato de que o Ungido foi cortado depois da 69ª semana, só podemos concluir que tal teoria não passa de uma falácia. Se acreditarmos no fato de que a 70ª Semana ainda está pra vir, teremos que admitir que o pecado ainda não foi expiado, e que Cristo não era o Ungido que estava pra vir. Isso seria um absurdo!

Uma vez que Jerusalém rejeitara o seu Rei, nada lhe restara senão a destruição. A morte de Cristo na Cruz selou o destino daquela cidade. Por isso, na seqüência da profecia lemos: *“e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário. O seu fim será como uma inundação: Até o fim haverá guerra, e estão determinadas desolações”* (v.26).

A Identidade do Príncipe que destruiria Jerusalém

Muito se tem discutido acerca da identidade do tal príncipe. Quem seria ele, afinal? Certamente não se está falando do Ungido. Trata-se de Tito, general romano que veio a se tornar imperador, e que no ano 70 d.C. invadiu Jerusalém e a destruiu juntamente com o seu soberbo templo. Antes disso, porém, os judeus vivenciaram quatro anos consecutivos de guerra. Sobre isso escreveu exaustivamente o historiador judeu Flávio Josefo.

A destruição de Jerusalém está profundamente ligada à rejeição do Messias por parte dos judeus. Lucas narra o episódio em que Jesus *“vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados. Derrubar-te-ão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem. Não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo da tua visitação”* (Lc.19:41-44).

Cristo ou o Anticristo?

Logo em seguida, o anjo diz: *“Ele confirmará uma aliança com muitos por uma semana, mas na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais”* (v.27). De quem o anjo estava falando, agora? Alguns entendem que a pessoa em foco aqui é o tal príncipe, ou o império que ele representa. Os que acreditam que a 70ª Semana ainda virá, crêem que se trata do Anticristo. Nós, porém, temos razões fortes para crer que esta passagem fale do Ungido, e não do príncipe que destruiria Jerusalém. E que razões seriam estas? Primeiro, no texto em hebraico, o sujeito está oculto. Portanto, ambas as posições parecem plausíveis do ponto de vista lingüístico. Tanto o Ungido, quando o príncipe que virá se encaixam perfeitamente. Porém, do ponto de vista teológico, temos que admitir que é o Ungido o sujeito oculto desta passagem. E por quê?

Primeiro: Em Mateus 26:28 encontramos Jesus na última ceia apresentando o cálice que representava o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos. Isso se encaixa perfeitamente na passagem de Daniel. A aliança ali mencionada é a Nova Aliança feita no sangue de Cristo. Essa aliança foi feita na 70ª semana de Daniel. Os muitos mencionados nessa passagem são os eleitos de todas as eras. No meio dessa semana (a 70ª, é claro), Cristo fez cessar o sacrifício. O escritor de Hebreus ressalta que Cristo *“havendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”*. Portanto, *“já não resta mais sacrifício pelos pecados”* (Hb.10:12, 26b).

Diante destas afirmações, concluímos que não foi Tito, o general romano, quem fez cessar o sacrifício. Foi Cristo, o Santo dos Santos, que invalidou pelo o Seu sangue todos os demais sacrifícios. Ainda que, depois de Sua morte, os sacrifícios continuassem a ser oferecidos, eles já não possuíam valor algum diante de Deus (Hb.9:9-10).

Se não restava sacrifício pelos pecados, tudo o que os sacerdotes ofereciam a Deus depois que Cristo foi sacrificado não passava de abominação. E sobre a asa das abominações viria o assolador. Por que Deus não reagiu quando as legiões romanas invadiram o templo e o destruíram? Simplesmente porque a glória do Senhor já não estava ali. Quando o sacrifício contínuo perdeu seu valor aos olhos de Deus, tudo o que era oferecido naquele altar era fogo estranho para Deus.

É interessante que Flávio Josefo relata que pouco antes do templo ser invadido e destruído pelas hordas romanas, no dia em que se comemorava a festa de Pentecostes, ao entrarem no templo para ministrarem as ofertas prescritas na Lei, os sacerdotes ouviram um movimento e um ruído, e então, uma voz, como se uma multidão angelical dissesse: Vamos partir daqui! Os sacerdotes ficaram atônitos e aterrorizados diante do que ouviram! De fato, a glória do Senhor já havia se afastado daquele templo para sempre!

Lucas registra as seguintes palavras de Jesus: *“Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação”* (21:20). Foi no ano 70 d.C. que Tito, filho do Imperador Vespasiano, cercou Jerusalém, e em seguida a invadiu, destruindo por completo o seu templo, não deixando pedra sobre pedra daquele que era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Muitos historiadores se impressionam com o fato de os cristãos terem escapado daquela destruição. Mas isso se deveu ao alerta que Jesus lhes fez. *“Os que estiverem na Judéia, fujam para os montes, os que estiverem no meio da cidade, saiam, e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Pois dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! Haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo (os judeus)”*. Lucas 21:21-23.

A preocupação de Jesus com as grávidas se devia ao fato de que, para um soldado romano era um prazer tirar a vida de uma gestante, por acreditar que estaria matando um inimigo em potencial, um futuro soldado inimigo. Eusébio conta que os cristãos, lembrando-se daquelas advertências do Mestre, diante da aproximação das tropas romanas, fugiram para Pela, entre as montanhas, há mais ou menos 27 quilômetros do sul do mar da Galiléia. Era chegada o dia da vingança de Deus contra aqueles que O haviam trocado pelos ídolos dos gentios, e trocado a Sua Palavra pelas tradições dos anciãos. Assim como Ló foi poupado quando a ira de Deus caiu sobre Sodoma; Cristo desejou poupar a Igreja do cálice que se derramaria sobre a Jerusalém apóstata.

A espada de Deus estava nas mãos de Tito, como estivera um dia nas mãos de Nabucodonosor, (ver Ez.30:25) para castigar os filhos de Israel que haviam se apostatado, indo após outros deuses, e dando as costas ao seu Redentor. Ele veio para o que era Seu, mas os Seus o rejeitaram! O próprio Tito, que mais tarde tornou-se o Imperador de Roma, admitiu: “Lutamos com Deus do nosso lado; pois foi Deus que expulsou os judeus de seus baluartes; pois que poderiam ter feito máquinas ou mãos nuas contra muros e torres como essas?” (Josefo, “Guerras”, livro 6 cap.9).

No dia 8 de setembro de 70 d.C. Jerusalém foi reduzida a escombros. Exatamente no mesmo dia em que Nabucodonosor a tinha destruído no ano 1468 de sua fundação.

Sobre a Asa das Abominações

Foi devido à rejeição do Messias por parte dos judeus que a destruição veio sobre Jerusalém e seu templo. Por isso, na seqüência do versículo lemos: “*E sobre a asa das abominações virá o assolador, até a destruição determinada, a qual será derramada sobre o assolador*” (v.27b).

O assolador nesta passagem corresponde a Roma, que foi a responsável pela destruição total de Jerusalém e seu santuário. Na última parte do versículo, lemos que Deus também determinara a destruição do assolador. No final das contas, tanto a Jerusalém apóstata, quanto o Império Romano haveriam de ser destruídos. Cerca de quatrocentos anos depois de haver destruído Jerusalém (476 d.C.), Roma foi invadida e saqueada pelos bárbaros, caindo assim o Império que dominou o mundo por mil anos.

A Vinda do Filho do Homem

“*Pois assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a VINDA do Filho do homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres*” (Mt.24:27-28). Ora, se tudo o que Jesus estava predizendo haveria de ocorrer ainda naquela geração, o quê dizer disso, afinal? Jesus não está falando de Sua volta à Terra nesta passagem. Então, de quê vinda está falando? De Sua vinda em juízo contra Jerusalém.

Em Isaías 19:1 lemos: “*O Senhor vem cavalgando numa nuvem ligeira, e VIRÁ ao Egito. Os ídolos do Egito tremem perante a sua face, e o coração dos egípcios se derrete dentro deles*”. É claro que o profeta está falando acerca do juízo que Deus traria sobre aquela nação, e não sobre uma vinda literal de Deus cavalgando em uma nuvem. E de quê maneira Deus viria sobre o Egito? No verso 4 diz: “*Entregarei os egípcios nas mãos de um senhor duro, e um rei rigoroso os dominará*”. Esse rei, através do qual Deus viria contra o Egito, foi

Nabucodonosor. Ezequiel profetizou sobre isso: *“Eu levantarei os braços do rei de Babilônia, mas os braços de Faraó cairão. Então saberão que eu sou o Senhor, quando puser a minha espada na mão do rei da Babilônia, e ele a estender sobre a terra do Egito”* (Ez.30:25). Assim também, Cristo viria contra Israel, na pessoa de Tito, em juízo e destruição.

Podemos afirmar que Tito, filho do Imperador de Roma, tipificava Jesus, Filho do Deus Vivo. Era em suas mãos que estava a espada de Deus para executar juízo sobre os seus inimigos. Tito atacou Jerusalém de forma repentina. Ninguém esperava um ataque tão súbito. Foi semelhante a um relâmpago que sai do oriente e se mostra do ocidente.

E o que dizer da expressão: *“Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres”*? Muitos vêem aí uma alusão ao arrebatamento da Igreja. Porém, isto está muito longe do que o Senhor Jesus intentou dizer. Na verdade, trata-se de um provérbio muito popular nos dias de Jesus, cujo significado real é *“Onde houver motivos para juízo, aí haverá juízo”*. Neste caso, Jerusalém e os judeus seriam os cadáveres que teriam atraído as águias romanas (Os abutres eram considerados uma espécie de águia). Isso também é profetizado por Oséias, que diz: *“Põe a trombeta à tua boca. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei”* (Os.8:1). Não era por coincidência que a insígnia romana gravada nos escudos e estandartes do seu exército era uma águia.

Colapso Cósmico

“Logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do firmamento e os corpos celestes serão abalados” (Mt.24:29). Este versículo tem sido usado como base para a crença de que o retorno de Cristo se dará em meio a um colapso universal. Entretanto, precisamos entender estas afirmações à luz de outros textos bíblicos. Trata-se, na verdade, de uma linguagem figurativa. Com a queda do templo, o culto judaico chegaria ao fim. A ordem até então mantida, chegaria ao fim. O sol e a lua apontam para a Lei moral e cerimonial (falamos mais sobre isso em nosso estudo sobre “A Nova Jerusalém”), enquanto que as estrelas correspondem ao povo da antiga aliança, ou seja, os judeus. O Sol e a Lua também tipificam o governo, que por sua vez era exercido através da Lei Mosaica, com os seus mandamentos e rituais. Com a queda do templo, cessaram-se os sacrifícios e o culto judaico.

Quando Deus prometeu que feriria o Egito pela espada de Nabucodonosor, Ele também disse: *“Apagando-te eu, cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não deixará resplandecer a sua luz. Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti, e trarei trevas*

sobre a tua terra, diz o Senhor Deus (...) Pois assim diz o Senhor Deus: A espada do rei de Babilônia virá sobre ti” (Ez.32:7-8,11). A destruição do Egito fez com que a ordem estabelecida naquela nação sofresse um colapso. Assim também foi em Jerusalém. A invasão romana provocou uma desordem social sem antecedentes na história daquele povo.

Se o sol realmente vai deixar de dar a sua luz algum dia, como afirmam os literalistas, logo, teremos que admitir que Jesus algum dia vai deixar de ser o Senhor do Universo. E sabe por quê afirmamos isso? Porque está escrito: “*Ele permanecerá enquanto durar o sol e a lua, de geração em geração (...) Permaneça o seu nome ETERNAMENTE, que ele continue enquanto o sol durar. Todas as nações serão abençoadas nele, e lhe chamarão bem-aventurado*” (Sl.72:5,17 / Última oração feita por Davi).

O Sinal do Filho do Homem

“*Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória*” (Mt.24:30). De quê céu Jesus está falando? Do céu azul que envolve o nosso planeta? Ou será do espaço sideral? Absolutamente. Jesus está falando do céu de glória. Daniel teve uma visão do que seria este acontecimento. Observe bem o que ele diz: “*Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e vi que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a honra e o reino; todos os povos, nações e línguas o adoraram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino o único que não será destruído*”. Daniel 7:13-14.

Há realmente um paralelo impressionante entre a visão de Daniel e o sermão profético de Jesus. Ambas as passagens falam de um mesmo evento: a entronização do Filho do homem, Jesus Cristo. O problema é que muitos intérpretes vêem o Filho do homem vindo nas nuvens do céu em direção a terra; e não é isso que vemos ali. Ele vem sobre as nuvens do céu, e se dirige ao Ancião de Dias, que é Deus Pai, e Este Lhe dá o domínio sobre todas as nações. Logo, não está em foco o retorno visível de Cristo a terra, e sim a Sua ascensão e entronização no céu.

E o quê dizer acerca das tribos da terra se lamentando e vendo o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu? Primeiro, na ocasião em que Jerusalém foi tomada, já havia se passado cerca de 37 anos desde que Jesus ascendera ao céu. Portanto, Ele já estava entronizado, e reinando soberanamente como Deus e Homem. Entretanto, a destruição de Jerusalém seria o endosso dado por Deus de que Jesus havia recebido o domínio. Por isso, o sinal no céu seria a confirmação daquilo que Daniel havia visto. Talvez esse sinal tenha sido o

cometa em forma de espada que pairou durante um ano inteiro sobre Jerusalém. Aquele poderia ser, sem dúvida, o sinal do Filho do Homem. Quanto às tribos da terra, trata-se de uma referência clara às tribos de Israel. Elas se lamentaram por ver a espada de Deus que vinha contra elas.

Em Apocalipse 14, do verso 14 ao 20 lemos: *“Olhei, e vi uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao FILHO DO HOMEM, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada (como a espada que fora vista por um ano inteiro sobre a cidade). Então outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e ceifa, porque é chegada a hora de ceifar, pois já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi ceifada (terra aqui refere-se à Jerusalém). Outro anjo saiu do templo, que está no céu, o qual também tinha uma foice afiada. Ainda outro anjo saiu do altar, o qual tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Lança a tua foice afiada, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras. E o anjo meteu a sua foice à terra e colheu as uvas da vinha da terra, e lançou as NO GRANDE LAGAR DA IRA DE DEUS. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios”*.

Quem é que estava sobre a nuvem e que lançava a Sua foice sobre Israel? O Filho do homem. Ele tem o domínio. Foi Ele quem ordenou que se destruísse a cidade que antes era santa, e que agora havia se tornado em uma prostituta. E quanto ao anjo que tinha poder sobre o fogo? Vale lembrar que Jerusalém foi totalmente incendiada. Josefo relata como se iniciou aquele incêndio: “Um soldado, então, sem para isso ter recebido ordem alguma, e sem temer cometer um horrível sacrilégio, mas como levado por INSPIRAÇÃO DIVINA, fêz-se levantar por um companheiro e atirou pela janela de ouro, um pedaço de madeira aceso no lugar, pelo qual se ia aos edifícios, ao redor do templo do lado do norte. O fogo ateou-se imediatamente; em tão grande desgraça, os judeus lançavam gritos espantosos” (Livro VI, cap.26: 466).

Outro dado importante que encontra paralelo nesta passagem de Apocalipse é que o sangue derramado nas ruas de Jerusalém era tanto que impedia os cavalos de caminharem. Josefo afirma que a quantidade de sangue competia com o fogo, o que nos faz lembrar da profecia de Joel: *“Mostrarei sinais no céu e na terra, sangue e fogo e colunas de fumaça”* (Joel 2:30). “O número dos corpos amontoados uns sobre os outros era tão grande que entupia as ruas e o sangue em que nadavam, apagava o fogo em vários lugares” relatou Josefo (Livro VI Cap.42: 494).

De fato, todas as tribos de Israel lamentaram, e isso, por não haverem recebido o Príncipe da Paz. Ver o Filho do homem vindo sobre as nuvens do

céu equivaleria a ser vítima de Sua foice afiada, e da espada indignada do Todo-Poderoso. Não podemos entender isso de forma literal. Ao ser apresentado ao Sinédrio para ser sabatinado, o sumo sacerdote lhe perguntou: *“Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste. Porém vos digo que EM BREVE VEREIS O FILHO DO HOMEM ASSENTADO À DIREITA DO TODO-PODEROSO, E VINDO SOBRE AS NUVEIS DO CÉU”* (Mt.26:63-64). Jesus estava falando com alguns que ainda estariam vivos quando a Sua foice passasse por Jerusalém. Em outra passagem Ele afirma aos Seus discípulos: *“Em verdade vos digo, alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do homem no seu reino”* (Mt.16:28).

Ao verem a espada de Deus vindo sobre a Jerusalém rebelde, os judeus se lamentaram profundamente. Aquele era o sinal de que o Filho do homem que eles haviam rejeitado estava reinando e derramando sobre eles a cólera divina.

Anjos e Trombetas

“E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mt.24:31). A palavra traduzida aqui por “anjos” pode ser traduzida por “mensageiros” (angelos). Trata-se da Grande Comissão, que é representada em Apocalipse 14:6 por um *“um anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra e a toda nação, e tribo, e língua, e povo”*. Nós sabemos que a pregação do evangelho não é e nunca será incumbência de algum ser angelical. Pedro fala sobre isso em sua epístola. Porém, esse anjo representa a Grande Comissão dada por Jesus aos Seus discípulos de todas as eras. Além disso, podemos perceber que na linguagem apocalíptica, cada pastor é chamado de “o anjo da igreja”. Paulo testifica em sua carta aos Gálatas que fora recebido por eles como “um anjo de Deus” (Gl.4:14).

Em 1 Coríntios 14, Paulo, a fim de justificar a sua preferência em falar no seu próprio idioma a falar em línguas espirituais, diz: *“Se a trombeta der somido incerto, quem se preparará para a batalha? Assim também vós. Se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Estareis como que falando ao ar”* (vs.8-9). A pregação do evangelho eterno de Deus corresponde ao clangor de uma trombeta de somido certo. Quando proclamamos a verdade de Deus, os eleitos se ajuntam. Por isso, ao chegar a Corinto, sentindo-se tímido ante as ameaças dos judeus, Paulo ouviu da boca do Senhor: “Não temas, mas fala, e não te cales. Pois eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, porque tenho muito povo nesta cidade” (At.18:9-10).

Onde quer que esta trombeta se faça ouvir, os santos se reunirão, assim como aconteceu com Gideão, que ao tocar a buzina reuniu uma grande multidão para a batalha.

A 2ª Vinda de Cristo

“Porém, a respeito DAQUELE DIA e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai” (Mt.24:36). A partir do verso 36 de Mateus 24, Jesus fala acerca de Sua Vinda no último dia, para julgar os vivos e os mortos. Do verso 1 ao verso 35, Jesus trata do juízo de Deus sobre Israel, e isso pode ser comprovado pelo uso da expressão “naqueles dias”, e pela afirmação de que tudo aquilo aconteceria ainda naquela geração. Entretanto, ao chegar ao verso 36, Jesus entra em um novo assunto. Jesus já não estava falando “*daqueles dias*”, em sim acerca “*daquele dia*”, quando Ele vier para estabelecer o Juízo Final.

Convém ressaltarmos que Jesus só desconhecia o dia de Sua Vinda pelo simples fato de ter se esvaziado de Sua glória original durante o tempo de Sua encarnação, porém, uma vez tendo sido entronizado, seria ridículo afirmar que Ele continua ignorando o dia de Seu retorno. *“Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. Todas as nações se reunirão diante dele, e ele apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas”* (Mt.25:31-32). Esta passagem encontra seu paralelo em Apocalipse 20:11-15: *“Então vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele. Da presença dele fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se livros. Abriu-se outro livro, que é o da vida. Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o além deram os mortos que neles havia, e foram julgados cada um segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo”*.

O que é que Jesus virá fazer na terra em Sua segunda vinda? Será que Ele virá para estabelecer Seu reino, como afirmam alguns? Absolutamente. Isso Ele já fez em Sua primeira vinda. Agora Ele virá para julgar os vivos e os mortos. Ao discursar em Cesaréia, na casa de Cornélio, Pedro testificou: *“Ele nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos”* (At.10:42). Paulo endossa: *“Mas Deus, não levando em conta o tempo da ignorância, manda agora que todos os homens em todos os lugares se arrependam. Pois determinou UM DIA que com justiça*

há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou. Ele disse deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At.17:30-31).

Como podemos ver, Ele não vem estabelecer o Seu reino, pois o mesmo já está estabelecido na terra desde que Ele aqui esteve pela primeira vez. Da próxima vez que vier, Seu propósito será o de trazer juízo sobre a terra.

Crítérios do Juízo

E quais serão os critérios desse julgamento? Eis um terreno minado! Muitos não conseguem compreender os critérios que Cristo usará no Juízo Final. Basta uma leitura superficial de Mateus 25, a partir do verso 31 e conclui-se que Deus julgará os homens tendo por base as suas obras. De acordo com o texto, Ele dará boas vindas aos que estiverem à Sua direita, e apresentará as razões pelas quais eles são bem-vindos às benesses do Reino Celestial: *“Pois tive fome, e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estavas nu, e me vestistes; estive enfermo, e me visitastes; preso e fostes ver-me”* (vs.35-36). Ao ser indagado pelos justos acerca de quando tudo isso havia acontecido, Jesus dirá: *“Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”* (v.40).

Quanto aos ímpios, eles serão acusados de não terem praticado as mesmas obras, e por isso, serão tidos por dignos da condenação eterna. Jesus conclui Seu sermão dizendo: *“E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna”* (v.46). Há ainda muitas passagens que comprovam que as bases do juízo serão as obras praticadas em vida. Por exemplo, em Mateus 16:27 lemos: *“Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um segundo as suas obras”*.

E quanto a Paulo? O que diz o Apóstolo que ensinava a justificação pela fé, à parte das obras? *“Deus recompensará a cada um segundo as suas obras: Dará a vida eterna aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, honra e incorrupção. Mas indignação e ira aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade, e obedientes à iniquidade (...) Isto sucederá no dia em que Deus há de julgar os segredos homens, por meio de Jesus Cristo, segundo o meu evangelho”*. Romanos 2:6-8,16.

O que houve com Paulo, afinal? Não é nesta mesma epístola que ele diz que ninguém será justificado diante de Deus pelas obras? (veja Rm.3:20) Terá Paulo cometido um contra-senso? Óbvio que não! É justamente aqui que os escritos de Paulo e de Tiago se reconciliam. Paulo não ensinava uma “graça barata” como é ensinada hoje em alguns púlpitos. Ele defendia acirradamente que o crente é justificado pela fé somente. É mediante essa fé que temos paz com Deus, e somos aceitos em Sua presença. É também por ela que recebemos

a justiça de Cristo em nossa conta, e sabemos que os nossos pecados recaíram sobre Ele na cruz. Tudo isso é pela fé!

Não é por obras! Neste exato momento, nossa situação com Deus está acertada. Já não nos resta condenação. Não obstante, temos que verificar nos textos paulinos que a fé que o apóstolo pregava era uma fé operante. Esta fé não apenas nos faz aceitos aos olhos de Deus, como também produz as boas obras que a justiça de Deus requer de nós. Embora estas obras não sejam a causa da nossa salvação, elas serão a base do juízo de Deus. A fé nos coloca em Cristo, e a natureza divina que recebemos dEle opera em nós as boas obras. É assim que a justiça da lei se cumpre naquele que está em Cristo (Rm.8:4).

Se não somos salvos mediante as obras, por quê o juízo de Deus será segundo elas? Nossas contas com Deus já foram acertadas. Não resta condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus. Ele mesmo afirmou: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo.5:24). Já em outro texto, lemos que *“todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal”* (2 Co.5:10). Como conciliar as duas afirmações? Ora, se já passamos da morte para a vida, por quê, então, teremos que estar diante do tribunal de Cristo? Por que teremos de prestar contas de nossas obras?

Quero sugerir duas respostas:

1. Para recebermos os galardões provenientes das obras que praticamos. Embora estas obras sejam frutos do Espírito de Deus, ainda sim, mediante a Sua inefável graça, Deus deseja nos recompensar, apesar de sermos meros instrumentos de Sua justiça.
2. Deus deseja trazer todos diante do Seu tribunal, para que os ímpios jamais possam se queixar de não terem tido um tratamento justo. Há uma diferença entre entrar em juízo, e comparecer ao tribunal. Nós não seremos julgados, mas teremos que comparecer ante o Tribunal de Cristo. Ali ouviremos dEle o que o Espírito já tem testificado em nossos corações. Judas nos diz que *“o Senhor vem com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos, e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e de todas as duras palavras que ímpios pecadores contra ele proferiram”* (Jd.14-15). Observe que Ele não vem apenas para fazer juízo, mas também para fazer convictos todos os ímpios. Ao assistirem o pronunciamento do justo Juiz àqueles que foram salvos por Sua graça, os ímpios hão de se convencer de que a sentença de Deus para eles será justa, e que a condenação eterna será o destino

mais apropriado a eles. Ninguém será condenado sem ter a convicção de que aquela sentença é justa. Não haverá quem possa recorrer da sentença.

Quando se dará o Juízo?

Quando se dará tudo isso? Quando se instaurará o Tribunal de Cristo? Esta pergunta é muito pertinente porque, para alguns, a Igreja será julgada numa instância superior, ao adentrar os portais da glória. Os que defendem tal tese afirmam que a Vinda de Cristo será dividida em duas etapas: O Arrebatamento e o Juízo Final. No Arrebatamento, os crentes em Jesus ressuscitariam e seriam levados ao céu, e lá chegando, seriam submetidos a um Tribunal que visaria apenas recompensá-los. Já no Juízo Final, somente os ímpios e os que se convertessem durante a chamada Grande Tribulação seriam ressuscitados e submetidos a um julgamento que ditaria o seu destino eterno. Esta interpretação carece de uma exegese mais acurada. A começar pelo fato de não haver na Bíblia distinção entre o dia do Arrebatamento e o do Juízo. Na verdade, trata-se de um mesmo evento que vai acontecer no último dia da história humana. Depois daí, a criação entrará no Estado Eterno.

Em segundo lugar, não há na Bíblia nenhuma base real para se distinguir as ressurreições dos justos e dos ímpios como sendo dois acontecimentos separados por um espaço de tempo. Se for verdade que os justos vão ressuscitar no Arrebatamento, e os ímpios vão ressuscitar sete anos depois, como advogam alguns, então o que dizer da afirmação de Marta: *“Eu sei que ressurgirá na ressurreição, no último dia”* (Jo.11:24)? Se Lázaro ressuscitaria no último dia, logo, ele não estaria entre aqueles que seriam salvos! Se Marta errou ao afirmar isso, então, por que Jesus não a repreendeu? Porque Ele mesmo ensinara a Marta que todos, justos e ímpios, haveriam de ressuscitar no último dia.

Veja o que o próprio Jesus ensinou: *“Não vos maravilheis disto, pois VEM A HORA em que TODOS os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: Os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que praticaram o mal, para a ressurreição da condenação”*. João 5:28-29. Jesus não deixou dúvida de que tanto a ressurreição dos justos, quanto a dos ímpios ocorrerão simultaneamente. Em nosso estudo sobre o Milênio, abordamos de forma mais esmiuçada este assunto, e tratamos daquilo que João chama de primeira e de segunda ressurreição. A doutrina do Arrebatamento, como é concebida atualmente não possui respaldo bíblico. O que chamamos de Vinda Secreta de Jesus também não encontra respaldo bíblico. Quando se diz que Ele viria como um ladrão, refere-se ao fator surpresa que envolve a Sua Vinda. Quando Ele vier para julgar os vivos e os mortos, todos os olhos O verão. Definitivamente, não haverá uma vinda secreta, e outra pública como temos ouvido por aí.

Quando escrevia aos crentes de Tessalônica, Paulo diz que “*o Senhor descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro*” (1 Tess.4:16). É aqui que muita gente se confunde. Se pararmos aí, teremos a impressão de ter ouvido Paulo afirmar que os justos ressurgirão primeiro que os ímpios. Mas não podemos parar aí. O que Paulo está querendo dizer é que nós “*os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem*” (v.15). Isto quer dizer que, antes de sermos levados às alturas, os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

“*Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor*” (v.17). Muitos encontram neste texto a indicação de que ao sermos arrebatados seremos levados para o céu, e lá passaremos sete anos com o Senhor, enquanto o mundo fica entregue nas mãos do anticristo. Esta passagem não fala nada disto ! Nós vamos ao Seu encontro para recebê-LO nas nuvens. É provável que Paulo tivesse em mente o que acontecia quando o Imperador Romano voltava de uma batalha vitoriosa. Ao se aproximar dos portais da Cidade, o povo saía ao seu encontro para recebê-lo com honras e glórias. Assim também, quando Jesus, o grande Imperador do Universo despontar no céu, nós e os santos de todas as eras iremos ao Seu encontro para recepcioná-LO, e então, Ele juntamente com todos os Seus santos e anjos pisará nesta Terra, e aqui, estabelecerá o Seu Juízo.

Notas:

DeMar, Gary, Jesus virá em breve?, 2007, InvictusPRESS.

The Annals of Imperial Rome, tradução de Michael Grant (London: Penguin Books, 1989), p. 271.

The Wars of the Jews em The Works of Josephus, 5:12.3, p. 723.

Como Jesus Veio nas Nuvens em 66-70 d.C.?⁴

Escrito por MF Blume

“Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Mt. 24:29-31)

Essa é uma das perguntas que eu mesmo tive que responder quando estava verificando se o preterismo parcial era ou não a interpretação válida e correta da profecia bíblica. De fato, a maioria das pessoas faz essa pergunta quando confrontadas com o preterismo parcial pela primeira vez. Certamente essa profecia não foi cumprida em 70 d.C., assumem as pessoas.

Contudo, mediante cuidadosa inspeção do restante da Bíblia, veremos que ele de fato veio nas nuvens em 66-70 d.C.

Em primeiro lugar, deixe-me adicionar que Jesus disse ao sumo sacerdote de seus dias que ele também veria esse evento ocorrer:

“Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”. (Mateus 26:63-64)

Alguns propõem que isso se refere ao nosso futuro quando todo mundo o verá vir, pecadores no inferno bem como aquelas na terra. Contudo, isso não faz sentido. Para começar, como uma alma no inferno verá o Filho do homem vir a Terra nas nuvens? E Jesus também disse a esse homem que ele veria Jesus assentado à direita do Todo-poderoso, ou no trono de Deus. Agora, de que forma o sumo sacerdote veria pessoalmente Jesus assentado no trono, se Jesus estava no céu? Esse é o único lugar onde seu trono é encontrado! Isso também não está falando sobre o dia do julgamento, quando todos estarão diante dele e serão julgados após morrerem, pois Jesus disse a mesma coisa aos discípulos, e indicou que eles não estariam mortos no céu nem no inferno, quando vissem esse evento.

“Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma

passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino” (Mt. 16:27-28).

Esses homens não provariam a morte antes desse evento ocorrer. Em outras palavras, eles ainda estariam vivos. E isso não pode referir-se à vida espiritual em seus corpos espirituais que receberiam na ressurreição, pois a ressurreição do corpo ainda é futura. E esse homens de fato provaram a morte.

Mas Jesus estava se referindo à sua vinda em julgamento que aconteceu em 66-70 d.C. Como isso é possível? Como pode ser dito que ele veio nas nuvens em 66-70 d.C.?

Muitas, muitas vezes Deus usou a noção de estar nas nuvens quando ele indicou que viria em julgamento contra um povo. E isso não é alguma interpretação mística da Escritura relacionada com feitiçaria ou gnosticismo. Tivéssemos olhado para outro lugar além da própria Bíblia, a fim de encontrar essas referências, então isso poderia ser dito ser “místico”. Contudo, estamos olhando para o restante da Bíblia a fim de permitir que a Bíblia interprete a si mesma!

Davi descreveu o tempo quando ele clamou a Deus, quando com problemas com seus perseguidores, da seguinte forma:

“Na minha angústia, invoquei o SENHOR, clamei a meu Deus; ele, do seu templo, ouviu a minha voz, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos” (2 Sm. 22:7).

E vejam a resposta de Deus:

“Então, a terra se abalou e tremeu, vacilaram também os fundamentos dos céus e se estremeceram, porque ele se indignou. Das suas narinas, subiu fumaça, e, da sua boca, fogo devorador; dele saíram carvões, em chama. Baixou ele os céus, e desceu, e teve sob os pés densa escuridão. Cavalgava um querubim e voou; e foi visto sobre as asas do vento. Por pavilhão pôs, ao redor de si, trevas, ajuntamento de águas, nuvens dos céus. Do resplendor que diante dele havia, brasas de fogo se acenderam. Trovejou o SENHOR desde os céus; o Altíssimo levantou a sua voz” (2Sm. 22:8-14).

Deus veio em julgamento contra seus inimigos! Davi disse que Deus veio com densa escuridão abaixo dos seus pés e que as nuvens dos céus eram como pavilhões ou tabernáculos ao redor dele. E ele cavalgava um querubim. Davi viu essas coisas fisicamente? Certamente não! Mas Davi foi inspirado por Deus para descrever o julgamento de Deus sobre os seus perseguidores como uma vinda nas nuvens. Essa era uma figura sobre Deus bem conhecida nas mentes dos aderentes do Antigo Testamento. De fato, o sumo sacerdote sabia muito bem que Jesus estava dizendo que era Deus quando informou ao sacerdote que o homem veria Cristo vir nas nuvens! Ele sabia que Jesus estava lhe dizendo

que Cristo estava certo e era o Filho de Deus, e viria em julgamento para destruir Jerusalém em seus dias!

Jesus não usou uma linguagem com a qual o sumo sacerdote não era familiarizado! Ele não falou sobre uma verdade exclusivamente entendida pela igreja, que aconteceria somente após mais de 2.000. Ele pronunciou palavras muito familiares ao sumo sacerdote, e o sumo sacerdote sabia exatamente o que Jesus estava insinuando. E por essa razão o sumo sacerdote exclamou: “*Blasfêmia!*”.

“Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia!” (Mt. 26:64-65).

O sumo sacerdote recordou essas mesmas passagens que estou citando em suporte do entendimento que a vinda nas nuvens refere-se a Deus vindo em julgamento. Jesus estava dizendo que ele era o Deus do Antigo Testamento que veio em julgamento! Jesus não somente informou ao homem que ele era Deus, mas também que Jerusalém seria julgada assim como tinha sido nos tempos do Antigo Testamento, e isso usando exércitos pagãos.

A Bíblia diz que a presença de Deus nas nuvens implica justiça e juízo.

“Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do seu trono” (Sl. 97:2).

“Eis aí que sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias. Ai de nós! Estamos arruinados! Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva! Até quando hospedarás contigo os teus maus pensamentos?” (Jr. 4:13-14).

“O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (Na. 1:3).

“Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas, dia de trombeta e de rebete contra as cidades fortes e contra as torres altas. Trarei angústia sobre os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o SENHOR; e o sangue deles se derramará como pó, e a sua carne será atirada como esterco” (Sf. 1:15-17).

Isso é repetido continuamente. E todos que ouviram Jesus entenderam aquelas palavras como recordativas das referências acima, indicando uma vinda

de Deus em juízo, incluindo o sumo sacerdote! Assim, o sumo sacerdote exclamou “blasfêmia” ao ouvir isso. Ele não coçou sua cabeça indagando-se sobre o que Jesus estava falando, que teria sido o caso tivesse Jesus se referido a uma ressurreição vindoura da igreja mais de 2.000 anos depois. Mas Jesus disse que o sumo sacerdote veria isso.

Alguém viu Jesus vir fisicamente nas nuvens? Não!

Mas eles viram a destruição de Jerusalém em 66-70 d.C. E isso é o que Jesus quis dizer por pessoas vendo-o vir nas nuvens. Ele quis dizer que elas veriam seu julgamento. Sua destruição. Vir nas nuvens era simplesmente sinônimo de destruição e ira de Deus; portanto, eles veriam a destruição.

Mas alguns perguntam: “Jesus não partiu fisicamente em nuvens visíveis em Atos 1:9?”. Sim, partiu!

“Ditas estas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos. E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (Atos 1:9-11).

Mas o anjo não estava fazendo alusão à referência de Mateus 24:31, onde lemos sobre Jesus vindo nas nuvens. Eles viram Jesus partir fisicamente numa nuvem física. E essa será a forma como ele retornará no futuro, na ressurreição. O julgamento em 70 d.C. não incluiu uma ressurreição de ninguém. Ele foi um julgamento parcial. O preterismo parcial ensina que Jesus virá novamente na ressurreição. 1 Coríntios 15 refere-se à próxima vinda. Essa vinda não é em julgamento com ira caindo sobre todo o mundo. Ela será uma vinda em poder, para nos ressuscitar. E Jesus será visto nas nuvens, visto que ele habita nessa glória. Nós o vemos descrito como um anjo poderoso em Apocalipse 10, vestido com uma nuvem. Vê-lo nas nuvens em Mateus 24 é vê-lo em julgamento. Contudo, quando ele vier na ressurreição para a igreja, o veremos fisicamente nas nuvens.

É sobre essa ressurreição que Paulo fala no texto abaixo:

“Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts. 4:15-17).

Isso não deve ser confundido com Mateus 24:31. Mateus 24:31 é uma vinda em julgamento na qual não vemos Jesus fisicamente, similar às referências a Deus vindo em julgamento com nuvens no Antigo Testamento. 1 Tessalonicenses está falando sobre ressurreição, e não julgamento. E o veremos fisicamente então.

Mateus 24.30 “...e então todas as tribos da terra se lamentarão...”⁵

Compilado por Felipe Sabino de Araújo Neto

“... e então todas as tribos da terra se lamentarão...”

Adam Clarke (1837)

“Por terra no texto, evidentemente quer-se dizer aqui, como em vários outros lugares, a terra da Judéia e suas tribos, seja seus habitantes nesse então ou o povo judeu onde quer que se encontre”.

John Gill (1809)

“As tribos da terra, isto é, a terra da Judéia; porque outras terras e países normalmente não se dividiam em tribos como esse país; tampouco foram afetados com calamidades ou desolações, ou a vingança do Filho do Homem...”.

Steve Gregg (1997)

“No Antigo Testamento (e também no Novo) as nações gentis são chamadas simbolicamente de mar, em contraste com a terra (isto é, Israel). Assim que, frases como os que habitam na terra e reis da terra podem ser referências ao povo de Israel e seus respectivos governantes” (Revelation: Four Views, p, 22)

N. Nisbett (1787)

“As tribos da terra necessariamente limita a perspectiva de S. João à destruição de Jerusalém...”.

Milton Terry (1898)

“A tradução todas as tribos da terra parece ter enganado a muitos leitores comuns, porém a comentaristas também. Nenhum leitor helenista dos tempos do nosso Senhor teria compreendido todas as tribos da terra como equivalente a

todas as nações do globo. Esta frase remete a Zacarias 12:12, onde todas as famílias da terra da Judéia são representadas como lamentando” (Biblical Hermeneutics, p. 468b).

A Parousia na Epistola a Tito⁶

Escrito por James Stuart Russell

ESPERANDO A PAROUSIA

“Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2:13).

Aqui encontramos novamente o que já reconhecemos anteriormente: que a atitude habitual dos cristãos da era apostólica era a expectativa da vinda do Senhor. Essa expectativa é inculcada como um dos principais deveres cristãos, e se identifica com uma vida sóbria, justa e piedosa. Isso implica que o acontecimento era considerado como próximo, pois como poderia derivar-se um motivo poderoso para a vigilância de uma contingência remota e desconhecida, num futuro distante? Ou, como poderia ser dever dos cristãos “aguardar” o que não ocorreria durante cem em ou mil anos? O apóstolo evidentemente considera a presente era como se aproximando do fim, e exorta os cristãos a viver em atitude da expectativa da Parousia, que deveria introduzir a nova ordem.

A Parousia na Epistola aos Filipenses⁷

Escrito por James Stuart Russell

O DIA DE CRISTO

Fp. 1:6 – *“Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus”.*

Fp. 1:10 – *“para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo”.*

O dia de Cristo é evidentemente considerado pelo apóstolo como a consumação da disciplina moral e provação dos crentes. Não pode haver dúvida de que ele tem em vista o dia da vinda do Senhor, quando ele “retribuirá a cada um conforme as suas obras”. Supondo que o dia de Cristo ainda é futuro,

segue-se que a disciplina moral dos filipenses não tinha se completado ainda; que a provação deles não tinha terminado; e que a boa obra começada neles ainda não tinha sido aperfeiçoada.

A nota de Alford sobre essa passagem (cap. 1:6) merece ser observada. “Isso pressupõem a proximidade da vinda do Senhor. Aqui, como em outros lugares, os comentaristas têm se esforçado para escapar dessa inferência”, etc. Isso é justo; mas a inferência do próprio Alford, de que Paulo estava enganado, é igualmente indefensável.

A EXPECTATIVA DA PAROUSIA

Fp. 1:6 – *“Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas”*.

Essas palavras dão testemunho decisivo da expectativa nutrida pelo apóstolo, e pelos cristãos do seu tempo, acerca da pronta vinda do Senhor. Não era a morte que eles esperavam, como nós, mas aquilo que tralaria a morte na vitória: a transformação que superaria a necessidade de morrer. A nota de Alford sobre essa passagem é a seguinte: “As palavras pressupõem, como Paulo sempre o faz quando fala incidentalmente, sua sobrevivência para testemunhar a vinda do Senhor. A transformação do pó da terra na ressurreição, embora possamos acomodar a expressão a isso, não estava originalmente contemplada por ele.”

A PROXIMIDADE DA PAROUSIA

Fp. 1:5 – *“Perto está o Senhor”*.

Aqui o apóstolo repete o bem conhecido moto da igreja primitiva: *“Perto está o Senhor”* – equivalente ao ‘Maranata’ de 1Co. 16:22. Duvidar de sua plena convicção da proximidade da vinda de Cristo é incompatível com o devido respeito ao claro significado das palavras; classificar essa convicção como um engano é incompatível com o devido respeito à sua autoridade e inspiração apostólica.

Versículos que Usam o Grupo de Palavra Engus⁸

Escrito por Kenneth L. Gentry, Jr.

“Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Ap. 1:3).

“Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo” (Ap 22:10).

Todas as versões da Bíblia consultadas utilizam a tradução “perto” ou “próximo”. A palavra crucial nessas passagens é *egguv* (pronunciada “engus”), que é um advérbio de tempo formado de duas palavras: en (“em, no”) e guion (“membro, mão”). Por conseguinte, o significado é literalmente “à mão”. O Léxico de Arndt e Gingrich oferece uma palavra – “próximo” – como o significado. Thayer expande a idéia da palavra: “de Tempo; concernente coisas iminentes e que ocorrerão em breve”. Ele lista Apocalipse 1:3 e 22:10 em sua série de exemplos. A palavra é usada frequentemente para eventos cronologicamente próximos, tais como a aproximação do verão (Mt. 24:32), da Páscoa (Mt. 26:18, João 2:13; 11:55), da Festa dos Tabernáculos (João 7:2), etc.

Como acontecimentos relacionados à queda do império romano, duzentos ou trezentos anos à frente no futuro, poderiam ser considerados “próximos”, como por [Henry Barclay] Swete, [Albert] Barnes e outros? Várias gerações desses cristãos teriam diminuído ou sido reduzidas durante esse período. Mais difícil ainda é compreender como eventos, ainda por ocorrer a dois ou três mil anos no futuro, poderiam ser considerados “próximos”, conforme [Robert H.] Mounce, [John] Walvoord e outros. Como acontecimentos tão remotamente espalhados pelo futuro poderiam estar “próximos”? Mas se os acontecimentos esperados ocorressem dentro de um período de tempo de um a cinco anos – como no caso de Apocalipse se o livro fosse escrito antes de 70 d.C. – então tudo ficaria claro.

Versículos que Usam o Grupo de Palavra Mello⁹

Escrito por Kenneth L. Gentry, Jr.

“Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas” (Ap. 1:19).

“Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”. (Ap 22:10).

Desafortunadamente, nenhuma das principais versões citadas acima^{N1} traduz Apocalipse 1:19 de uma forma literal. Embora, interessantemente, várias traduzam o mesmo verbo numa forma mais literal quando o mesmo aparece em Apocalipse 3:10.^{N2} Contudo, o *The Interlinear Greek-English New Testament* de Berry, *Literal Translation of the Holy Bible* de Young e *The Interlinear Greek-English New Testament* de Marshall são totalmente literais em ambos os casos.^{N3} Lemos da seguinte forma as frases relevantes: *“as coisas que estão prestes a ocorrer”* (Ap. 1:19) e *“[a hora] que está prestes a chegar”* (Ap. 3:10).

Certamente é verdade que o verbo *μελλω* (*mellô*) pode indicar simplesmente ‘destinado’, ou pode ser usado em um sentido atenuado como uma perífrase para o tempo futuro. No entanto, quando usado com o infinitivo aoristo – como em Apocalipse 1:19 – o uso preponderante da palavra e significado é: ‘estar prestes a’.^{N4} O mesmo acontece quando a palavra é usada com o presente do infinitivo, como em Apocalipse 3:10.^{N5} O significado básico tanto para Thayer quanto para Abbott-Smith é: ‘estar prestes a’.^{N6} De fato, “mellô com o infinitivo expressa iminência (como o futuro).

Tudo isso é particularmente significativo quando os contextos dessas duas ocorrências de *mellw* (*mellô*) em Apocalipse são considerados: as palavras aparecem próximas de declarações compostas de dois outros grupos de palavras que indicam “proximidade”. Apocalipse 1:19 é precedido por Apocalipse 1:1 e 1:3 (que contêm representantes tanto do grupo de palavra *taxos* quanto *engus*). Apocalipse 3:10 é seguido por Apocalipse 3:11 (que contêm um representante do grupo de palavra *taxos*). Claramente, então, as referências de Apocalipse 1:19 e 3:10 oferecem uma expectativa excitada de breve ocorrência.^{N7}

Notas:

^{N1} Entre as traduções da Bíblia consultadas pelo autor, citadas numa seção anterior do livro, se encontram: New American Standard Bible, New King James Version,

American Standard Version, Revised Standard Version, New International Version, New English Bible, etc. (Nota do tradutor)

^{N2} Veja AV, NASB, Weymouth e Williams.

^{N3} George Ricker Berry, *The Interlinear Greek-English New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, [n.d.] rep. 1961), pp. 626-629; Robert Young, *The New Testament in Literal Translation of the Holy Bible* (Grand Rapids: Baker, [1898] rep. n.d.), p. 168; Alfred Marshall, *The Interlinear Greek-English New Testament*, 2nd ed. (Grand Rapids: Zondervan, 1959), pp. 959, 966; e Jay P. Green, Sr., *The Interlinear Bible*, 2nd ed. (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 927.

^{N4} Arndt and Gingrich, *Lexicon*, p. 502 (lb).

^{N5} *Ibid.*, p. 502 (lc).

^{N6} Thayer, *Lexicon*, p. 396; Abbott-Smith, *Lexicon*, p. 282.

^{N7} Além do mais, a expectativa de João não é exclusiva do Apocalipse. De fato, por todo o corpo do Novo Testamento há referências antecipatórias frequentes a expectativas de algumas ocorrências dramáticas de significância profética e redentiva. Veja Marcos 9:1; Mt. 23:32-36; 24:21-34; 26:64; Rm. 13:11, 12; 6:20; 1Co. 7:29-31, 26; Cl. 3:6; 1Ts. 2:16; Hb. 10:25, 37; Tiago 5:8, 9; 1Pe. 4:5, 7; 1 João 2:17, 18.

Versículos que Usam o Grupo de Palavra Taxos¹⁰

Escrito por Kenneth L. Gentry, Jr.

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João” (Ap. 1:1).

“Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca” (Ap 2:16).

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3:11).

“Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 22:6).

“Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”.

“E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras”.

“Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22:7,12,20).

Uma leitura apressada das passagens diante de nós inevitavelmente levaria até mesmo o leitor negligente a concluir que João esperava o cumprimento das profecias dentro de um período de tempo muito curto após sua escrita. A palavra crucial na declaração do versículo de abertura, por exemplo, é *“em breve”*.

[...]

A tradução em questão (por exemplo, em Ap. 1:1, embora as demais referências citadas devem ser consideradas também) tem que ver com a interpretação apropriada da frase em grego em *taxei*. *Taxei* é o singular dativo do substantivo *taxos*. Lexicógrafos parecem concordar universalmente com os tradutores no que se refere ao significado da palavra. De acordo com o *Lexicon*^{N1} de Arndt e Gingrich, [Bauer], *taxos* é utilizado na Septuaginta (e em certos escritos não-canônicos) no sentido de “velocidade, rapidez, pressa, de imediato”. Na frase preposicional em *taxei*, a palavra é utilizada como advérbio na Septuaginta e por Josefo com o sentido de “rapidamente, imediatamente, sem demora”. O Novo Testamento utiliza *taxos* dessa maneira, afirma Arndt e Gingrich, [Bauer], em Atos 10:33; 12:7; 17:15; 22:18. Em Lucas 18:8, Romanos 16:20, 1 Timóteo 3:14, Apocalipse 1:1 e 22:6, esse léxico o traduz por “depressa, em breve, sem demora”. As várias opções oferecidas para *taxos* por Thayer^{N2} incluem: “rapidez, velocidade” e “rapidamente, em breve, velozmente, depressa”. Thayer lista Apocalipse 1:1 e 22:6 com as opções “velozmente, depressa”. Abbott-Smith concorda; para os textos de Apocalipse 1:1 e 22:6 ele oferece: “rapidamente, velozmente, depressa”.^{N3} Hort o traduz como “em breve, depressa”.^{N4} O famoso erudito em grego e historiador da igreja Kurt Aland concorda, quando comenta sobre como a palavra é usada em Apocalipse 22:12: No texto original, a palavra grega usada é *taxu*, e isso não significa “depressa” no sentido de “algum dia”, mas antes no sentido de “agora”, “imediatamente”. Portanto, devemos entender Apocalipse 22:12 dessa forma: *“Estou vindo agora, trazendo minha recompensa”*. A palavra conclusiva de Ap. 22:20 é: *“Aquele que testifica essas coisas diz: ‘certamente estou vindo depressa’”*. Aqui novamente encontramos a palavra *taxu*; assim, seu significado é: *estou vindo rapidamente, imediatamente*. Isso é seguido pela oração: *“Amém. Vem, Senhor Jesus!”*... O Apocalipse expressa a espera fervorosa pelo fim dentro das circunstâncias nas quais o autor viveu – não uma expectativa que aconteceria em algum ponto X desconhecido no tempo (apenas para repetir isso), mas num ponto do presente imediato.^{N5}

Parece que somente um controle interpretativo a priori contra a tradução dos lexicógrafos famosos e das traduções modernas pode explicar as visões dos comentaristas citados acima.^{N6}

[...]

Notas:

^{N1} W. F. Arndt and F. W. Gingrich, eds., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 4th ed. (Chicago: University of Chicago, 1957), pp. 814-815.

^{N2} Joseph Henry Thayer, ed., *Greek-English Lexicon of the New Testament* (New York: American Book, 1889), p. 616.

^{N3} G. Abbott-Smith, *A Manual Greek lexicon of the New Testament*, 3rd ed. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1950), p. 441.

^{N4} J. F. A. Hort, *The Apocalypse of St. John: I-III* (London: Macmillan, 1908), p. 6.

^{N5} Kurt Aland, *A History of Christianity*, vol. 1: *From the Beginnings to the Threshold of the Reformation*, trans. James L. Schaaf (Philadelphia: Fortress, 1985), p. 88.

^{N6} O autor analisa as opiniões de vários comentaristas numa seção anterior. (Nota do tradutor)

Sobre a Iminência do Retorno de Cristo¹¹

Escrito por Dr. Kenneth L. Gentry, Jr.

Uma das principais características do interesse profético é a comum convicção do cristão que estamos vivendo à sombra da Segunda Vinda. Em conjunção com um mal-entendimento radical dos últimos dias, encontramos freqüentemente a doutrina do retorno iminente de Cristo entre dispensacionalistas, pré-milenistas e amilenistas.

A doutrina da iminência é explicada por John Walvoord: “A esperança do retorno de Cristo para levar os santos ao céu é apresentada em João 14 como uma esperança iminente. Não existe nenhum ensino de qualquer evento interveniente. O prospecto de ser levado ao céu na vinda de Cristo não é qualificado mediante descrição de quaisquer sinais ou eventos como pré-requisitos”. (Estranhamente, isso é sustentado de uma forma muito inconsistente entre os dispensacionaisitas, que também estão convencidos de que todas as fases da Igreja até os anos 1900 foi delineada nas Cartas às Sete Igrejas em Apocalipse 2 e 3! Como o retorno de Cristo poderia ter sido iminente antes dos anos 1900, se os mesmos 1900 anos estavam prenunciados em Apocalipse 2-3?).

Devido a essa doutrina da iminência perpétua, os dispensacionalistas deveriam ser os últimos a buscar sinais da aproximação do fim. Tal busca mina a mais distinta das suas doutrinas: o arrebatamento sempre iminente, sem sinais e secreto. Todavia, o estabelecer datas tem sido há muito tempo um problema associado com o pré-milenismo, especialmente o dispensacionalismo. Os últimos vinte anos foram particularmente abundantes em clamores sobre a aproximação do fim. Alden Gannet (1971): “Embora muitos dentre o povo de Deus, no decorrer dos séculos, tenham esperado um retorno iminente de Cristo, é somente em nossa geração que os eventos de Ezequiel 37 estão começando a acontecer”. Charles Ryrie (1976): “Dê uma boa olhada novamente nos eventos atuais... Como você explica os eventos incomuns convergindo em nossos dias atuais? Jesus disse: ‘Assim também, quando virem todas estas coisas, saibam que ele está próximo, às portas’ (Mateus 24:33, NVI)”. Herman Hoyt (1977): “O movimento dos eventos em nossos dias sugere que o estabelecimento do reino não está longe”.⁷ Hal Lindsey (1980): “A década de 1980 poderia muito bem ser a última década da história como a conhecemos”. Dave Hunt (1983): “Isto é de fato forte evidência de que o Anticristo pode aparecer muito em breve – o que significa que o arrebatamento pode ser iminente”. Em 1988, Edgar C. Whisenant criou um rumor entre dispensacionalistas expectantes, quando ele publicou suas 88 Reasons Why the Rapture Could Be in 1988 [88 Razões Pelas Quais o Rapto Poderia ser em 1988]. Richard Ruhlning (1989): “O dr. Ruhlning disse, no 50º jubileu em 1994, fazendo uma combinação com a Cronologia de Usher, que o nosso mundo terá 6.000 anos de idade em 1996... O sétimo milênio” começará imediatamente após isso.⁸ Grant Jeffrey sugere que “o ano de 2000 é uma data provável para o término dos ‘últimos dias’”.

Em 1990-91, os excessivos temores americanos quanto à Guerra do Golfo – a grande tribulação do Iraque – abasteceu as chamadas do estabelecimento de datas, muito parecido com o que ocorreu na Primeira Guerra Mundial. Lindsey escreveu: “No tempo desta escrita, quase o mundo todo pode ser mergulhado numa guerra na qual esta cidade [Babilônia] pode emergir com um papel e destino que poucos sequer suspeitam”. Mais adiante ele resume: “Este é o tempo mais excitante para se viver em toda a história humana. Estamos a ponto de testemunhar o clímax do tratamento de Deus com o homem”. Mesmo teólogos dispensacionalistas famosos estão começando a se envolver no estabelecimento de datas. Ironicamente, no verão de 1990, quando as nuvens da guerra do Golfo se aproximavam, a revisão do meu livro feita por Walvoord apareceu, no qual ele escreveu com desprezo sobre minha insistência que os dispensacionalistas são estabelecedores de datas: “Assim, o pré-milenismo e o dispensacionalismo têm sido ridicularizados como um sistema de doutrina que estabelece datas, mesmo que pouquíssimos de seus aderentes cedam a esse

procedimento”. No tempo em que esta revisão foi publicada, o relógio da profecia de Walvoord estava fazendo um tique-taque audível em seus ouvidos.

Contudo, o Novo Testamento ensina que o retorno glorioso e corporal do Senhor será num futuro distante e impossível de ser conhecido. Ele não será iminente e nem datável. Teologicamente, “o distintivo do pós-milenismo é a negação de um retorno físico iminente” de Cristo.

Desde a ascensão, o seu retorno nunca foi iminente. Jesus ensinou claramente: “E, *tardando* o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram”. (Mt. 25:5). “Pois [o reino de Deus] será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens.... Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles” (Mt. 25:14, 19). Não existe nenhuma expectativa aqui de um retorno a qualquer momento – totalmente o contrário!

Um pouco antes de sua ascensão, Cristo teve que lidar com o problema da iminência entre seus discípulos freqüentemente confusos: “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos [chronos] ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (Atos 1:6,7). A referência ao tempo [chronos] na resposta de Cristo indica um longo período de tempo de duração incerta. De fato, ela é encontrada no plural, que indica “um período ainda mais longo de tempo composto de várias partes pequenas”.¹⁶ De acordo com Urwick, “todos os erros mencionados no Novo Testamento com respeito ao tempo da vinda do nosso Senhor consistem em datá-la cedo demais”.

Mateus 28:20 diz que a Grande Comissão se desenrolará durante “todos os dias” (tradução literal do grego) Isso indica uma grande quantia de dias antes do fim. As parábolas da semente de mostarda e do fermento apresentam um crescimento e desenvolvimento gradual para o reino, até que ele domine todo o mundo e penetre todas as culturas do mundo. Isso certamente é sugestivo da passagem de um longo período de tempo. Como mostrei no capítulo 13 deste livro, 2Pedro 3 permite uma longa demora em sua vinda como evidência da “longanimidade” de Deus. Isso se ajusta muito bem com a escatologia pós-milenista, pois a mesma permite um tempo para o avanço e vitória do reino de Cristo no mundo, e encoraja uma orientação futura para os labores do povo de Deus.

Nem será o seu retorno datável. Ao invés de dar sinais específicos que permitam até mesmo o estabelecimento de datas generalizadas, a Escritura diz abertamente: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt. 24:36).

Esse é o porquê existe um perigo que alguns do seu povo sejam pegos desprevenidos: eles abaixarão a guarda, pois a data é impossível de ser conhecida (Mt. 25:1ss.) Embora a profecia retrate uma longa era na história na

qual o Cristianismo reinará supremo, ela não dá informação que permita a determinação do fim temporal do seu reino. O governo glorioso de Cristo através do seu povo do pacto será por um longo tempo antes que ele retorne em julgamento, mas por quanto tempo, nenhum homem sabe.

O Pós-Milenismo Elimina a Vigilância?¹²

Escrito por Keith A. Mathison

Uma objeção prática à escatologia pós-milenista é levantada pelo amilenista Richard B. Gaffin, que adverte que o “pós-milenismo priva a igreja da expectativa do retorno iminente de Cristo e assim, enfraquece a qualidade da vigilância que a igreja deve prestar.” Isso é verdade, de acordo com Gaffin, porque o Novo Testamento ensina que “Cristo poderia ter retornado a quase qualquer momento desde o ministério dos apóstolos.”

Antes de responder a essa objeção, é interessante notar que ela foi levantada por um amilenista Reformado. O uso desse argumento por um teólogo Reformado é irônico porque, como Oswald T. Allis apontou em sua crítica clássica do dispensacionalismo, a doutrina do retorno iminente do Senhor é um “dos grandes fundamentos do Dispensacionalismo.” Não é uma doutrina historicamente Reformada. John Murray, por exemplo, argumenta que “a insistência que o advento é iminente é... sem garantia, e sua falsidade deveria ter sido demonstrada pelos eventos.” O amilenista Reformado Morton H. Smith aponta o mesmo fato: A questão se a vinda do Senhor é iminente ou não é de grande interesse. O pré-milenismo pré-tribulacionista sustenta que ela é, e que para todos intentos e propósitos, até onde podemos ver, todos os sinais precursores já foram cumpridos para a primeira fase da segunda vinda do Senhor... Todas as outras visões tendem a ter certos elementos negativos de datação, que excluem a idéia da iminência imediata do seu retorno.

Allis observa que a doutrina de um retorno iminente de Cristo começou a ser enfatizada por volta de 1820 e foi adotada pelo movimento dos Irmãos, o precursor do dispensacionalismo moderno.

O fato que a doutrina da iminência é uma doutrina distintiva do dispensacionalismo não prova por si só que ela é falsa. Mencionamos o uso dela por Gaffin apenas para demonstrar quão influente o pensamento dispensacionalista se tornou. Em resposta à objeção em si, devemos observar que ela encara vários problemas:

1. A vigilância e preparação bíblica não demandam a doutrina da iminência. Como Morton Smith explica: “A Bíblia ensina claramente que deveríamos estar preparados para o seu retorno a qualquer momento, e que ele virá

inesperadamente, como um ladrão à noite, mas isso não diz necessariamente que ela tem sido iminente para cada época da vida da igreja.”

2. A palavra grega traduzida como “vigiar” em passagens como Mateus 24:42 e 25:13 é *gregoreo*, que significa literalmente “continuar acordado.” Isso implica que deveríamos estar ativas e obedientemente servindo a Cristo, vigiando a nós mesmos, e não os céus (cf. Atos 1:11).

3. Os outros textos que são usados como prova da doutrina do retorno iminente de Cristo (e.g., Ap. 1:1, 3; 22:6, 7, 10, 12, 20) não apóiam essa doutrina.

a. As palavras usadas significam “em breve” ou “perto”. Elas não permitem um intervalo de milhares de anos. Antes, indicam que o evento mencionado era iminente com relação ao tempo da escrita.

b. Elas devem, portanto, referir-se à vinda de Cristo em julgamento sobre Jerusalém no primeiro século, não ao seu retorno pessoal no final do mundo.

c. Passagens que se referem à segunda vinda de Cristo (e.g. Atos 1:11; 1Ts. 4:15-17) não incluem referências temporais como “em breve” ou “perto”. Nada é dito com respeito à proximidade da Segunda Vinda.

4. Como Allis observou, a objeção implica falsamente que “os homens não podem vigiar e esperar pela vinda de Cristo e serem estimulados e salvaguardados pelo pensamento dela, a menos que creiam que ela acontecerá ‘a qualquer momento.’”

5. Se a doutrina da iminência é verdadeira e a igreja primitiva cria nela, mas não percebeu que o conceito incluiria no mínimo dois mil anos de intervalo, como poderia a doutrina ser um encorajamento para a igreja hoje, quando sabemos que ela já incluiu dois mil anos? Em outras palavras, se “iminência” pode incluir um intervalo de dois mil anos, então ela pode incluir um intervalo de mais quatro ou dez mil anos. E nesse caso, ela cessa de ser um encorajamento para o tipo de vigilância demandada pelo dispensacionalismo.

Essa objeção fracassa porque a Escritura simplesmente não ensina a doutrina dispensacionalista do retorno “iminente” de Cristo. O que ela nos ensina é sempre estarmos preparados para o Seu retorno, e fazemos isso quanto continuamos a servi-lo. Não sabemos quão muitas gerações virão antes de Cristo vir novamente, mas sabemos que todas elas precisarão ouvir o evangelho.

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Os Apóstolos Esperavam a Volta de Cristo na Época Deles? Autor: D. Allan. Site: Estudos da Bíblia
2. Artigo: O Sermão Profético. Autor: Hermes C. Fernandes. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
3. Artigo: Predições de Cristo I e II Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.escatologiareinista.blogspot.com
4. Artigo: Como Jesus Veio nas Nuvens em 66-70 d.C.? Autor: Escrito por MF Blume. Fonte: www.preterism-eschatology.com - Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
5. Artigo: Mateus 24.30 "...e então todas as tribos da terra se lamentarão...". Compilado por Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
6. Artigo: A Parousia na Epistola a Tito. Autor: James Stuart Russell. Fonte: The Parousia, James Stuart Russell (1816-1895). Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
7. Artigo: A Parousia na Epistola aos Filipenses. Autor: James Stuart Russell. Fonte: The Parousia, James Stuart Russell (1816-1895). Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
8. Artigo: Versículos que Usam o Grupo de Palavra Engus. Autor: Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: Before Jerusalem Fell, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 140-141. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
9. Artigo: Versículos que Usam o Grupo de Palavra Mello. Autor: Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: Before Jerusalem Fell, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 141-142. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
10. Artigo: Versículos que Usam o Grupo de Palavra Taxos. Autor: Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: Before Jerusalem Fell, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 134-139. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
11. Artigo: Sobre a Iminência do Retorno de Cristo Autor: Dr. Kenneth L. Gentry, Jr.. Fonte: He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
12. Artigo: O Pós-Milenismo Elimina a Vigilância? Autor: Keith A. Mathison. Fonte: Extraído e traduzido do excelente livro Postmillennialism: An Eschatology of Hope, Keith A. Mathison, P&R, p. 203-6. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

- Capítulo 9 -

O Reino de Cristo já Começou!

Neste capítulo, vamos estudar sobre o Reino de Cristo. Muitos pensam que este reino começará quando Jesus voltar. Outros usam a ficção imaginativa para dizer que o reino de Cristo será na Jerusalém terrena e que os exércitos do anticristo atacam Israel e Cristo os vencerá como numa guerra nuclear. O fato é, que o Reino de Cristo já está acontecendo neste mundo. As idéias concernentes a esse Reino podemos chamá-las de Pós-Milenismo. Vejamos, o que a Bíblia realmente diz sobre o assunto.

Pós-Milenismo: Um Resumo¹

Dr. Kenneth L. Gentry

I. DEFINIÇÃO

“O pós-milenismo espera que a proclamação do... evangelho... ganhe a vasta maioria dos seres humanos para Cristo na presente era. O aumento do sucesso do evangelho produzirá gradualmente um tempo na história antes do retorno de Cristo no qual a fé, justiça, paz e prosperidade prevalecerão nos assuntos do povo e das nações. Após uma extensa era de tais condições, o Senhor retornará visível e corporalmente, e em grande glória, terminando a história com a ressurreição geral e o grande julgamento de toda a humanidade”.

II. A POSIÇÃO

A. O REINO PRESENTE DE CRISTO: O pós-milenismo vê o reino de Deus como uma realidade presente e em desenvolvimento.

B. OTIMISMO: Ele descansa na crença que a pregação do evangelho terá tanto sucesso que o mundo será convertido e desfrutará de um longo período de paz e prosperidade chamado o milênio. Diferente das outras visões, o pós-milenismo espera que as condições fiquem melhor no tempo precedente ao retorno de Cristo.

C. GRADUALISMO, NÃO CATACLISMO: A vinda do milênio é um processo gradual, diferindo apenas quantitativamente do que vem antes. Jesus mesmo falou do Reino como uma realidade presente, e de sua dispersão gradual por todo o mundo.

D. CRISTO RETORNA APÓS O MILÊNIO: Após o “milênio” (que é de duração indeterminada), Satanás será solto por um breve tempo e incitará uma rebelião (Ap. 20:7-9). Então Cristo retornará, os mortos serão ressurretos, e o julgamento final ocorrerá.

III. DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO PÓS-MILENISMO

A. PÓS-MILENISMO ANTIGO

1. Nenhum credo antigo afirma qualquer visão milenista específica.
2. Nenhuma escatologia desenvolvida é encontrada em qualquer um dos Pais da Igreja.
3. O pré-milenismo se desenvolveu de certa forma um pouco antes do pós-milenismo (e.g., **Irineu**, 130-202 d.C.), provavelmente como resultado da perseguição que encorajava a expectativa do retorno iminente de Cristo. Todavia, aproximadamente no mesmo tempo **Orígenes** (185-254 d.C.) expressou uma visão pós-milenista.
4. O pós-milenismo se tornou dominante após Constantino (312 d.C.) – **Eusébio** (260-340), **Atanásio** (296-372), **Ticonius** (aprox. 400), Agostinho (354-430) – tão dominante que a crença num milênio foi condenada como supersticiosa no Concílio de Éfeso (431 d.C.). Embora a doutrina oficial da igreja fosse amilenista ou pós-milenista, o pré-milenismo aparecia de tempo em tempo devido às condições sociais opressivas.

B. PÓS-MILENISMO DA REFORMA: SÉCULOS 16 e 17

1. OS REFORMADORES: O pós-milenismo foi incipiente em **João Calvino** (1509-1605), e expresso com grande clareza por **Martin Bucer** (1491-1551) e **Teodoro Beza** (1519-1605).

2. OS PURITANOS

a. TEÓLOGOS PURITANOS ANTIGOS: Thomas Brightman (1562-1607), um pai do Presbiterianismo inglês, escreveu um comentário influente, *A Revelation of the Revelation* [Uma Revelação do Apocalipse], no qual ele apresenta o pós-milenismo em detalhe. Outros puritanos eram pós-milenistas,

incluindo, **George Gillespie** (1613-49), **John Owen** (1616-83) e **Matthew Henry** (1662-1714).

b. O LUGAR DE ISRAEL NO PÓS-MILENISMO PURITANO: Os puritanos tendiam a crer que o milênio duraria 1000 anos literais, e que ele não começaria até os judeus serem convertidos. Muitos sustentavam que eles retornariam à sua terra nesse tempo.

C. PÓS-MILENISMO MODERNO: SÉCULOS 18 a 20

1. PÓS-MILENISTAS PROEMINENTES: **Jonathan Edwards** (1703-58), **William Carey** (1761-1834), **Charles Hodge** (1797-1878), **A. A. Hodge** (1823-1886), **Augustus Strong** (1836-1921), **B.B. Warfield** (1851-1921), **J. Gresham Machen** (1881-1937).

2. DIFERENÇAS DOS PÓS-MILENISTAS ANTIGOS

a. Não sustentavam que os judeus retornariam à sua terra como um cumprimento de profecias.

b. Criam que o milênio abrange toda a história da igreja.

3. UM DESENVOLVIMENTO RECENTE: “RECONSTRUCIONISMO CRISTÃO”, também conhecido como “PÓS-MILENISMO TEONÔMICO” ou “NEO-PURITANISMO” (década de 1960 em diante)

a. Prenunciado na Confissão de Fé de Westminster e por teólogos de Westminster tais como George Gillespie.

b. Espera um retorno gradual às normas bíblicas de justiça como resultado da dispersão do evangelho. As leis do Antigo Testamento seriam novamente observadas, embora propriamente interpretadas e adaptadas às condições do novo pacto.

c. É preterista, colocando o cumprimento das profecias da tribulação no primeiro século.

IV. EVIDÊNCIA EXEGÉTICA PARA O PÓS-MILENISMO

A. OS SALMOS MESSIÂNICOS: A visão do Novo Testamento que eles já foram cumpridos.

1. Sl. 22:27 – Aguarda um tempo quando “todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao SENHOR; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face”.

2. Sl. 47:7-9 – “Pois Deus é o Rei de toda a terra... Deus reina sobre os gentios... Os príncipes do povo se ajuntam, o povo do Deus de Abraão; porque os escudos da terra são de Deus. Ele está muito elevado!”.

3. Sl. 67:2, 7 – A salvação de Deus será conhecida entre todas as nações (v. 2) e todas as extremidades da terra o temerão (v. 7).

4. Sl. 86:9 – Todas as nações virão e adorarão.

5. Sl. 87:4 – Os inimigos serão convertidos.

6. Sl. 102:15 – Todos os reis o reverenciarão.

7. Sl. 110:1 – O Messias ficará assentado no céu até que os seus inimigos se tornem estrado dos seus pés (o versículo do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento!, citado em Mt. 22:44, 26:64, Mc. 12:36, 14:62, Lc. 20:42-43, 22:69, Atos 2:34-35, Hb 1:13, e aludidos em 1Co. 15:24, Ef. 1:20-22, Fp. 2:9-11, Hb. 1:3, 8:1, 10:12, 13, 1Pe. 3:22, e Ap. 3:21).

8. Sl. 72 fala do reino do Messias (não meramente o de Davi ou de Salomão), e o faz num tempo antes da consumação da história e do estabelecimento dos novos céus e nova terra: *“Temer-te-ão [ao Rei] enquanto durarem o sol e a lua, de geração em geração. Ele descerá como chuva sobre a erva ceifada, como os chuviscos que umedecem a terra. Nos seus dias florescerá o justo, e abundância de paz haverá enquanto durar a lua. Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. Aqueles que habitam no deserto se inclinarão ante ele, e os seus inimigos lamberão o pó. Os reis de Tárzis e das ilhas trarão presentes; os reis de Sabá e de Seba oferecerão dons. E todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão (5-11) ... O seu nome permanecerá eternamente; o seu nome se irá propagando de pais a filhos enquanto o sol durar, e os homens serão abençoados nele; todas as nações lhe chamarão bem-aventurado. Bendito seja o SENHOR Deus, o Deus de Israel, que só ele faz maravilhas. E bendito seja para sempre o seu nome glorioso; e encha-se toda a terra da sua glória”.* (17-19)

9. Sl. 2 fala das nações se enraivecendo *“contra o Senhor e contra o seu ungido”* (v. 1-3). Pedro interpreta isso como tendo ocorrido na crucificação (Atos 4:25-27). Todavia, Deus instalou esse Ungido como o “meu Rei” (Sl. 2:6). O Messias mesmo diz: *“Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei”* (Sl. 2:7). Paulo interpreta isso como tendo acontecido na ressurreição de Cristo (Atos 13:33, cf. Rm. 1:4). Agora, tudo o que o Messias entronizado precisa fazer é *“pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão”* (Sl. 2:7). De acordo com isso, Cristo ordena aos seus discípulos: *“Ide e fazei discípulos de todas as nações”* (Mt 28:19).

B. OS PROFETAS E O GOVERNO UNIVERSAL DE DEUS: A visão do Novo Testamento que ele já começou. Tanto Is. 2:2-4 como Mq. 4:1-3 prevê um tempo de adoração universal a Deus:

“E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do SENHOR no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do SENHOR. E ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear”.

De acordo com o Novo Testamento, os “últimos dias” começaram com a primeira vinda de Cristo (Atos 2:16-17, 24; 1Co. 10:11; Gl. 4:4; Hb. 1:1-2; 9:26; Tg. 5:3; 1Pe. 1:20; 1Jo. 2:18; Judas 18) e continuarão até a sua segunda vinda, que será “o fim” (1Co. 15:24; cf. Mt. 13:39-40, 49). Nenhum período é contemplado após isso.

No Novo Testamento “o monte”, a “casa do Deus de Jacó”, e “Sião” refere-se à igreja (“templo de Deus” – 1Co. 3:16; 6:19; 2Co. 6:16; Ef. 2:19-22; 1Pe. 2:5; “casa de Deus” – 1Tm. 3:15; Hb. 3:6; 1Pe. 4:17; “Sião” designa o governo de Cristo desde os céus – Gl. 4:25-26; Hb. 12:11; Ap. 14:1)

C. AS PARÁBOLAS DO REINO (Mt. 13): Sua dispersão gradual, mas universal. A parábola da semente (13:3-23) indica tremendo crescimento do reino (“trinta, sessenta, cem”); a parábola do trigo e joio (13:24-30, 36-43, 47-50) indica que o reino sempre incluirá uma mistura de justos e injustos; a parábola do tesouro escondido e da pérola de grande preço (13:44-46) fala das bênçãos incalculáveis do reino; e as parábolas da semente de mostarda e do fermento (13:31-33) descrevem o crescimento gradual e o domínio último do reino, a semente de mostarda indicando a extensão gradual do reino no mundo, e o fermento indicando sua infiltração intensiva.

D. A GRANDE COMISSÃO: A autoridade presente de Jesus (Mt. 28:18-20). A Grande Comissão é uma clara referência a Daniel 7:14, onde, após o Filho do Homem ascender ao Ancião de Dias, *“foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem”.*

E. O TEMPO DOS EVENTOS DELINEADOS POR PAULO EM 1Co. 15:20-28: A ressurreição ocorrerá após o reino vitorioso de Cristo. A ordem dos eventos nessa passagem está de acordo com a interpretação pós-milenista: ressurreição de Cristo (20, 23), seu presente reino até que todos os seus inimigos sejam subjugados (25), então sua destruição da própria morte (26)

quando, em seu retorno, ele ressuscitará todos que pertencem a ele (23). Então o fim virá, quando ele entregar o reino a Deus Pai, tendo destruído todo o domínio, autoridade e poder (24). Em contraste ao esquema pré-milenista, a ressurreição dos justos ocorrerá após Cristo ter subjugado todos os seus inimigos e imediatamente antes do fim. Isso se harmoniza perfeitamente com as expectativas pactuais e proféticas do Antigo Testamento – e com a esperança pós-milenista.

V. O QUE DIZER SOBRE APOCALIPSE 20?

Essa única passagem tem obscurecido passagens bem mais claras (tais como aquela que a precede, bem como 1Ts. 4:13-18), e tem sido a base para impor um esquema pré-milenista sobre o restante da Escritura. Todavia, esse é o único lugar na Escritura que associa um período de 1000 anos com o reino de Cristo, e ocorre num livro altamente figurativo. Como o pós-milenista interpreta Ap. 20?

A. 1000 É UM SIMBOLO DE PERFEIÇÃO, e o reinado de 1000 anos de Cristo não é mais literal do que a possessão de gado por Deus em mil colinas (Sl. 50:10), a promessa que Israel um dia seria mil vezes mais numeroso (Dt. 1:11), seu amor a mil gerações (7:9), o desejo do salmista de estar nos átrios de Deus por mil anos (Sl. 84:10), ou textos comparando mil anos de nosso tempo com um dia de Deus (Sl. 90:4, 2Pe. 3:8).

B. O APRISIONAMENTO DE SATANÁS EM 20:1-3 CORRESPONDE AO APRISIONAMENTO DE SATANÁS POR CRISTO EM SEU PRIMEIRO ADVENTO (cf. Mt. 12:28-29: a mesma palavra para “prender” [deo] e “expulsar” [ekballo] é usada nos dois lugares). Satanás é preso para que não possa mais “enganar as nações [ta ethne – i.e., gentios] até que os mil anos tenham terminado.” Antes da vinda de Cristo e a dispersão do evangelho, os gentios estavam em trevas.

C. REINANDO COM CRISTO DESDE OS CÉUS ESTÃO OS MORTOS E OS VIVOS. É DITO QUE AMBOS VIERAM À VIDA. ESSA É UMA RESSURREIÇÃO ESPIRITUAL.

“E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta”. As passagens de 1Jo. 3:14, Rm. 6:8, Ef. 2:4-6 e Cl. 2:13 falam dos cristãos como já tendo “vindo à vida” em Cristo. E Ef. 2:6, 1Co. 3:21-22 e Cl. 3:1-2 falam deles como já espiritualmente entronizados com Ele no céu.

D. OS OUTROS MORTOS NÃO PARTICIPAM DESSA RESSURREIÇÃO ESPIRITUAL, MAS VÊM À VIDA SOMENTE APÓS OS 1000 ANOS (Ap. 20:5). Nesse tempo, eles serão ressuscitados fisicamente.

E. ESSA NOÇÃO DE UMA RESSURREIÇÃO GERAL DOS JUSTOS E INJUSTOS OCORRE EM OUTROS LUGARES TAMBÉM: Jo. 5:24-29 fala de uma ressurreição geral, mas de uma ressurreição espiritual paralela que ocorre nesta vida. Uma ressurreição geral é mencionada em Jó 19:23-27, Is. 26:19, Atos 24:15, Rm. 8:11, 23, Fp. 3:20, 1Ts. 4:16.

VI. CONCLUSÃO: A visão de Ezequiel de um rio da vida emanando do templo e de Jerusalém, e fazendo com que a vida marina e botânica abundem, inclusive adoçando a água do mar (Ez. 47:1-12), é uma figura do milênio.

Lucas 18.8 e o Pós-Milenismo²

Escrito por Kenneth L. Gentry, Jr.

“Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lucas 18:8).

Esse versículo tem sido usado ultimamente com grande confiança por dispensacionalistas contra o pós-milenismo. House e Ice comentam com respeito a esse versículo: “Essa é ‘uma pergunta dedutível à qual uma resposta negativa é esperada’. Assim, essa passagem está dizendo que na segunda vinda Cristo não encontrará, literalmente, ‘a fé’, sobre a terra”. Sobre Lucas 18:8 Lindsey escreve: “No original grego, essa pergunta assume uma resposta negativa. O texto original tem um artigo definido antes de fé, que no contexto significa ‘esse tipo de fé’”. Borland concorda: “A fé mencionada é provavelmente o corpo de verdade, ou doutrina revelada, visto que a palavra é precedida pelo artigo definido no original. Aqui não é predito nenhum progresso no clima espiritual mundial”. Wiersbe faz o mesmo: “Os últimos tempos não serão dias de grande fé”. O versículo tem sido usado por amilenistas também, tais como Kuiper e Hanko.

Como resposta, podemos observar muitas maneiras de refutar esses argumentos. Primeiro, precisamos notar que há dúvida quanto a se essa pergunta está tratando mesmo com a existência futura do Cristianismo. No contexto, o Senhor está tratando com a questão da oração fervorosa. O artigo definido que Borland pensa que deve se referir ao “corpo de verdade, ou doutrina revelada” parece antes referir-se a “a” fé na oração evidenciada na persistência da viúva importuna: “Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever

de orar sempre e nunca esmorecer” (Lucas 18:1). Cristo está perguntando se esse tipo de oração continuará após ele partir.

Segundo, mesmo que se refira à fé cristã ou ao sistema de verdades cristãs, por que um prospecto negativo é esperado? Assim como a passagem de Mateus 7:13-14, Cristo não poderia estar procurando motivar seu povo, encorajando-os a entender que a resposta surge num prospecto otimista? Em outro contexto, não foi otimista a resposta de Pedro a um tipo de interrogação semelhante (João 6:67,68)?⁴ Não poderia ser que “a pergunta é formulada não com o propósito de especulação, mas de auto-exame”?.

De fato, a pergunta não “assume” uma resposta negativa de forma alguma. Ela não é uma pergunta retórica. A gramática clássica de grego Funk-Blass-Debrunner observa que quando um particípio interrogativo é usado, como em Lucas 18:8, “ou é empregado para sugerir uma resposta afirmativa, me (meti) uma resposta negativa...”. Mas nenhum desses particípios ocorre aqui, de forma que a resposta implicada à pergunta é “ambígua”, pois a palavra grega usava aqui (ara) implica somente “ansiedade ou impaciência”.

Terceiro, o término está aberto ao debate. Aparentemente, Cristo tinha em mente a era da sua vinda iminente em julgamento sobre Israel, não seu segundo advento distante para terminar a história. Cristo parece falar claramente de uma vindicação em breve (cf. Ap. 1:1) do seu povo, que a ele clamam dia e noite (cf. Ap. 6:9-10): “*Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça*” (Lucas 18:8a). Ele está urgindo que seus discípulos permaneçam em oração diante dos tempos difíceis que virão sobre eles, assim como ele o fez em Mateus 24, que fala da geração do primeiro século (Mt. 24:34). De fato, o contexto precedente fala da destruição de Jerusalém (Lucas 17:22-37).

Por último, deveria ser notado que nenhuma visão milenar evangélica supõe que não haverá nenhuma fé sobre a terra no retorno do Senhor! Todavia, ao ler as declarações com respeito a Lucas 18:8 e sua suposta expectativa de uma resposta negativa, uma pessoa pode ser pressionada a afirmar que o Cristianismo estará totalmente morto em seu retorno!

Assim, é claro que essa passagem é radicalmente incompreendida quando usada contra o pós-milenismo. Seu padrão é mal interpretado. O ensino do Senhor com respeito à oração fervorosa é transformado numa advertência com respeito à existência da fé cristã no futuro. Sua gramática é mal compreendida. A gramática que é indicativa de preocupação se torna um instrumento de dúvida. Seu objetivo é radicalmente alterado. Ao invés de falar de eventos que ocorrerão em breve, fazem-na apontar para o fim da história.

Seu resultado final é exagerado, mesmo que todos os pontos precedentes fossem ignorados: Nenhum crítico do pós-milenismo ensina que “a fé” terá desaparecido completamente da terra no retorno de Cristo.

Mateus 7.13-14 e o Pós-Milenismo³

Escrito por Kenneth L. Gentry, Jr.

“Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mateus 7:13-14).

Essa é uma passagem popular que, superficialmente, parece ser contraditória à perspectiva pós-milenista. Essas palavras são frequentemente citadas para mostrar a escassez do número de salvos: “A grande massa da humanidade está engolfada no turbilhão do pecado, que varre seus milhões para as sepulturas da destruição (Mt. 7:13), e comparado a eles, em número, os crentes verdadeiros são apenas um punhado. No Milênio tudo isso será mudado”. “O caminho para a salvação é estreito, e somente uns poucos o encontram”. “Até mesmo o Senhor Jesus reconheceu que poucos encontrariam o verdadeiro caminho, o caminho que conduz à vida (isto é, ao céu, em contraste com a ruína no inferno)”. “A passagem em si não contém nenhuma pista para o caminho correto, exceto que é o caminho dos poucos”. Não pode haver um bilhão de cristãos no mundo porque “tal quadro não se enquadra com o que Jesus disse sobre muitos no caminho espaçoso e poucos no estreito”. “Há várias passagens na Escritura que se referem ao fato que o número dos salvos, não obstante uma grande multidão, é todavia, relativamente pequeno. Textos tais como Mateus 7:14 e 22:17 poderiam ser citados como prova... O caminho é semelhante a um caminho estreito, e há apenas uns poucos que entram nesse caminho”.

Não há dúvida que o pós-milenismo espera que uma vasta multidão de homens sejam salvos, de forma que podemos legitimamente antecipar que o “mundo” será salvo. Como responder a tudo isso?

É importante observar, em primeiro lugar, que em outros lugares a Bíblia fala do número dos redimidos como uma vasta e incontável multidão. Interessantemente, uns poucos versículos adiante – e aparentemente logo após a pronúncia das palavras de Mateus 7:13-14 – o Senhor fala palavras aparentemente contraditórias em Mateus 8:11: “Digo-vos que muitos [polus, a mesma palavra de Mateus 7:13] virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus”. Apocalipse 7:9 fala ousadamente de um grande número de redimidos: “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos”. E certamente há aquelas profecias que falam de “todas as nações” fluindo para o reino (e.g., Is. 2:2-4; Mq. 4:1-4).

Obviamente, para o cristão evangélico não pode haver nenhuma contradição na Escritura em geral; nem pode haver no ensino de Cristo em particular. Como, então, podemos reconciliar tais passagens aparentemente contraditórias? E mais importante: como o pós-milenismo trata com Mateus 7:13-14 à luz das suas expectativas otimistas?

A resolução para a questão é perceber que “o propósito do nosso Senhor é antes uma impressão ética do que uma revelação profética”. Isto é, ele está urgindo que seus discípulos considerem a presente situação que estavam testemunhando ao redor deles. Eles deveriam olhar ao redor deles e ver que muitas almas estavam presentemente perecendo, pouquíssimas buscando a justiça e a salvação. O que eles fariam sobre essa triste situação? Eles o amavam suficientemente para buscar uma reversão? O desafio de Cristo a eles é ético.

Em João 4:35, ele urge aos discípulos de vista turva que vejam o muito trabalho que havia para ser feito: “Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa”. Em Mateus 7, ele adverte contra os falsos profetas que se levantariam entre eles (Mt. 7:15-20). Então, ele adverte que um homem deve ouvir e agir de acordo com as suas palavras (Mt. 7:21-27). Seus discípulos deviam sentir o horror da presente vastidão da multidão entrando no caminho espaçoso da destruição.

Certamente a porta é estreita: somente ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6) Mas sua declaração em Mateus 7:13-14 não implica que sempre e para sempre será o caso que poucos serão salvos, em cada era da história. De fato, há numerosas indicações, como temos visto, que uma grande multidão de homens será salva, que o mundo como um sistema orgânico experimentará a obra redentora de Cristo.

A Queda de Adão teve um custo enorme para a raça do homem, certamente, mas a ressurreição e ascensão de Cristo com toda certeza excederá os efeitos da Queda à medida que a história se desenrola. Esse é o porquê ele tarda sua vinda, de forma que possa reunir os eleitos. *“Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”* (2Pe. 3:9).

Que o Senhor está usando a declaração em Mateus 7:13-14 como um estímulo ético e não como uma expectativa profética é evidente a partir do seu uso dela em outro contexto. Em Lucas 13:23, lemos: “E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que são salvos? Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, ele vos

responderá: Não sei donde sois” (Lucas 13:23-25). Aqui ele recusa responder a resposta com respeito ao número dos salvos. Essa é uma daquelas perguntas que é feita para esquivar-se do chamado de Cristo à justiça. O Senhor não permitiu que essa pergunta dissimulada o afastasse de chamar os homens ao comprometimento. Sua declaração em Mateus 7:13-14 serviu ao seu propósito. Evitemos essa pergunta dissimulada particular.

O Pós-Milenismo versus 2ª Timóteo 3.1-4, 13⁴

Escrito por Rev. Kenneth L. Gentry, Jr.

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus... Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados”.

Empregando esses ou versículos similares, o pré-milenista Kromminga e os amilenistas Hoeksema, Berkhof, Hanko e Morris concordam com Hoekema que “a expectativa pós-milenista de uma era dourada futura, anterior à volta de Cristo, não faz jus à tensão contínua na história do mundo entre o Reino de Deus e as forças do mal”. Hendriksen comenta essa passagem: “Esses tempos virão e desaparecerão, e o último será pior que o primeiro. Serão tempos de impiedade crescente (Mt. 24:12; Lucas 18:8), que culminará com o clímax da maldade”.

Os dispensacionalistas concordam: “A Bíblia fala de coisas progredindo de ‘mal para pior’, de homens ‘enganando e sendo enganados’ (2 Timóteo 3:13); olhamos para o nosso mundo e vemos quão más as coisas realmente são”. “Com o progresso da presente era, a despeito da disseminação da verdade e a disponibilidade da Escritura, o mundo indubitavelmente continuará a seguir a descrição pecaminosa que o apóstolo Paulo deu aqui”. “Passagens como 1 Timóteo 4 e 2 Timóteo 3 pintam um retrato obscuro dos últimos dias”.

Tais interpretações dessa passagem, contudo, são exegeticamente falhas e fora de contexto. Nada ensinado nesses versículos é contra o pós-milenismo. Observe que Paulo está instruindo Timóteo sobre esse assunto. Ele está falando de coisas que Timóteo terá que enfrentar e suportar (v. 10, 14). Ele não está profetizando com respeito ao processo constante e duradouro da história. E embora seja verdade que “tempos” (chairoi) difíceis virão, isso não demanda uma posição pessimista. O termo grego aqui indica “períodos”. É um erro lógico de quantificação ler essa referência a (alguns) “períodos” de tempos

difíceis como se dissesse que todos os tempos no futuro serão difíceis. Os “tempos difíceis” (kairoi chalepoi) são “períodos qualitativamente complexos e especificamente fixados”, ao invés de algo como eschatai hemerai, que são “puramente cronológicos”. Os pós-milenistas estão bem cientes dos “períodos” de tempos difíceis que assaltaram a igreja sob o Império Romano e em outros tempos.

A citação de 2 Timóteo 3:13 deixa a impressão, além disso, que as “coisas” se tornarão irrevogavelmente piores na história. Mas o versículo diz na verdade isso: “*Os homens perversos e impostores irão de mal a pior*”. Paulo está falando de homens perversos específicos se tornando eticamente piores, não mais poderosos. Ele está falando da degeneração progressiva pessoal deles: a progressiva anti-santificação dos homens perversos. Paulo não diz absolutamente nada sobre um crescimento predestinado em número e poder de tais homens. Ele não está ensinando que o mal será recompensado com poder na história.

Além do mais, Paulo, como um bom pós-milenista, diz claramente a Timóteo que esses homens perversos (cf. v. 1) “*não irão avante; porque a sua insensatez será a todos evidente*” (v. 9). Deus coloca um limite sobre eles. Paulo fala como um homem que espera vitória! Quão diferente do conceito pessimista – no qual o poder do mal é progressivo e ilimitado – predominante em nossos dias é o conceito Paulino da impotência do mal na história!

O Reino de Cristo não é Deste Mundo?⁵

Por Gary North

“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, peleariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (João 18:36).

Eis uma passagem freqüentemente mal-interpretada. Pilatos perguntou a Jesus: “*Porventura sou eu judeu? A tua nação e os principais dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?*” (18:35). Cristo estava respondendo à implicação de Pilatos que ele era soberano sobre Cristo, pois era o representante de Roma, que por sua vez era soberana sobre Israel. Por implicação, Cristo era simplesmente outro problemático político ou religioso que estava diante do tribunal do poder Romano.

Não dessa forma, respondeu Cristo. Ele não negou que tinha um reino; pelo contrário, Ele afirmou isso. Sua resposta não afirmou a declaração de Pilatos de autoridade implícita sobre Cristo. O reino de Cristo não era deste mundo? O que isso significava? Que Seu reino não se originou neste mundo. O “de”

denota lugar de origem e/ou localização de autoridade. Cristo não disse que Seu reino não estava neste mundo; Ele disse que não era deste mundo.

Resumindo, Cristo afirmou que Pilatos não tinha jurisdição última sobre Ele, visto que Roma tinha poder visível temporário sobre Israel. Observe também a palavra “agora”: “*agora o meu reino não é daqui*”. Mas isso não diz nada sobre o dia do juízo, ou mesmo o dia da Sua ressurreição.

Resposta Questionável

“O reino de Cristo não se originou neste mundo. No tempo da crucificação Ele não tinha apoiadores terrenos que lutariam por ele. Mas em Seu reino milenar, quando Ele aparecer fisicamente para governar com uma vara de ferro, Seu reino será deste mundo – um elo entre o céu e a terra. Mas hoje, na era da igreja, Seu reino não é deste mundo, de forma que não devemos lutar para defender Ele e Sua reputação. Não devemos tentar a construção de um reino cristão”.

Minha Resposta: A questão que precisamos ter respondida é esta: Quando o “agora” foi ou será removido da sentença de Cristo? Quando Ele será capaz de anunciar que Seu reino é agora deste mundo, porque seu lugar de origem – o céu – terá descido à terra? Claramente, isso acontecerá após o juízo final. Mas isso acontecerá antes também? Já aconteceu?

Jesus anunciou na última ceia: “*E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel*” (Lucas 22:29-30). Ele anunciou após Sua ressurreição: “*É-me dado todo o poder no céu e na terra*” (Mateus 28:18). Onde? No céu e na terra. Aqui estava a fusão. Agora Seu reino é deste mundo. Agora Seus seguidores lutam por Sua honra, pois servem a um Senhor ressurreto que demonstrou Seu poder sobre a morte. Seu reino é agora visível neste mundo através do Seu povo.

Para estudo adicional: Rm. 14:17; Cl. 1:13; 4:11; 1Ts. 2:12; Hb. 12:28; Ap. 1:5-6.

O Reino de Cristo⁶

Dr. Greg L. Bahnsen

Creemos

A Escritura nos ensina que quando Cristo veio a esse mundo, Ele veio para estabelecer Seu reino salvador entre os homens. Após Sua morte e ressurreição para a salvação do Seu povo, Ele subiu à mão direita de Deus para ser entronizado como Rei sobre toda criação. No curso de tempo antes do Seu retorno glorioso, Cristo estenderá gradual, mas poderosamente a influência salvífica do Seu reino por meio da obra do Espírito Santo, com o resultado que a vasta maioria dos homens em todas as nações chegará à fé e exercerá uma influência santificadora em todas as áreas da vida.

Em Mateus 12:28 Cristo provou que o reino de Deus tinha chegado, pois Ele estava expulsando demônios pelo poder do Espírito de Deus – indicando através disso que o homem forte, Satanás, tinha sido aprisionado (v.29; cf. Apocalipse 20:2).

O livro de Hebreus nos diz que, por causa de Sua obra redentora, Cristo foi *“coroadado de glória e de honra”*, tendo *“se assentado à destra da Majestade nas alturas”* (1:3; 2:9). Como o Rei entronizado, Cristo espera que o mundo todo seja lhe sujeitado. *“Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés”* (Hebreus 10:12-13). Cristo o Filho é assegurado pelo Pai: *“Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão”* (Salmos 2:8).

Conseqüentemente, o reino de Deus crescerá a partir de pequenos princípios até tornar-se muito grande – como uma semente de mostarda (Mateus 13:31-32). Ele permeia tudo da vida – como o levedo na massa (Mateus 13:33). Cristo enviou a igreja para discipular as nações (Mateus 28:18-20), e as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja, visto que é edificada pelo Senhor (Mateus 16:19).

Eventualmente, a verdadeira religião abrangerá o mundo, *“desde o nascente do sol até ao poente”* (Malaquias 1:11). Todos os confins da terra finalmente se voltarão para Jeová (Salmo 22:27), e *“a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar”* (Isaías 1:9). Nesse dia cada aspecto da vida será consagrado ao Senhor – até mesmo as campanhas dos cavalos dirá

“*SANTIDADE AO SENHOR*” sobre elas (Zacarias 14:20). A justiça será vitoriosa (Mateus 12:20; cf. Salmo 72), e as nações serão instruídas na lei de Deus, ao invés de aprenderem a guerrear (Isaías 2:2-4).

Análise

Pergunta: Mas a Bíblia não diz que nenhuma dessas coisas pode acontecer no mundo caído, até que Jesus venha de novo? O reino de Deus requer o rei de Deus.

Resposta: É verdade que a Bíblia nos ensina que o pecado, incredulidade e rebelião contra o Senhor não podem ser vencidos neste mundo caído, até que o Rei chegue. Mas ela nos ensina também que o Rei já chegou – e naquele tempo estabeleceu Seu reino sobre a terra. Ele não partiu deste mundo como um derrotado, abandonando um trono e qualquer esperança para o reino no tempo presente. Ele deixou este mundo como vitorioso (Efésios 1:19-23; cf. 2 Coríntios 2:14), precisamente para ser entronizado como Rei sobre o Seu reino. Àqueles que dizem “nenhum reino sem um rei, dizemos “O Rei já chegou!”. Apenas reflita sobre as comoventes palavras do hino “Joy to the World” (Alegria para o Mundo): Que a terra receba o seu Rei! Cristo veio para fazer as nações provarem as maravilhas do Seu amor – e fazer Suas bênçãos fluírem onde quer que a maldição seja encontrada.

Pergunta: Apocalipse 20 não diz que o milênio – o tempo do reino de Deus sobre a terra – não acontecerá até que Jesus venha de novo?

Resposta: Na verdade, Apocalipse 20 nos mostra que o milênio começou no tempo que Jesus veio pela primeira vez – quando o poderoso Mensageiro (“anjo”) do céu desceu e aprisionou Satanás, para que ele não mais ensinasse as nações (Apocalipse 20:1-3). Isso aconteceu na primeira vinda do nosso Senhor. Ele veio do céu para aprisionar o homem forte, Satanás (Mateus 12:28-29), e pelo evangelho o impede de enganar as nações (Mateus 28:18-20). Apocalipse 20 identifica o tempo do milênio como o tempo da “primeira ressurreição” (v. 5). Jesus ensinou que haverá duas ressurreições (João 5:25-29). A primeira ressurreição ocorre quando aqueles que estão espiritualmente mortos ouvem a voz do Filho de Deus no evangelho, e são ressuscitados para a nova vida. Assim, Paulo falou de crentes que tinham estado mortos em delitos e pecados como tendo ressuscitado com Cristo (Efésios 2:1, 6). A segunda ressurreição acontece quando todos os homens, os salvos e perdidos, são fisicamente ressuscitados dos túmulos para o juízo final (João 5:28-29). Assim, então, essa era atual – o tempo da primeira ressurreição – é bíblicamente identificada como a era do milênio. Finalmente, Apocalipse 20 ensina que após o milênio

terminar, aqueles que se rebelaram contra Cristo serão destruídos com “fogo do céu” (v. 9) – que é uma figura de linguagem bíblica familiar para o retorno de Jesus Cristo (e.g., 2 Tessalonicenses 1:7-8; 2 Pedro 3:7). Portanto, de acordo com Apocalipse 20, o retorno de Cristo será após o milênio (pós-milenismo).

Pergunta: Como pode ser esperado crer que este mundo ficará melhor, quando vemos todos os efeitos horríveis do pecado e da incredulidade ao nosso redor hoje?

Resposta: A mesma questão poderia ser feita sobre conversões individuais e sobre crescimento individual na graça. Quando vemos quão horrível e poderosa é a incredulidade no homem não regenerado, como podemos crer que alguém pode ser salvo e santificado? Bem, a resposta em ambos os casos é que Deus é soberano e pela obra poderosa do Seu Espírito Santo os homens podem ser regenerados, receber o dom da fé, e crescer em santidade. Se Deus pode fazer isso para um homem, Ele com certeza pode fazê-lo para muitos. Não há limite para o Seu poder. Quando temos pouca fé que Deus pode ou irá fazer o que Ele prometeu, precisamos abandonar nossos conceitos pequenos e entendimento finito, e descansar inteiramente sobre a verdade da Sua santa palavra. A Escritura nos assegura: *“Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”* (Isaías 9:7).

É Possível ser Pós-Milenista após Duas Grandes Guerras Mundiais?⁷

Escrito por Felipe Sabino de Araújo Neto

Sola Scriptura, somente as Escrituras, foi uma das grandes verdades resgatadas pelos Reformadores, a qual libertou a Igreja e o povo do cativeiro de Roma. Daí em diante, ninguém mais era obrigado a abraçar crenças absurdas e supersticiosas, a despeito de quem as propagasse.

Desde então, tornou-se comum no meio protestante a afirmação que a Bíblia é o grande juiz de todas as causas, sendo o nosso padrão de fé e prática, ou seja, de crença e ação. Todavia, não é isso o que muitas vezes presenciamos no meio protestante, especialmente em nossos dias.

Enquanto Roma colocava a tradição em pé de igualdade (ou mesmo superioridade) com a Escritura, o que é entronizado hoje são as supostas

experiências. Sola experientia parece ser o moto dos religiosos. Por exemplo, não adianta tentar provar a partir das Escrituras que as “línguas” mencionadas nas páginas sagradas eram idiomas estrangeiros reais, pois aqueles que crêem nas falsificações de hoje replicarão: “Mas eu experimentei isso...” ou “Fulano, que é sincero, já passou por essa experiência...”. Outros, ao tentarmos mostrar a incoerência de suas crenças, tentam “provar” a veracidade da sua religião dizendo que somente ali encontraram “a verdadeira paz, felicidade e sossego”. Sentimo-nos como se estivéssemos jogando pérolas aos porcos (Mt. 7:6)!

Semelhantemente, no campo escatológico, talvez por influência dessa “praga”, ouve-se dizer que o pós-milenismo morreu após as duas Grandes Guerras Mundiais. Em outras palavras, a experiência que os pós-milenistas tiveram em presenciar tais eventos catastróficos fez com que abandonassem o pós-milenismo, a despeito do que dizia a Escritura. Se isso aconteceu com alguém, é apenas prova que a fé do tal não estava firmada nas Escrituras. Ora, nós não andamos por vista (2Co. 5:7), nem interpretamos as Escrituras à partir do que vemos e experimentamos; pelo contrário, usamos as Escrituras para interpretar tudo e todos ao nosso redor. Não somos daqueles que reinterpretem a Escritura a cada novo noticiário, e sempre que a ciência “descobre” algo novo. Todavia, o fato de grandes obras pós-milenistas terem sido escritas após tais guerras mostra que a afirmação não passa de mera calúnia.

Ora, nenhuma guerra ou catástrofe pode abalar a fé de um pós-milenista bíblico, pois Deus não nos revelou quando será a era na qual o evangelho prosperará grandemente no mundo, e todas as áreas da sociedade serão influenciadas pela cosmovisão cristã. A cada segundo, chegamos mais perto da “Era Dourada”, mas isso não quer dizer que à medida que nos aproximamos dela, menos eventos perversos acontecerão. A própria Igreja não segue um curso linear, mas tem experimentado períodos de trevas e de grande luz, seguidos novamente por períodos sombrios. Após o magnífico período em que os apóstolos ainda estavam vivos, a Igreja passou a declinar ao longo dos anos, chegando àquele estado lamentável da época da Reforma Protestante. Se isso se dá com a própria Igreja de Deus, qual o motivo de espanto quando coisas semelhantes acontecem com o mundo? Não há incompatibilidade alguma entre isso e o que lemos nas Escrituras. Portanto, embora comum, a pergunta da possibilidade de existir pós-milenistas após tantos conflitos armados não tem fundamento algum.

Na verdade, o pós-milenista é o único que presencia o cenário mundial e não precisa mais tarde envergonhar-se do que disse ou escreveu, pois faz uso apenas da Escritura, e não da “experiência”. Diferentemente dos dispensacionalistas (maioria esmagadora no meio cristão), o pós-milenista não vive tentando encontrar cumprimentos de profecias em nossos dias. Não fazemos exegese de jornal,⁴ mas sim da Escritura. Tal método infame de lidar

com a profecia sagrada já rendeu o título de anticristo a muitas personalidades históricas, tais como Napoleão Bonaparte, Hitler, Stalin, Mussolini, John F. Kennedy, etc. Assim, diante de tantas falsas predições (inclusive por teólogos de renome), é mais coerente perguntar: É possível ser dispensacionalista após duas grandes guerras mundiais? É possível ser dispensacionalista após Hitler ter fracasso em ser o anticristo? É possível ser dispensacionalista após tantas falsas predições? Com certeza a resposta é NÃO, e a prova disso é que os livros dispensacionalistas antigos (cujas falsas previsões já foram desmascaradas) são verdadeiros embaraços para os seus seguidores. Mas eles continuam ignorando os seus erros, e cometendo novos conforme o cenário mundial sofre mudanças. Infelizmente, não poucos amilenistas⁸ são influenciados pelo método de “exegese” dispensacionalista, e costumam dizer que estamos nos “últimos dias” ao presenciarem o aumento da violência e criminalidade no mundo.

Cristo disse que *“passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar”* (Lucas 21:33). Sendo assim, coisa alguma pode abalar a fé bíblica pós-milenista, pois fiel é aquele que prometeu (Hb. 10:23).

A Conspiração da Semente de Mostarda⁸

Escrito por Brandon Vallorani

Por que um ministério bíblico de cosmovisão que ensina as pessoas sobre a herança cristã da América entra no assunto controverso da profecia bíblica? O que profecia bíblica tem a ver com a história da América? A resposta é muito simples. O que as pessoas crêem sobre o futuro impacta como elas vivem hoje. À medida que saímos e ensinamos as pessoas sobre os fundamentos cristãos da América e como restaurar esta nação, descobrimos que os cristãos invariavelmente perguntam: “Por que se importar em arrumar a América, se o mundo findará em breve?”. Essa é uma grande pergunta. Infelizmente, muitos cristãos têm abraçado os falsos ensinamentos de “experts” em profecia contemporâneos, e crido que estamos à beira do final da história. Se a American Vision² não lidar com esse falso ensino, é inútil ensinar sobre a rica herança cristã da América. Não teremos sucesso em restaurar o fundamento bíblico da América se os cristãos correrem para as montanhas, aguardando o fim do mundo.

A visão da American Vision sobre a grande tribulação, os últimos dias e o final dos séculos é controversa e frequentemente mal-entendida. Quando algumas pessoas ouvem pela primeira vez que as profecias lidando com os “últimos dias” se cumpriram no primeiro século – durante a destruição de

Jerusalém – elas ficam zangadas. É como se a American Vision tirasse a esperança delas. Sem dúvida, nada poderia estar mais distante da verdade! American Vision fornece esperança em sua totalidade! Quanto ao tempo da grande tribulação, os últimos dias, e o fim dos séculos, nós simplesmente tomamos a Bíblia como ela é. Jesus declarou explicitamente que essas coisas aconteceriam no primeiro século (Mt. 24:34). As palavras de abertura do Livro de Apocalipse declaram que os eventos daquele livro aconteceriam em breve: *“Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo; O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem”* (Ap. 1:1). Se não tiver lido, recomendo a leitura dos seguintes livros de Gary DeMar, para ajudar você a explorar e entender essa interpretação mais claramente: *Last Day Madness, Is Jesus Coming Soon?, Myths, Lies, & Half-Truths.*

Outro equívoco comum que devemos sobrepujar é a idéia que as coisas más acontecendo no mundo hoje é parte de um inevitável declínio. Francamente, pessoas que têm esse equívoco são tristemente ignorantes de história. Considere o triste estado da Igreja em 30 de Outubro de 1517. Sim, o próprio dia em que o monge por nome Martinho Lutero pregou suas famosas “95 Teses” na porta da Igreja em Wittemberg, e mudou para sempre o curso da história.

Apenas imagine onde estaríamos se Lutero tivesse decidido que já era tarde demais para tentar mudar o mundo. Quando você olha para trás e contempla eventos dos últimos 2.000 anos, uma coisa se torna clara: sempre tem havido pessoas pecaminosas e retrocessos morais, mas a Igreja continua a crescer e sobrepujá-los. Hoje, igrejas preenchem a paisagem. Há pessoas como Martinho Lutero que estão tomando pequenos passos que eventualmente resultarão num impacto global. Isaías 11:9 promete que um dia “a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar”.

O ponto principal é que a parte mais escura da história humana acabou. Temos agora a esperança de um Reino crescente e expansivo a caminho. No livro de Daniel, temos uma figura vívida do tempo, poder e escopo do Reino de Cristo. Daniel 2 nos fala sobre o sonho que o Rei Nabucodonosor teve da grande imagem de ouro, prata, bronze, ferro e barro. Daniel interpreta a imagem como representando quatro reinos que governariam a Terra: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Incidentalmente, essa passagem não ensina que haverá um segundo ou “revivido” Império Romano no futuro.

A pedra que esmaga a imagem nos versículos 34-35 representa o Reino de Cristo. Em Dn. 2:44, Daniel declara que nos dias do quarto reino (Roma), *“o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele*

mesmo subsistirá para sempre”. Centenas de anos após Daniel ter feito essa profecia impressionante, João o Batista entra em cena, durante o Império Romano, e chamando o povo ao arrependimento: *“Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus!”*. Sem dúvida, Jesus também ensinou que o seu Reino estava para ser inaugurado. Em Mateus 4:17, Jesus também declara: *“Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus”*.

Quando Cristo ascendeu à mão direita do Pai, ele finalmente recebeu o Reino lhe prometido (Hb. 1). Desde então, Jesus tem estado reinando sobre o seu Reino. 1 Coríntios 15:25 declara: *“Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte”*. Jesus, nosso Rei vitorioso, está no processo de conquistar seus inimigos sobre a Terra. Observe o que Jesus diz sobre a natureza do seu Reino em Mateus 13:31-33: *“O reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo; o qual é, realmente, a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas, e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu, e se aninham nos seus ramos. Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado”*. O profeta Isaías declara, *“do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino...”* (Isaías 9:7).

Os “experts” em profecias modernos, que têm existido e errado em todas as gerações, complicam desnecessariamente a profecia bíblica. Ao invés de tomar as palavras da Escritura em seu sentido real, eles usam o jornal para interpretar a verdade preciosa de Deus, criar quadros complicados, introduzir intervalos na Bíblia, e ignorar o Reino de Cristo. Esses “experts” são aqueles que têm tirado nossa esperança e visão para o futuro. Eles têm pegado eventos tenebrosos do primeiro século e colocado em nosso futuro. Têm trocado o reino de vitória de Cristo por uma era parentética de maldição e trevas.

Talvez agora você saiba o porquê a profecia bíblica é uma parte importante da mensagem da American Vision. Temos visto inúmeras vidas transformadas como resultado do povo descobrindo que o mundo não está terminando amanhã, e que o Reino de Cristo será vitorioso sobre a Terra. Os fundadores da América compartilhavam essa visão também. Na Confederação da Nova Inglaterra de 1643, os Peregrinos declararam: *“Todos nós chegamos a essas partes da América, com um e o mesmo fim e objetivo, a saber, avançar o Reino de nosso Senhor Jesus Cristo”*. A American Vision existe para ver essa visão realizada.

Não ceda às predições catastróficas tão prevalecentes hoje. Lembre-se da parábola da semente de mostarda. O Reino está crescendo!

O Futuro Glorioso da Igreja⁹

Por Hermes C. Fernandes

O evangelho de Jesus Cristo é a única mensagem que traz esperança para o mundo. Às vésperas de 2012, a mensagem mais em voga nos púlpitos de todo o globo é “o fim do mundo”. Pregadores bem intencionados exortam o rebanho a que esteja preparado para o arrebatamento da igreja. Segundo eles, os sinais proféticos estão se cumprindo, e a qualquer momento, a besta emergirá do mar, o Anticristo subirá ao trono, e se iniciará a grande tribulação. Acontecimentos recentes como a queda do muro de Berlim, o Mercado Comum Europeu, a quebra das bolsas de valores em todo o mundo, a globalização, o avanço tecnológico sem precedentes, a clonagem de animais, e muitos outros, são elevados à posição de sinais dos tempos, e servem de gancho às admoestações acerca do fim. Isso sem contar os cataclismos naturais, como furacões, terremotos, erupções vulcânicas, o efeito estufa e outros.

Afinal, que esperança podemos ter com respeito a este mundo, se tudo o que o espera é destruição, e nada mais?

Se o mundo está perto do fim, então, por que muitos cristãos teimam em lutar em favor da justiça social, engajando-se na política, criando organizações não-governamentais e envolvendo-se nos mais diversos projetos sociais? Não será isso um contra-senso? Não creio que valha a pena lutar por algo que está perto do seu fim. Se o fim está próximo, como advogam alguns, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.

Será que a mensagem do evangelho é realmente pessimista quanto ao futuro do mundo? E quando Cristo retornar à Terra, que situação Ele encontrará aqui? Será que Ele se deparará com uma Igreja apóstata, e um mundo perdido, ou com uma Igreja triunfante, e um mundo transformado pelo Evangelho?

Para respondermos a estas questões, precisamos recorrer à infalível Palavra de Deus, em vez de recorrermos às tradições religiosas. Infelizmente, muito daquilo que tem sido ensinado em nossos púlpitos não passa de tradição de homens. E o pior, é que o rebanho aceita passivamente qualquer ensinamento sem se dá o trabalho de examiná-lo à luz das Escrituras.

Leia com atenção o relato bíblico acerca da visão que Deus deu a Nabucodonozor, narrada no livro de Daniel acerca do futuro do mundo:

“Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mãos, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles. MAS A PEDRA QUE FERIU A ESTÁTUA SE FEZ UM GRANDE MONTE, E ENCHEU TODA A TERRA...Mas, nos dias destes reis, o

Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído. Este reino não passará a outro povo, mas esmiuçará e consumirá todos estes reinos e será estabelecido para sempre”. DANIEL 2:34-35, 44.

Após ver uma grande estátua que representava quatro grande impérios mundiais, Nabucodonozor viu uma pedra que era arremessada contra ela, derrubando-a. Esta pedra representa o reino de Deus, como deixam claro os versículos 44 e 45. Ao derrubar a grande estátua, ferindo os seus pés, ela cresce e se torna uma enorme montanha. Aos poucos, esta montanha vai enchendo toda a terra!

Jesus veio trazer esta pedra, sobre a qual a igreja foi edificada. Ele disse a Pedro:

“Bem-aventurado és tu, Simão Bar-jonas, pois não foi carne e sangue quem to REVELOU, mas meu Pai que está nos céus. E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre ESTA PEDRA edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. MATEUS 16:17-18.

Não era Pedro a pedra sobre a qual a igreja seria edificada. Era a Revelação que ele acabara de ter que seria o fundamento da Igreja do Senhor Jesus por todas as eras. Pedro havia acabado de declarar que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus Vivo. Era esta declaração a pedra que estaria sendo arremessada contra os reinos deste mundo, derrubando-os, e ao mesmo tempo, seria ela o fundamento sobre o qual a Igreja seria edificada. Essa pedra, ou essa revelação, haveria de tornar-se uma montanha que encheria toda a terra.

A Igreja edificada sobre a pedra da revelação, seria a Cidade edificada sobre o monte, iluminando todas as nações da Terra (Mt.5:14-16 e Ap. 21:24). É desta Cidade que o salmista diz que *“o seu FUNDAMENTO está nos MONTES SANTOS”*. Como que num êxtase espiritual, ele exclama: *“...Coisas gloriosas se dizem de ti, ó cidade de Deus”* (Salmo 87:1,3).

Diante disto, não nos resta alternativa a não ser nutrirmos a esperança de que o mundo há de ser iluminado pela Cidade de Deus, que é a Igreja do Deus Vivo. Aquela pedra arremessada contra os reinos deste mundo está crescendo a cada dia. Ela é a responsável pela queda do muro de Berlim e do comunismo em todo o mundo. Foi essa mesma pedra que está derrubando o capitalismo selvagem que domina nossa economia. Nenhum sistema deste mundo pode impedir a expansão do reino de Deus.

Desta maneira, cumpre-se a promessa de Jesus de que *“aquele que cair sobre ESTA PEDRA se despedaçará, mas aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó”* (Mt.21:44). A mesma pedra que reduziu a pó os impérios da antigüidade, está despedaçando todas as fortalezas que tentam impedir o avanço do Reino de Deus. Gradativamente, o que era apenas uma pedra, vai tornando-se em um gigantesco monte, e este vai enchendo toda a terra. Jesus não veio destruir o

“mundo”, e sim despedaçar os sistemas deste mundo. À medida que estes sistemas são reduzidos a pó, o reino de Deus vai tomando o seu espaço. E isto se dá, através da revelação, do conhecimento de Deus. Isaías profetiza acerca deste avanço do conhecimento: *“Não se fará mal nem dano algum em todo o MONTE da minha santidade, pois A TERRA SE ENCHERÁ DO CONHECIMENTO DO SENHOR, como as águas cobrem o mar”*. ISAÍAS 11:9.

Quando a Cidade de Deus é erigida no Monte, Sua luz é vista por todas as nações. E esta luz diz respeito ao conhecimento, à revelação do evangelho. Quando esta luz é emitida do alto do monte de Deus, as trevas da ignorância são dissipadas, e o conhecimento é multiplicado (Dn.12:4).

Neste início de milênio, a Igreja de Jesus precisa levantar-se, e cumprir o seu papel de alumiar as nações. Temos que deixar o ostracismo, a inércia, a apatia, e levantarmos, a fim de que a luz de Deus seja manifestada nos mais escusos lugares da Terra. Isaías profetiza: *“Levanta-te, resplandece, pois já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. As trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor vem surgindo, e a sua glória se vê sobre ti. AS NAÇÕES CAMINHARÃO À TUA LUZ, e os reis ao esplendor que te nasceu”*. (Isaías 60:1-3).

Se há trevas sobre a terra, e a escuridão cobre os povos, é porque não estamos cumprindo o nosso papel. A glória de Deus está sobre nós, o que é que estamos esperando? (ver 2 Co. 4:6). As nações esperam por nós. Elas só poderão caminhar à nossa luz. Elas somente se desenvolverão com justiça e paz se a Igreja refletir a luz da glória de Deus. Assim que as nações forem iluminadas pela luz emitida por nós, a Cidade de Deus, elas virão e se prostrarão ante à glória do Senhor e ao Seu conhecimento.

Veja o que diz o profeta: *“Nos últimos dias se firmará o MONTE DA CASA DO SENHOR no cume dos montes, e se engrandecerá por cima dos outeiros; concorrerão a ele todas as nações”*. ISAÍAS 2:2. As nações somente poderão obedecer aos mandamentos de Jesus, quando forem iluminadas pelo esplendor da Igreja. Se não houver revelação, não haverá obediência. Quando emitimos a luz do Senhor, as vendas caem, e olhos são iluminados. E é o Espírito Quem remove as vendas, dando revelação. Segundo Paulo, o Espírito de Deus *“é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a REVELAÇÃO do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas se manifestou agora, e foi dado a conhecer pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento de Deus, a TODAS AS NAÇÕES PARA OBEDIÊNCIA DA FÉ”* (Rm.16:25-26).

Veja que a revelação do mistério de Deus não deveria ser monopolizada pela Igreja. Deus desvendou-nos os olhos para que víssemos a luz, e a refletíssemos

a todas as nações para obediência da fé. Não podemos esperar que as nações se convertam ao evangelho, se não estamos cumprindo o nosso papel.

Cabe à Igreja irradiar a luz de Cristo, e ao Espírito Santo conceder revelação. *“Pois Deus que disse: Das trevas resplandecerá a luz, é quem brilhou em nossos corações, para ILUMINAÇÃO DO CONHECIMENTO da glória de Deus, na face de Jesus Cristo”* (2 Co.4:6). Lembre-se que esta revelação começou com uma pequena pedra, a confissão da Divindade de Cristo. Agora, paulatinamente, esta revelação foi se ampliando, até tornar-se num monte.

A Igreja está edificada sobre o Monte da Revelação. Se a Igreja tem revelação, ela está apta a refletir a glória de Deus às nações e povos da terra. À medida que eles são iluminados, eles concorrem ao Monte de Deus e lá, recebem revelação.

Primeiro, as nações devem ser atraídas ao Monte de Deus, através da luz irradiada pela Cidade de Deus. Sua luz é realmente atrativa. Porém, para subir à Cidade de Deus (que é a Igreja), os homens precisam subir o Monte de Deus. É lá no Monte do Senhor que a revelação é dada. De acordo com a profecia dos lábios de Isaías, Deus *“destruirá neste MONTE a máscara do rosto, com que todos os povos andam cobertos, e O VÉU com que TODAS AS NAÇÕES SE ESCONDEM. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Deus as lágrimas de todos os rostos; tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra. O Senhor o disse”* (Is. 25:7-8).

Que véu é este, atrás do qual as nações se escondem? O véu da ignorância espiritual. Porém, *“em Cristo ele é abolido”* (2 Co.3:14b). *“Quando um deles se converte ao Senhor então o véu é-lhe retirado”* (v.16). A partir daí, com o rosto descoberto, o homem já pode compreender os mandamentos de Deus, e praticá-los. Sem que este véu seja removido, o homem não está apto a obedecer à Palavra de Deus. Quando o véu nos é retirado, não apenas somos iluminados, recebendo revelação, como também passamos a refletir a luz que recebemos. Paulo complementa seu argumento, afirmando que, *“todos nós, com o rosto descoberto, REFLETINDO A GLÓRIA DO SENHOR, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”* (II Co. 3:18).

Jamais as nações poderão andar à nossa luz, se teirmos em ocultar a glória em nós revelada. Não podemos impedir o acesso ao Monte do Senhor. Não temos o direito de monopolizar o conhecimento de Deus. Ele não é monopólio de quem quer que seja. O cristianismo não é uma religião de mistério, como aquelas que povoam o Oriente. O cristianismo é o veículo da revelação de Deus para o mundo. Qualquer um que desejar conhecer os mistérios de Deus deve ter acessos a eles. Se Ele desejar revelar, Ele o fará. O que nós não podemos é ocultar o que Deus nos tem mostrado.

Tal qual Filipe que se tornou um poderoso instrumento de Deus para levar a luz do Evangelho aos Samaritanos, a Igreja precisa proclamar as Boas-Novas do Reino àqueles povos que ainda não foram alcançados. Segundo o relato bíblico, “*houve grande alegria naquela cidade*” onde Filipe proclamou a Verdade Eterna (At.8:8). É esta alegria que haverá em cada cidade da Terra, quando o conhecimento de Deus inundar as nações do mundo.

Esse mesmo Filipe, após abalar Samaria, “*levantou-se, e foi. No caminho viu um etíope, eunuco e alto funcionário de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adorar. Regressava, e assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. Disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. Correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e perguntou: Entendes tu o que lês? Ele respondeu: COMO PODEREI ENTENDER, SE ALGUÉM NÃO ME ENSINAR?*” (At.8:27-31a).

Por que o Espírito não deu revelação ao eunuco acerca do que ele lia? Simplesmente porque o veículo usado por Deus para difundir o conhecimento é a Igreja. O Espírito, a Palavra e a Igreja formam um tripé onde repousa a revelação de Deus. O Espírito não trabalha senão pelo canal escolhido por Deus, a Igreja. É por ela que a multiforme sabedoria de Deus é manifesta. Até o anjos, se desejarem conhecer os mais profundos mistérios de Deus, terão que atentar para a Igreja. No caso de Filipe e o eunuco, o Espírito Santo trabalhou em cumplicidade com o evangelista. Quantos “eunucos”, altos funcionários de governos estão recebendo a revelação de Deus atualmente?

A Igreja de Jesus precisa promover o evangelismo em massa como Filipe fez em Samaria. Mas também precisa promover o evangelismo pessoal como Filipe fez com o eunuco. Além disso, a Igreja precisa promover um evangelismo de influência. O que é isso? Aquele eunuco era um alto funcionário do seu governo. Era, sem dúvida, alguém muito influente em seu país. Evangelizando-o, Filipe estaria atingindo um número maior de pessoas do que em suas campanhas em Samaria.

Pense comigo: A reforma protestante atingiu não apenas o “povão”, mas os mais influentes homens da Europa. Foram esses que deram abrigo a Lutero quando o clero o perseguia. Pensando assim, podemos dizer que quem pregou o Evangelho a Paulo foi o responsável direto pela conversão de milhares de pessoas em todo o mundo. Ainda que Ananias tenha sido um cristão simples, sem fama, quase anônimo, ele foi o instrumento de Deus para levar o Evangelho ao maior apóstolo de todos os tempos.

O mesmo Pedro que numa noite lançou a rede e pescou cento e cinquenta e três grandes peixes, recebeu de Cristo a ordem que lançasse o anzol, a fim de que pescasse um único peixe, dentro do qual haveria o dinheiro necessário para pagar os impostos dele e de Jesus. Não podemos desperdiçar nenhuma

oportunidade. Cada pessoa que aproximar-se de nós, deve ser conduzida ao Monte do Senhor.

A promessa de Deus é esta: *“Aos estrangeiros que se chegarem ao Senhor para o servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos seus...também os levarei ao meu SANTO MONTE, e os alegrarei na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, pois a minha casa será chamada CASA DE ORAÇÃO PARA TODOS OS POVOS”*. ISAÍAS 56:6-7.

Não podemos esperar que Deus faça tudo sozinho. Ele deseja trabalhar através de nós. Ele bem que poderia usar os anjos, mas preferiu usar a Igreja para levar às nações o conhecimento do mistério da fé. Está chegando o dia em que *“virá toda a humanidade a adorar na minha presença, diz o Senhor”* (Is.66:23).

“Os que forem sábios” disse o anjo do Senhor a Daniel, “RESPLANDECERÃO como o fulgor do firmamento, e os que a muitos ENSINAM A JUSTIÇA refulgirão como as estrelas sempre e eternamente... Muitos correrão de uma parte para outra, e o CONHECIMENTO SE MULTIPLICARÁ” (Dn.12:3, 4b).

Se realmente almejamos esse dia, temos de resplandecer a luz da glória de Cristo, ensinando a justiça aos povos, promovendo a multiplicação do conhecimento. Foi por isso que o último mandamento de Jesus aos Seus discípulos foi: *“Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ENSINANDO-OS a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado. E certamente estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”* (Mt. 28:18-20).

Os sistemas deste mundo estão feridos de morte; os poderosos deste mundo estão sendo reduzidos a nada. Este é o momento propício para que discipulemos as nações, levando-as à obediência da fé. A mensagem do Evangelho é de esperança, e não de derrota. Jesus não será recebido por uma Igreja derrotada, incapaz de levar a cabo o Seu Ide.

Muitos advogam a idéia de que estas profecias dizem respeito a um tempo específico chamado Milênio, quando Cristo viria reinar sobre a terra. Porém, não é esta a posição encontrada nas Escrituras. Assim como pela Igreja a sabedoria de Deus é conhecida pelos principados e potestades, será por meio dela que Cristo encherá a Terra do Seu conhecimento.

O pensamento predominante no meio evangélico contemporâneo é que Cristo virá a Terra num tempo em que a apostasia estará dominando a Igreja. Eles se baseiam em algumas passagens mal interpretadas, como aquela em que Jesus pergunta: *“Quando, porém, vier o Filho do homem, achará fé na terra?”* (Lc.18:8). A prova da inconsistência desta interpretação é óbvia. Se Cristo não

vai encontrar fé na terra, então, quem Ele vem encontrar? Seria viagem perdida vir à Terra sem que houvesse alguém com quem Ele pudesse encontrar-Se.

Nesta passagem, Jesus não está falando sobre a Sua Vinda, e sim sobre a resposta ao clamor de alguém que deseja ver a justiça de Deus manifesta em sua vida. Ele havia acabado de contar uma parábola que falava acerca de uma viúva que clamava pela intervenção de um certo juiz iníquo. De tanto insistir, sem esmorecer na fé, aquela mulher acabou sendo atendida. Segundo Jesus, Deus está sempre disposto a fazer justiça aos Seus escolhidos, mesmo que os faça esperar. É neste contexto que pergunta: Quando vier o Filho do homem, achará fé na terra? Isto é, quando Sua justiça se manifestar, a pessoa que a buscou se manterá firme na fé?

Lembre-se que no começo deste capítulo, Lucas deixa bem claro que o assunto que Jesus estava introduzindo através desta parábola era “*o dever de orar sempre, sem jamais esmorecer*”. Portanto, o que estava em pauta não era o Seu Retorno, e sim a manifestação da Sua justiça, em resposta às súplicas dos Seus escolhidos. O verbo grego traduzido por “vir” neste texto pode ser traduzido por “manifestar”. Quando retornar à Terra, Jesus vai encontrar uma Igreja Viva e Poderosa, que há de recebê-LO nos ares, como o grande Imperador do Universo, Rei dos reis, Senhor dos senhores.

É por isso que este evento é chamado em grego de parousia. Esta palavra era usada para definir a chegada triunfal de um imperador romano. Quando ele estava à portas, chegando de uma batalha ou de uma viagem, seu povo saía ao seu encontro para recebê-lo com vivas e júbilo. Assim também, quando nosso Senhor vier para assumir pessoalmente os reinos deste mundo, nós O recebermos nas nuvens com júbilo e gozo.

Naquele dia, poderemos cantar o salmo 48, que diz: “*Grande é o Senhor e mui digno de louvor, na CIDADE DO NOSSO DEUS, NO SEU SANTO MONTE...A ALEGRIA DE TODA A TERRA...*” SALMO 48:1-2. Sabe por quê houve grande alegria entre o povo de Samaria quando Filipe lhes pregou a Cristo? Porque aquele povo foi conduzido ao Monte Santo de Deus.

Quando Ele vier, a pedra aqui deixada, terá se tornado em um grande monte, e sobre ele estará a Cidade de Deus, e esta trará alegria a toda a Terra. Ele não vem em busca de uma igreja foragida, covarde e incompetente. Ele vem ao encontro de uma Igreja poderosa, fervorosa e triunfante!

O pequeno grão de mostarda, terá se tornado numa grande árvore, que aninhará todos os pássaros. A pequena quantidade de fermento terá levedado toda a farinha, e o reino de Deus terá se expandido por toda a Terra (ver Lucas 13:18-21). Todos os inimigos terão sido vencidos. Somente a morte terá sido deixada para o final da batalha. E esta será completamente derrotada pela ressurreição dos mortos (ver ICo. 15: 24-28, 53-55).

Quando Ele vier, todas as nações da Terra terão sido disciplinadas, e estarão andando à luz da Cidade de Deus. Esta é a nossa esperança!

À vista destas verdades, o que é que podemos fazer? É tempo de nos levantarmos e aproveitarmos cada oportunidade que se nos apresenta. Nunca a Igreja foi tão equipada como agora. Os recursos fornecidos pela tecnologia nos oferecem a oportunidade de alcançarmos o mundo inteiro com Evangelho de Cristo em tempo recorde. Se os apóstolos conseguiram evangelizar todo um continente em apenas dois anos, o que não poderíamos com as facilidades das quais dispomos. Temos que fazer uso de cada recurso. A internet, por exemplo, pode ser uma bênção para a Igreja do século XXI. E o que dizer dos meios de comunicação de massa, tais como TV, rádio, imprensa escrita e outros? Deus não nos terá por inocente se não aproveitarmos as chances que nos são dadas hoje. Creio que Deus permitiu o avanço tecnológico deste século para o uso da Igreja. Não tenho a menor dúvida sobre isso.

Imagine se os apóstolos vivessem hoje, se eles desperdiçariam as oportunidades que nosso tempo oferece. Se não levarmos isto a sério, sofreremos prejuízos em nossos galardões, e a censura de Cristo diante do Seu tribunal. Louvado seja Deus pela eletricidade, pela telefonia, pela informática, pelas linhas aéreas, pelas auto-estradas, pelas vias férreas, pelos grandes cruzeiros marítimos, pela internet, por cada satélite que orbita a Terra, possibilitando a comunicação à distância.

Graças a Deus pela enorme possibilidade que a Igreja tem hoje de encher a Terra com o conhecimento de Deus. Pelo jeito, este não é o fim, e sim o começo de um novo tempo. Aproveitemos as possibilidades oferecidas por este novo tempo, e avancemos na conquista das nações para Cristo. Afinal, são as nações a Herança de Deus para o Seu Filho Amado, com o qual somos co-herdeiros. Ele nos tem mostrado o poder das suas obras, dando-nos a herança das nações! (Sl.111:6).

BIBLIOGRAFIA

1. Artigo: Pós-Milenismo: Um Resumo. Autor: Dr. Kenneth L. Gentry. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
2. Artigo: Lucas 18.8 e o Pós-Milenismo. Autor: Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 479-482. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
3. Artigo: Mateus 7.13-14 e o Pós-Milenismo. Autor: Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 473-476.

4. Artigo: O Pós-Milenismo versus 2ª Timóteo 3.1-4, 13. Autor: Rev. Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 491-93.
5. Artigo: O Reino de Cristo não é Deste Mundo? Autor: Gary North. Site: www.escatologiasemcensura.blogspot.com
6. Artigo: O Reino de Cristo. Autor: Dr. Greg L. Bahnsen. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.escatologiasemcensura.blogspot.com
7. Artigo: É Possível ser Pós-Milenista após Duas Grandes Guerras Mundiais? Autor: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
8. Artigo: A Conspiração da Semente de Mostarda. Autor: Brandon Vallorani. Fonte: <http://www.americanvision.org/articlearchive2007/12-14-07.asp> - Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com
9. Artigo: O Futuro Glorioso da Igreja. Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.escatologiasemcensura.blogspot.com

Conclusão¹

Escrito por César Francisco Raymundo

Sei muito bem que este livro possivelmente lhe causou muito desconforto e talvez, indignação. Mas, o fato é que não podemos por em risco nosso futuro físico, mental, emocional e espiritual por causa de ensinamentos errados. A segunda Vinda de Cristo é um assunto muito sério para que seja tratada como ficção e fantasia. Já chega os mundanos que promovem filmes sobre um futuro negro para a humanidade e ainda temos que ver cristãos fazendo o mesmo.

Olhando por um ponto de vista, o nosso mundo está como sempre esteve. Sempre houve guerras, violências, tempestades, enchentes, furacões, tsunamis etc. O grande diferencial de nossos dias é a informação. Graças a tecnologia as coisas não acontecem mais às escondidas como em outros tempos. Hoje vemos violência, guerra e a revolta da natureza em tempo real e por isso nos impressionamos como se esses fatos fossem algo novo.

É verdade também que o mundo evoluiu de uns anos para cá. Depois das duas grandes guerras mundiais foram criados a ONU, os Direitos Humanos e os Tribunais Internacionais para julgarem crimes de guerras. Depois da crise mundial de 1929 (chamada de Grande Depressão) muita coisa também mudou no mercado financeiro. E a cada crise mundial que acontece, também acontecem mudanças para que o mundo não entre em um colapso total. As crises também passam!

Nos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 contra as torres gêmeas nos Estados Unidos, as pessoas do mundo inteiro se uniram para repudiar aqueles atos terroristas. Hoje em dia as pessoas repudiam as guerras! Também a primavera árabe já floresce em nossos dias, governos antes ditatoriais agora estão caindo um a um. As pessoas pedem por paz e democracia em seus países! Tudo isto graças à informação. Para mim, não tenho dúvidas de que a internet é a grande “heroína” para o bem da humanidade. O excesso de informação através da internet está transformando o mundo. As pessoas podem saber sobre seus direitos, democracia, liberdade e se prevenir de doenças.

Hoje em dia temos fóruns mundiais sobre economia, saúde, guerras, tudo isto para promover a paz e o bem estar social. Em nossos dias vemos também o avanço da medicina, o aumento da expectativa de vida da população mundial graças à qualidade de vida e a medicina preventiva. A taxa da mortalidade infantil também tem caído muito no mundo inteiro. Tudo isto parece ser o começo do cumprimento Isaías 65.20 que diz: *“Não haverá mais nela criança*

para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado”.

É verdade que o mundo não está como queremos, mas toda essa evolução em nosso mundo é prova de que Jesus tem vencido todos os seus inimigos. Ele venceu todos aqueles que foram seus inimigos em seus dias, venceu todos os imperadores romanos, venceu o catolicismo da época medieval através da reforma protestante, derrubou o comunismo na ex União Soviética, regime este que tanto perseguia o povo de Deus.

Enquanto os crentes acham que a Globalização e a tecnologia de hoje servirão ao Anticristo, a Bíblia mostra o contrário. Tudo será em benefício do Reino milenar de Jesus Cristo. Graças a tecnologia a terra está se enchendo do conhecimento do Senhor (Isaías 11.9; Habacuque 2.14)

É verdade que temos violência em muitas de nossas cidades como também temos muitíssimos lugares onde se reina a paz e o respeito. Muitas maldades cometidas hoje já foram também cometidas antes de Cristo, portanto, não há nada de novo debaixo do Sol. Talvez alguém dirá que a nossa juventude está totalmente perdida e que por isto não há esperança para o futuro. Mas, observe o que diz uma carta que foi escrita quinhentos anos antes de Cristo. Nesta carta foi escrito o seguinte sobre a juventude da época: “A juventude de hoje não mais respeita os pais. E não mais se prepara para a guerra. Ao contrário, se prepara para os prazeres. A juventude de hoje, principalmente a mais rica, se diverte estuprando suas escravas e matando por prazer seus escravos. Eu não vejo futuro na juventude”.²

Apenas dois mil e quinhentos anos nos separam desta carta. Existe nela algo diferente de nosso tempo?

Portanto, o joio e o trigo, o bem e o mal, continuarão existindo enquanto Jesus não vem, mas é verdade que até lá Ele vencerá todos os seus inimigos e o último inimigo a ser vencido será a morte. O nosso problema tem sido a ingratidão. Não somos agradecidos pela era em que vivemos. Uma pessoa grata demonstra que tem confiança em Deus. Os crentes, infelizmente, vivem caminhando por vista, moldam sua fé pelas últimas notícias dos jornais. Basta ter um tsunami no Japão e pronto! Já dizem eles que estamos no fim e tudo ficará pior! Mas se esquecem de ver que o Japão também já se reergueu.

Nosso Senhor Jesus Cristo nos chamou para uma viva esperança. Por isto, comece a ver o outro lado da moeda, não veja apenas o futuro negro que os “experts” em profecia mostram. Nossa esperança não está nesta terra, mas é fato que antes que Jesus venha, o Milênio chegará em sua era dourada.

E assim, finalizo com uma palavra muito sábia de um rabino ao ser perguntado se o mundo está realmente melhorando. Embora os judeus ainda

esperem pela primeira vinda de Jesus, esse rabino foi muito sábio em sua resposta:

“O mundo está realmente melhorando?”

Pergunta ao rabino...

Você está sempre falando sobre como o mundo está pronto e preparado para a Era de Mashiach [Messias]. Não vejo como. Para mim parece um mundo bastante feio. Parece que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Respondendo...

Isso é porque você não vê de onde ele está vindo, como costumava ser e o quanto mudou.

Deixe-me ilustrar. Hoje em dia você pode ligar de qualquer lugar para qualquer outro lugar. Imagine um telefonema ao passado. Digamos que você ligou para seus bisavós.

“Olá, bisavó, olá, bisavô! Este é seu bisneto ligando de um século depois!”

“Que bom ouvir notícias suas! Como está a vida no século 21? Você tem bastante para comer?”

“Bem, quando quero comer, vou até a minha geladeira. Ali a comida se mantém fresca”.

“Você come somente coisas frias? Que horror!”

“Não, eu coloco tudo no microondas por um minuto e a comida sai quentinha e cozida”.

Você descreve seu cardápio, incluindo produtos e pacotes de todas as partes do mundo. E não apenas a comida, mas pessoas também. Você pode tirar do bolso um aparelhinho minúsculo e conversar com alguém em qualquer parte do mundo, a qualquer hora. E se você precisa de alguma informação, ou estudar algum assunto, pode acessar milhões de computadores e muitas pessoas em todo o mundo que o ajudarão – sem ao menos sair porta a fora.

Nossa casa é aquecida no inverno e fresca no verão. Não aparece nenhum cossaco para incendiá-la. Na verdade, o governo fornece subsídios para que seus filhos possam estudar Judaísmo. Até em Moscou, o governo ajuda a construir locais de oração para judeus, bem como para pessoas de todas as religiões. As pessoas ao seu redor ensinam tolerância e amor à paz aos seus filhos. O mundo produz comida suficiente para alimentar seus seis bilhões de cidadãos.

Os cientistas, em vez de desafiarem a fé, enfatizam as maravilhas misteriosas do universo e sua unicidade essencial. Pela primeira vez na História, a guerra é olhada com desprezo e a paz é algo valioso.

Para eles, você está descrevendo um mundo miraculoso. Um mundo mais distante do mundo deles que o deles era dos mundos antigos. Eles poderiam apenas chegar a uma conclusão: Você deve estar telefonando da Era de Mashiach [Messias].

Sim, você deixou de lado alguns detalhes. Por exemplo, que você ainda deve a casa ao banco. Que a comida produzida não chega àqueles que precisam dela. Que a informação instantânea muitas vezes é usada para transmitir lixo e pornografia, em vez da sabedoria a que foi destinada. Que o mundo ainda está repleto de mal e sofrimento. Mas o ponto é: o cenário está montado, tudo está no lugar. Nunca antes o mundo esteve numa situação assim. A única coisa que falta é abrir as cortinas e acender as luzes sobre o cenário”.³

Por isto, vamos aproveitar a era em que vivemos para evangelizar e discipular as nações como nunca dantes. Desejo que o leitor tenha sido muitíssimo abençoado através desta obra. Para saber como obter mais informações sobre o assunto escatologia, veja o próximo tópico.

BIBLIOGRAFIA

1. Conclusão. Autor: César Francisco Raymundo. Site: www.revistacrista.org
2. Educador Virgílio Tomasetti Jr, em sua entrevista a Folha de Londrina. Domingo, 8 de Abril de 2007, pg. 10.
3. Artigo: O mundo está realmente melhorando? Autor: Por Tzvi Freeman. Site: www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/mundo_melhor/home.html

Índice para pesquisa no site

Em nosso site disponibilizamos mais de quinhentos artigos sobre o assunto escatologia. É claro que à medida que o tempo avança mais e mais números de artigos são acrescentados. Acesse o endereço abaixo:

www.revistacrista.org
